

Ana Cláudia Bortolozzi Maia
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho
(Organizadoras)

LEITURAS SOBRE A **SEXUALIDADE** EM FILMES

VOLUME 01

LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE EM FILMES

VOLUME 1

 **Pedro & João**
editores

**Ana Cláudia Bortolozzi Maia
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho
(Organizadoras)**

LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE EM FILMES

VOLUME 1



Pedro & João
editores
2019

Copyright © das autoras e dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Ana Cláudia Bortolozzi Maia; Leilane Raquel Spadotto de Carvalho (Organizadoras)

Leituras sobre a sexualidade em filmes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 179p.

**ISBN 978-85-7993-690-6 [impresso]
978-85-7993-702-6 [Ebook]**

1. Sexualidade em filmes. 2. Desenvolvimento e educação sexual. 3. Homossexualidade. 4. Transexualidade. 5. Autores. I. Título.

CDD – 150 / 370

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2019

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Ana Cláudia Bortolozzi Maia Leilane Raquel Spadotto de Carvalho	
Capítulo 1	
MOONLIGHT, SOB A LUZ DO LUAR: DISCUSSÕES SOBRE MASCULINIDADE	13
Caê Oliveira Rodrigues Giddeão Gasparini Silvério	
Capítulo 2	
TRANSAMÉRICA: REFLEXÕES SOBRE TRANSGENERIDADE	31
Bruno de Lima Dias Rafael Daltro Graciani	
Capítulo 3	
LAW AND ORDER: A VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA	45
Amira Rabah Julia Pacheco Fanton Matheus Marques Pereira	
Capítulo 4	
MY MAD FAT DIARY: QUESTÕES SOBRE A GORDOFOBIA	57
Bianca Longhitano Márcia Gabriela Ribeiro Leite Nathalia Macedo Gravalos	

Capítulo 5 GIRL: A TRANSEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA Luísa Brambilla Caldeira	71
Capítulo 6 POSE: A EDUCAÇÃO SEXUAL NA VIDA DE UM GAY NEGRO A PARTIR DA PERSONAGEM DAMON Bruno Augusto da Silva Faria	83
Capítulo 7 APENAS DUAS NOITES: ESTEREÓTIPOS HETEROSSEXUAIS NA RELAÇÃO SEXUAL Camila Alves Miranda Aline Silvério Salinas	99
Capítulo 8 BIG MOUTH: PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA Brenda Sayuri Tanaka	111
Capítulo 9 XXY: A INTERSEXUALIDADE E A IMPOSIÇÃO DE UMA ESCOLHA Danilo Silva Nakashima	129

Capítulo 10	
HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO: A SEXUALIDADE EM ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL	141
Bruna Ballen	
Érica de Souza Soardo	
Maithê Cristhine Prampéro	
Capítulo 11	
CINQUENTA TONS DE CINZA: REFLEXÕES SOBRE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS	159
Júlia Borges Nakamura	
Laís Kinosita Jacobucci	
Raphael Bogatzky Costa	
SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)	174

APRESENTAÇÃO

Ana Cláudia Bortolozzi Maia
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho

Os meios de comunicação são diversos e cada vez mais acessíveis, especialmente com o inegável avanço das tecnologias. Às revistas, ao rádio, ao cinema e à televisão, somamos os meios da era digital. Dificilmente um (a) jovem, independentemente da classe social, etnia, cultura, gênero, etc. ignora a existência desses meios; alguns com mais ou menos acesso a eles ou o conhecimento sobre a sua utilização.

No campo educacional, cada vez mais professores e professoras estão se rendendo ao uso massivo das novas tecnologias, tanto na utilização deles como recursos didáticos em sala de aula, quanto na discussão sobre o acesso a eles, por parte dos alunos (as).

Tudo que se fala na sala de aula pode ser confrontado, discordado, concordado, justificado, aprofundado, ampliado e/ou ilustrado em diferentes sites, documentários, entrevistas, *Blogs*, museus virtuais, imagens, depoimentos, etc. Ou seja, a formação inicial de diferentes profissionais, em vários campos das ciências, lida cotidianamente com os *media* que podem auxiliar nos procedimentos favoráveis ao ensino e a aprendizagem.

A educação sexual no desenvolvimento da sexualidade humana é um saber científico importante em várias graduações, porque se trata de um fenômeno inerente ao ser humano, apesar de ainda serem escassas as

disciplinas curriculares obrigatórias ou optativas que garantam a formação teórica e prática relacionada aos processos de educação sexual que tangenciam quaisquer vínculos sociais.

O curso de formação em Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” conta com uma disciplina teórica chamada **Desenvolvimento e Educação Sexual**. Tal disciplina encontra-se no projeto político pedagógico curricular do Curso de Psicologia, na ênfase da Educação, pois trata da sexualidade nas etapas do desenvolvimento humano: infância, juventude, idade adulta e idosa e dos processos educativos e preventivos que o (a) psicólogo (a) pode participar diretamente e/ou junto às equipes interdisciplinares. A finalidade é proporcionar aos (as) alunos (as) condições para reflexões teóricas e práticas sobre a sexualidade humana, instrumentalizando-os (as) como agentes de educação sexual com ética e responsabilidade.

Os objetivos da disciplina “Desenvolvimento e Educação Sexual” são é que os (as) alunos (as) possam ampliar a noção de sexualidade e de educação sexual, compreender o processo de repressão sexual a partir de uma leitura foucaultiana, problematizar questões sobre gênero e diversidade sexual e aprofundar os conhecimentos teóricos sobre a sexualidade no desenvolvimento humano.

Durante as aulas é comum o relato de alunos (as) sobre diversos documentários, séries e seriados, filmes, etc. que são parte de seu cotidiano, dos temas abordados e, em grande medida, esses exemplos possibilitam discussões proveitosas e educativas. Além disso, na elaboração de programas de educação sexual, esses meios tornam-se também recursos importantes a serem considerados. Diante dessa situação, elaboramos uma

proposta de avaliação processual para os (as) alunos (as) do curso de Psicologia que participavam da nossa disciplina que fosse ao encontro desse emergente interesse. Assim, sozinhos, em duplas e/ou trios, os (as) alunos (as) se organizaram na tarefa de escolherem uma temática de interesse e um vídeo que tratasse de tal temática e, a partir da consulta da literatura e da formação recebida no curso, realizassem uma análise crítica desse material.

Essas análises foram apresentadas em sala de aula, coletivamente, e enriqueceram a todos nós. Os melhores textos, reunidos neste livro, em forma de capítulos, dão a visibilidade que eles merecem. Filmes, séries e seriados, antigos ou recentes, ilustraram em grande medida os estudos realizados por nós e a possibilidade desses recursos serem “educativos”. Os assuntos escolhidos reúnem temáticas sobre gênero, conjugalidade, padrões de estética, adolescência e deficiência.

Três capítulos irão abarcar a temática da homossexualidade sob diferentes enfoques para reflexões, sendo eles: o Capítulo 1: **Moonlight**, de autoria de Caê Oliveira Rodrigues e Giddeão Gasparini Silvério que trata a temática durante as fases do desenvolvimento e discute também sobre a masculinidade, o Capítulo 6, **Pose**, de autoria de Bruno Augusto da Silva Faria foca a discussão no personagem Damon, refletindo o processo de educação envolvendo um jovem gay e negro e o Capítulo 10 **Hoje quero voltar Sozinho**, de autoria de Bruna Ballen, Érica de Souza Soardo e Maithê Cristhine Prampero discute a homossexualidade na adolescência com um enfoque na inclusão, a partir de um jovem gay e com deficiência visual.

Outros capítulos irão tratar sobre a transexualidade, sendo eles: o Capítulo 2, **Transamérica**, de autoria de Bruno de Lima Dias e Rafael Daltro Graciani, discute sobre a temática na fase adulta de uma mulher, além de falar sobre os estereótipos de gênero, o Capítulo 5, **Girl**, de autoria de

Luísa Brambilla Caldeira, na fase da adolescência e a dificuldade disso nas relações escolares e familiares e o Capítulo 9, **XXY**, de autoria de Danilo Silva Nakashima apresenta reflexões sobre o fenômeno da intersexualidade e os conflitos identitários de gênero.

Dois capítulos enfatizam as questões sociais diante da sexualidade na infância e adolescência: o Capítulo **Law And Order**, de autoria de Amira Rabah, Julia Pacheco Fanton e Matheus Marques Pereira trata de situações de violência sexual contra crianças e suas implicações e Capítulo 8, **Big Mouth**, de autoria de Brenda Sayuri Tanaka ilustra as vivências da sexualidade na puberdade e na adolescência.

Finalmente, outros capítulos exemplificam as faces da repressão sexual vigente, diante de padrões definidores de normalidade, ressaltando os efeitos psicossociais das diferenças que se tornam estigmas, como o Capítulo 4, **My Mad Fat Diary**, de autoria de Bianca Longhitano, Márcia Gabriela Ribeiro Leite e Nathalia Macedo Gravalos discute a sexualidade da pessoa gorda. O Capítulo 7, **Apenas Duas Noites**, de autoria de Camila Alves Miranda e Aline Silvério Salinas trata sobre padrões de relacionamentos heteronormativos e o Capítulo 11, **Cinquenta Tons de Cinza**, de autoria de Júlia Borges Nakamura, Laís Kinoshita Jacobucci e Raphael Bogatzky Costa apresenta uma discussão sobre os relacionamentos abusivos.

Esperamos que a leitura deste livro desperte em educadores (as), curiosos (as) em sexualidade e apreciadores (as) de filmes e séries: a importância de identificar a sexualidade visível nos meios de comunicação, o interesse pelo conhecimento oriundo da literatura consultada em diferentes temas e, ainda, o prazer de compartilhar conosco as reflexões oriundas das análises.

Capítulo 1

MOONLIGHT, SOB A LUZ DO LUAR: DISCUSSÕES SOBRE MASCULINIDADE

Caê Oliveira Rodrigues
Giddeão Gasparini Silvério

Introdução

Em tempos de Escola sem Partido e perseguição a uma fictícia ideologia de gênero, falar sobre sexualidade nas escolas vem se tornando uma atividade cada vez mais árdua, mas proporcionalmente mais urgente e necessária. Para que a função social da escola de transmitir o saber historicamente acumulado seja cumprida, é preciso que a discussão se faça presente para garantir o direito à educação a todos os jovens, visto que o ambiente escolar ainda é repressor para muitos deles que se enquadram em algum grupo minoritário.

A evasão escolar entre àqueles que não se adéquam à heteronormatividade é produto significativo dessa repressão (DINIS, 2011), porém, apesar de ser um pilar estruturante das relações sociais, é silenciada. Segundo Vieira (2015), dados quantitativos sobre esta discussão não são trabalhados devido à invisibilidade da questão dada pelos órgãos governamentais, contudo pesquisas qualitativas associam o abandono dos estudos da população LGBTQIA¹ ao ódio e violência contra estes jovens

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual.

na escola. A mesma autora também pontua ainda como a identidade masculina construída pela sociedade prejudica no processo de apropriação do espaço escolar pelos próprios meninos. Segundo ela, a masculinidade baseada na agressividade, indisciplina e nas noções hierarquizadas entre os gêneros reproduz a cultura de violência e afastamento de garotos da sala de aula.

Carvalho (2004) complementa este cenário ao nos apresentar dados que indicam maior índice de fracasso escolar entre os meninos do que meninas, atribuindo a isso a relação intrínseca entre masculinidade e poder não discutida pela escola. Isto corrobora para a construção de trajetórias marcadas por violência devido aos “rituais de masculinidades”, como denomina Pinho (2015) ao descrever demonstrações de força que constroem uma retórica de violência na autodeterminação do homem nas representações de poder e dominação.

Este conjunto de comportamentos transmitidos e reproduzidos por homens, é denominado por Dutra e Orellana (2017) de Masculinidade Tóxica, termo que vem atualmente marcando presença nas discussões de gênero, sexualidade e combate ao machismo. Para eles, a masculinidade tóxica se baseia na competição não só com mulheres, mas também com outros homens, descrevendo tal prática como uma tendência problemática que promove a resistência à dor, à sensibilidade e à expressão de sentimentos. Tais resistências se dão pela masculinidade estar atrelada “à violência e agressão como um ideal cultural (...) onde a força é tudo” (p. 152).

Diante do exposto, é necessário promover a discussão da temática pela busca de relações interpessoais mais saudáveis e livres de relações opressoras e hierárquicas de gênero, assim como a promoção de uma formação mais saudável de meninos no que tange à sua saúde mental e na interação com meninas ou garotos que não correspondem

à masculinidade hegemônica. Por ser o primeiro espaço de contato social para além da família, assim como um ambiente em que se espera o confronto de ideias e promoção de reflexões, consideramos a escola essencial para a formação integral dos indivíduos, assim como a educação sexual formal como método e referencial para atingir esse objetivo.

De acordo com Maia e Ribeiro (2011, p. 77), a educação sexual é um “processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento”, abrange temáticas que não se limitem à prevenção de ISTs e métodos contraceptivos, mas também discute os relacionamentos interpessoais, o desenvolvimento de sua cidadania e “a instrumentalização para o combate à homofobia e discriminação de gênero”.

A necessidade de uma educação sexual se justifica, ainda segundo os autores, pelo fato dos alunos chegarem à escola com sua bagagem individual de valores sexuais transmitidos pela cultura e influenciada particularmente por suas famílias e pelo grupo social em que estão inseridos, o que pode gerar conflitos entre as concepções. Portanto, a educação sexual não deve se limitar em orientar e meramente trazer informações, mas também discutir, refletir e questionar as concepções trazidas pelos estudantes, “de maneira a possibilitar que cada indivíduo tenha uma compreensão dos referenciais culturais, históricos e éticos que fundamentam sua visão de sexualidade e sua prática sexual” (MAIA;RIBEIRO, 2011, p. 76), proporcionando uma reflexão sobre a cultura sexual vigente e que possibilite a busca pela desconstrução das diferentes opressões de gênero.

Essa intervenção, segundo os mesmos autores, deve ser planejada e sistematizada com ações que permitam atingir os objetivos apresentados. Propõe também o uso de

vários recursos, que visem maior adequação e adesão por parte dos estudantes, como produções multimídias e dinâmicas que divirjam do modelo tradicional de aula expositiva, pois “o grupo interessado deve sentir-se corresponsável pelo programa” (MAIA;RIBEIRO, 2011, p. 81).

Sendo assim, apresentamos neste capítulo uma análise do filme “Moonlight: Sob a Luz do Luar” como um material proposto para a discussão, buscando identificar e caracterizar a forma como o tema da sexualidade aparece na película, analisando criticamente os aspectos apresentados e se estes correspondem ou não à realidade. Em seguida o movimento realizado será o de propor formas alternativas de encarar as situações vivenciadas pelo protagonista e quais as possíveis consequências que sua vivência tiveram sobre sua identidade.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Titulo Original	Moonlight
Nome Traduzido	Moonlight: Sob a Luz do Luar
Gênero	Drama
Ano	2016
Local de lançamento e Idioma original	EUA/ inglês
Duração	1h51min
Direção	Barry Jenkins

Recebido três prêmios, dentre eles o de melhor filme de 2017, a obra retrata a vida de Chiron, personagem interpretado por três atores durante suas diferentes fases do desenvolvimento. A narrativa conta o crescimento de um jovem negro que, da pior maneira, percebe que não é igual aos demais meninos e como isso se reflete em sua identidade e formação. O longa nos convida a discutir,

dentre tantos temas, a construção da masculinidade na nossa sociedade e a repressão daqueles que não se enquadram no modelo. Dito isso, é importante mencionar que o filme não se trata apenas do que é ser um homem negro gay da periferia, mas narra as diferentes possibilidades de ser Homem, sem fugir da realidade que o determina. Sendo assim, vale a pena apresentar outros personagens que permearam a história de Chiron, sendo eles: Juan, a figura paterna do menino; Terrel, um valentão da escola do adolescente Chiron; e Kevin, amigo e amante do protagonista que também está presente nos três momentos do filme.

Análise Crítica

Little

Nas primeiras cenas nos deparamos com um grupo de garotos correndo atrás do personagem principal aos gritos de “*bixa*”. Eles passam por Juan que assiste um menino se esconder dos demais em uma casa abandonada, enquanto esta é alvo de objetos lançados pelas outras crianças. Juan o resgata e o leva para almoçar, na tentativa de acalmar o garoto e descobrir mais informações sobre ele para que pudesse encontrar a sua família. Mas o silêncio de Chiron, muito presente ao longo do filme, persiste mesmo com a insistência de Juan e assim o homem se vê obrigado a levá-lo para sua casa, já que ele se recusa a dizer onde mora. Juan demonstra muita preocupação pelo menino e parece se afeiçoar rapidamente, o que se confirma no decorrer do filme com o desenvolvimento de uma espécie de relação paternal de Chiron com Juan, que passa a ocupar esse local paterno, anteriormente ausente na vida de “*Little*”, apelido pelo qual os colegas se referiam ao garoto.

No decorrer do relacionamento entre os dois, Chiron tem a oportunidade de aprender diversas lições e junto

com os conhecimentos práticos sobre a vida, também é oferecido pela primeira vez ao menino um espaço de diálogo. Com Juan e Thereza, sua esposa, Little possui um espaço para se abrir e fazer perguntas que circundam seu cotidiano, mas sobre as quais ele não tinha com quem conversar. É em uma dessas ocasiões que o menino pergunta: “*o que é bixa?*”.

Esse é um momento muito importante, no qual pela primeira vez Chiron tem a oportunidade de conversar sobre sua sexualidade. O que nunca ocorreu antes devido a uma série de fatores, como a timidez do protagonista, intensificada pela opressão que sofre dos colegas e a falta de comunicação com a mãe que, mesmo percebendo que o menino não era como os demais, sempre evitou conversar com ele sobre isso. Juan, em um momento que poderia ser considerado como de educação sexual informal, responde ao garoto de forma adequada, séria e responsável, considerando o peso da pergunta de Chiron e respondendo à altura, sem complexificar demais a discussão, mas também sem menosprezar a capacidade que a criança tem de compressão. Sua resposta “*é como chamam os homossexuais quando querem fazer com que eles se sintam mal*” é um bom exemplo de como se portar diante de uma situação como essa: com clareza e simplicidade, sem omitir a verdade, mas adequando a fala de acordo com a realidade do interlocutor.

Em seguida Chiron questiona se ele seria uma “*bixa*”. e novamente Juan tem uma resposta interessante: “*não, você pode ser gay, mas não pode deixar te chamarem assim*”. Pela primeira vez a orientação sexual do menino é reconhecida por alguém como uma possibilidade de forma de existência no mundo. Mas nem tudo são flores, logo em seguida o menino pergunta como ele poderia saber, cabendo a Juan e Theresa responderem respectivamente: “*você apenas sabe, eu acho...*” e “*vai saber na hora certa*”.

Após essas respostas vagas, eles o aconselham a não pensar sobre isso no momento e mais uma vez deixam o menino desamparado.

A escuta e o acolhimento concedidos ao menino não podem ser ignoradas, pois, como dito, correspondem a um importante momento que poucas vezes esteve presente em sua vida. Não existe uma idade adequada para se falar sobre sexualidade, o momento ideal para a discussão é quando a criança demanda informações sobre esse tema. O casal não tinha obrigação de saber responder a esse segundo anseio do menino, mas não deveriam ter pedido para que deixasse para pensar nisso depois, posto que o tema já é, há muito tempo, uma demanda séria na vida do menino, que mesmo criança sofre as consequências da discriminação.

Nas próximas cenas ainda criança, Chiron também aprende com Kevin que a agressividade é um dos caminhos para o reconhecimento entre homens. Enquanto vários garotos brincam, Little se mantém distante do grupo com uma linguagem corporal apreensiva, principalmente quando se vê cercado pelos outros meninos. Quando se afasta, seu amigo pergunta-lhe o porquê e diz que precisa se impor diante deles:

Kevin: *“Por quê você deixa eles te encherem? você tem que mostrar que não é mole”*

Chiron: *“Mas eu não sou mole”*

Kevin: *“Eu sei, mas isso não quer dizer nada se eles não souberem”*

Chiron entende a mensagem do amigo e ambos começam a brincar de “lutinha”. Há aqui uma referência clara ao uso da violência como forma de reconhecimento e um padrão comportamental que afirma a masculinidade. Se olharmos essa relação à luz da teoria da periodização do

desenvolvimento infantil sócio-histórica de Elkonin (1987), o período em que as crianças se encontram ainda possui resquícios da atividade guia que o autor denomina “jogo de papéis”, na qual reproduzem em suas brincadeiras a realidade em que estão inseridas, principalmente as relações humanas. Durante o filme, vemos cenas em que rituais de masculinidade como demonstração de força (PINHO, 2005) são reproduzidos no ambiente em que o protagonista se encontra, seja na escola, seja em sua rua onde um garoto foi morto. Logo fica visível como estas relações são palpáveis e reproduzidas pelas crianças.

Chiron

Alves et al. (2012) afirma que a socialização dos homens que os condicionam à posição de dominador “institui a violência como um atributo próprio da sua natureza e os aprisiona na condição de vítimas e autores de violência” (pg. 880). Sendo assim, é importante observarmos como a agressividade continua perpassando o dia-a-dia de Chiron durante sua adolescência na escola, que se torna cada vez mais aversiva. Se antes o menino ainda conseguia se expressar através da dança descontraidamente, agora seu corpo se encontra sempre retraído, como na cena do campo de futebol. Contudo, não consegue esconder seus olhares para os rapazes, e com isso acaba se tornando alvo de Terrel e de seus amigos que o encaram durante a aula e perseguem fora da escola.

Vemos, portanto, a cristalização das relações apresentadas na infância. Ademais, é importante observarmos como a violência neste caso é marcada pela diferença na sexualidade de Chiron e dos demais rapazes. Para Pinho (2005), homens negros construídos pelos discursos e relações apresentados reproduzem às regras de gênero postas pelo sistema, no qual mais poder significa mais masculinidade, e vice-versa, enquanto a feminilização

representa a ausência de masculinidade, logo de poder. Neste sentido, Alves (2012) contribui quando nos conta que “questões que ferem ou ameaçam esses tradicionais atributos masculinos são fatores motivadores do envolvimento dos homens com a violência” (pg. 878).

Cansado dessa perseguição e dos problemas com sua mãe, o jovem vai até a praia, onde sem querer acaba por encontrar Kevin, com quem teve sonhos eróticos na noite anterior. Ao dividir um cigarro de maconha, Kevin é o que consegue tirar mais informações do protagonista durante todo o filme, percebendo pensamentos suicidas no amigo, que conta quase que com naturalidade que sua mãe usa “todo tipo de coisa” e como passa noites chorando. É importante destacarmos o diálogo desta cena para análise posterior:

Kevin: *[falando do efeito da droga] é tão bom que dá até vontade de chorar.*

Chiron: *Você chora?*

Kevin: *Não só me da vontade... O que te faz chorar?*

Chiron: *Às vezes eu choro tanto, tanto que tenho impressão de que vou embora junto com as lágrimas.*

Kevin: *Você gostaria de entrar na água, né? Igual esses putos que vão, buscando afogar as mágoas.*

Chiron: *Por que diz isso?*

Kevin: *Só tô te ouvindo. Parece algo que você gostaria de fazer.*

Chiron: *Gostaria de fazer várias coisas que não fazem sentido.*

Kevin: *Não diria que não faz sentido. Mas me diz, o que é isso que não faz sentido?*

Chiron: *Caralho, como você é intrometido.*

Enquanto o cigarro é passado entre o não dito, ambos se beijam e têm um momento de intimidade, o que muda a amizade. No entanto, no dia seguinte o romance não é prolongado. Ao procurar por Kevin, se vê impedido pois

este divide a mesa com Terrel, na qual ambos recordam dos almoços do ensino fundamental quando se divertiam brincando de espancaram outros meninos, e combinam de repetir os velhos tempos naquele dia, sendo que o alvo seria Chiron. Ao perceber do que se tratava, o garoto vacila em bater no amigo, mas coagido pelo grupo de valentões e pela necessidade de se provar para Terrel, bate em Chiron até sangrar. Enquanto o acerta, Kevin grita repetidas vezes para que fique no chão, o que o pouparia de ter que continuar a agressão. Entretanto o protagonista se levanta várias vezes, e Kevin o acerta cada vez com mais força, até que o menino não consiga mais se levantar. Nesse momento o grupo de Terrel e seus amigos se aproximam do corpo caído e o espancam coletivamente.

Ao conversar com a diretora sobre o ocorrido, Chiron chora com raiva e diz que ela não o entende. Em seguida, o segundo ato do filme termina com o personagem quebrando uma cadeira em Terrel e sendo levado da escola por policiais, concretizando o ciclo de agressividade já discutido (ALVES et. al, 2012). Mas para além da agressividade, este ato nos convida a discutir também outro aspecto da dita Masculinidade Tóxica: a falta de expressão de sentimentos (DUTRA;ORELLANA, 2017).

A característica de Chiron que mais marca o longa é a falta de falas, algo pouco esperado de um protagonista, e desde sua infância até a fase adulta o personagem é conhecido por falar pouco e dificultar o acesso ao que acontece em seu mundo interno. Durante as cenas apresentadas até o momento, fica evidente o quanto essa característica lhe trazia consequências negativas, seja quando não consegue estabelecer uma conversa com a diretora e acaba por canalizar seus sentimentos negativos na agressão a Terrel, seja nas noites em que passa chorando e pensa em se matar. Para isso, Santos e Dinis (2018) nos alertam que “a construção do masculino, como

experiência, desencadeia sofrimento, gera desequilíbrio, inquietação e reforça hipóteses de que dificuldades enfrentadas podem contribuir na elevação da taxa de suicídio entre os adolescentes” (p. 27).

Black

Após ser levado da escola, Chiron é preso e acaba se envolvendo com o tráfico de drogas, atividade que lhe proporciona uma grande ascensão monetária e uma série de subordinados. Agora ele não reside mais em uma comunidade carente em Miami, mas vive em um apartamento relativamente luxuoso em Atlanta. Quase uma nova versão de Juan, sua aparência está mudada e não transmite mais insegurança, mas virilidade e força ao ostentar dentes de ouro, um celular de última geração e um carro bem cotado pelos criminosos. Seus comportamentos também mudaram, reproduzindo agora os típicos de dominação sobre outros homens, como no diálogo:

Chiron: *(contando dinheiro)* Tá faltando, Trunks.

Trunks: *Pera aí, o que?*

Chiron: *Cadê o resto da grana.*

Trunks: *Tá tudo aí, eu não sei o que rolou mas quando te entreguei tava tudo aí.*

Chiron: *Belê, se acha que tá tudo aí então conta o dinheiro. Conta, vê se tá aí.*

[Trunks conta o dinheiro enquanto Chiron vai até a cozinha.]

Chiron: *Sai você tá no meu lugar. Sai... dá meu dinheiro aqui... então eu sou um mentiroso? Tá legal.*

Trunks: *Eu não falei isso.*

Chiron: *Eu falei que tava errado e você falou que não, isso é me chamar de mentiroso.*

Trunks: *Não, eu só quis te dizer que...*

Chiron: *Você, você, você o que? (...) Eu tô só te zoando.*

Trunks: *An?*

Chiron: *Tá certo, cê mandou bem pega... Não dá pra ficar na rua se você não aguenta o tranco. Entendeu moleque?*

Trunks: *Aham.*

Enquanto isso, sua mãe agora está em um centro de reabilitação e aparenta estar conseguido superar seu problema com o abuso de substâncias. Chiron ainda carrega muitas mágoas de seu passado com ela e às vezes evita atender suas ligações, mas ao atender uma delas durante a madrugada, acaba por ser surpreendido pela voz de Kevin, que havia ligado por lembrar do amigo ao encontrar um homem supostamente parecido com ele colocar uma música que o lembrava na jukebox. Após conversarem um pouco e descobrir seu paradeiro, Chiron volta a dormir e ao acordar apresenta um episódio de poluição noturna.

Os acontecimentos finais que se seguem levam Chiron a um processo de humanização ao questionar os rituais de masculinidade que o levaram até ali. Isso corresponde ao processo de humanização do homem negro defendida por Fanon (2008), que o compreende como sujeito à opressão racial e ao tentar superá-la, acaba por reproduzir a hierarquia de gênero em busca de poder. No entanto, para o autor esse caminho é falho, posto que a existência do homem negro é uma existência racializada em antítese a do homem branco, ou seja, a masculinidade negra é marginal à hegemônica. Desse modo, tal superação se dá apenas através da conscientização do sujeito negro e pela construção de novos moldes do que é ser homem.

As cenas em questão são a do encontro com sua mãe e com Kevin. Ao visitá-la, conta que não está dormindo bem por causa de pesadelos e ela o aconselha a conversar sobre isso com alguém, se oferecendo para ouvi-lo, dando início à reconciliação que buscava no encontro. Neste momento, Paula, sua mãe, é explícita ao pedir desculpas: *“Eu te amo, mas você não precisa me amar. Deus sabe que eu não te amei*

quando você precisava, mas eu quero que saiba que eu amo você". Chiron chora com sua mãe e enfim se entendem.

Alguns dias depois, decide visitar Kevin em seu restaurante em Miami. Após provar de sua comida, conversarem e ouvirem sozinhos a música que havia levado os dois àquele momento, Chiron se oferece para levá-lo para casa, onde eles têm a seguinte conversa:

Kevin: *Quem é você cara?*

Chiron: *Quem, eu?*

Kevin: *É negão, você. Tô falando dos dentes de ouro, daquele carro... Quem é você Chiron?*

Chiron: *Eu sou eu, cara. Não to tentando ser mais nada.*

Kevin: *Ah beleza, então você é durão agora?*

Chiron: *Eu não falei isso.*

Kevin: *Então o quê... Ei, ei, eu não to tentando te irritar cara, é só que eu não te via faz um tempo e não era isso que eu esperava.*

Chiron: *E você esperava o que?*

Kevin: *Lembra da ultima vez que eu te vi?*

Chiron: *Por muito tempo tentei não lembrar, tentei esquecer aquela época.*

Kevin: *É.*

Chiron: *Quando eu cheguei em Atlanta, eu tive que recomeçar a vida. Eu me levantei do o e me fortaleci... Mas... mas e você?*

Kevin: *Eu? Eu nunca vali muita coisa, só segui em frente cara. Nunca fiz uma coisa que eu realmente quisesse fazer, sempre fiz o que os outros achavam que eu devia fazer, nunca fui quem eu sou.*

Chiron: *E agora?*

Kevin: *Agora? Agora eu tenho meu menino, esse emprego... e mais 18 meses de condicional.*

Chiron: *Isso é uma merda né?*

Kevin: *Não cara isso é a vida, sacou? Eu nunca tive isso antes. Eu chego em casa cansado pra caramba, só ganho o suficiente pra sobreviver mas eu não tenho preocupações. Esse bagulho é louco sabe é muito louco... É o maior barato negão.*

Depois de outro silêncio típico de Chiron, vemos a dificuldade que tem em falar, mas finalmente confessa “*Você foi o único homem que tocou em mim*”. Kevin sorri e a cena corta para ele acariciando a cabeça de Chiron, terminando a conversa ainda em silêncio, marcada pelo afeto entre ambos.

Importante ressaltar que em momento algum existem cenas de sexo, assim como no final o que é demonstrado é uma relação afetiva, com ambos expressando seus sentimentos, mágoas e angústias, demonstrando a sexualidade para além do sexo.

Considerações Finais

Longe de se preocupar de forma científica com a discussão da sexualidade, o enfoque do filme gira em torno de algumas perspectivas diferentes de como é possível ter uma experiência da sexualidade masculina. Nesse sentido, ao assistir *Moonlight*, o espectador não se depara com um debate técnico sobre o tema, repleto de terminologias e de uma apresentação que vise ensinar, mas ainda assim o filme busca através da forma como foi construído, gerar reflexão sobre os temas que circundam a masculinidade e por isso pode ser utilizado de forma educativa sob a supervisão de alguém familiarizado com o tema, como nos orienta Maia e Ribeiro (2011). Ou seja, *Moonlight* pode ser um gatilho para se pensar sobre o assunto, mas talvez a discussão não se aprofunde por si só sem a condução de um agente problematizador que a direcione para as especificidades relativas ao tema em questão. No filme estão presentes principalmente a construção da masculinidade hegemônica, o sofrimento que aspectos desta masculinidade dita tóxica gera no sujeito, a repressão sexual, a educação sexual informal e a ausência da educação sexual formal.

Acompanhamos durante todo o crescimento de Chiron como o protagonista é moldado pelos outros em todos os ambientes em que convive. Sua mãe o trata de forma ambivalente e tem episódios frequentes de agressividade direcionados ao menino, os colegas implicam com seu jeito de ser e de se comportar, mesmo quando essa diferença é simplesmente o silêncio e a introversão. Kevin tenta ensiná-lo que a agressividade seria a forma ideal de se relacionar com os outros, mas também de forma ambivalente, compartilha momentos de carinho e afeição com o colega, chegando até a realizar um ato sexual.

Em um contexto como esse, Chiron tem sérias dificuldades no processo de construção da sua própria identidade e passa ele mesmo a reprimir seus pensamentos, sentimentos e a se comportar como o mundo lhe ensinou que deveria fazer, se enquadrando de todas as formas possíveis em uma figura masculinizada. Isso leva ao segundo ato que termina com uma agressão direta a Terrel e no início do terceiro em que está com o carro, as roupas, o apartamento luxuoso e demonstra ter introjetado os traços tidos como masculinos também em seu comportamento intimidador direcionado a Trunks e sua função como traficante.

Chiron foi criado através da ausência de diálogo e da falta de acolhimento, sua mãe percebia que o filho performava a masculinidade diferente dos demais meninos, mas nunca conversou com ele sobre isso. O único espaço acolhedor na vida do menino era a casa de Theresa e de Juan, espaço que ele raramente tinha acesso, já que sua mãe, novamente de forma contraditória, demonstra irritação por seu filho frequentar a casa de um traficante e é extremamente punitiva e restritiva com ele em relação às visitas.

Assim fica clara a problemática acerca da omissão da escola em relação a esse assunto e a falta de existência de

um projeto de educação sexual formal. Se a escola assumisse essa discussão de maneira crítica, possivelmente Chiron teria contato com outros modelos e teria uma base mais segura para a construção de sua identidade. Só de início já haveria pelo menos um embate entre o lar silencioso em que o menino cresceu e mais um espaço que propusesse acolhimento. Paralelamente a isso, os outros garotos e garotas também seriam expostos a outras perspectivas e teriam mais chances de aprender a respeitar e compreender o diferente. Mas, infelizmente quase toda a educação social que Chiron recebeu foi informal e extremamente problemática, e isso não se diferente quanto à sexualidade.

O menino, assim como muitos outros, aprendeu como ser no mundo apenas através de sua experiência no cotidiano de sua vida familiar, convivência com os pares e exposição ao conteúdo midiático, sendo que a lição aprendida nesses cenários geralmente é o desrespeito à diferença. O que ocorre é que as crianças geralmente são apartadas dos “assuntos dos adultos” e aprendem sobre eles de forma marginal, através de uma série de estereótipos, preconceitos e não ditos.

Não é porque não há um diálogo aberto e direcionado sobre a questão da sexualidade que as crianças não aprendem sobre esse assunto. O aprendizado acontece de qualquer forma e do mesmo jeito que o ser humano é capaz de aprender coisas boas, também pode desenvolver conhecimentos e hábitos prejudiciais e fundamentados em mentiras. Os dois níveis de educação - formal e informal - são cruciais para o desenvolvimento de qualquer indivíduo e é necessário saber identificar o que diz respeito a cada um deles, sendo papel da educação sexual informal, introduzir as temáticas e dar modelos, sejam eles bons ou ruins. Já a função da educação formal é transmitir saberes

sistematizados sobre os assuntos em questão, mas muitas vezes as escolas tentam se eximir.

Moonlight é ótimo em evidenciar as problemáticas dos dois níveis de educação e suas consequências. Portanto, apesar de não haver o esclarecimento de questões científicas, o filme pode ser utilizado como material educativo em programas de educação sexual. Entretanto existem entraves em relação à estética adotada pelo diretor que podem dificultar a sensibilização de certos espectadores, nesse sentido talvez seja mais interessante utilizá-lo em uma etapa mediana de um programa de educação sexual do que como um conteúdo a ser exibido para o estabelecimento de vínculos entre a turma e o tema. Moonlight pode ser lido de maneira rasa, ou causar tédio em um espectador enraizado na norma, por isso é uma ferramenta que requer alguém que saiba manuseá-la a fim de fomentar a discussão e a conscientização na formação de garotos.

Referências

ALVES, R. A.; PINTO, L. M. N.; SILVEIRA, A. M.; OLIVEIRA, G. L.; MELO, E. M. Homens, vítimas e autores de violência: a corrosão do espaço público e a perda da condição humana. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p. 871-883, 2012.

CARVALHO, M. P. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 247-290, 2004.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, v. 27, n. 39, p. 39-50, 2011.

DUTRA, F. A.; ORELLANA, C. A.. Selfies no Tinder: masculinidades hegemônicas como performance. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 135, p. 143-158, 2017.

ELKONIN, D. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. **La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS**, p. 104-124, 1987.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. De Renato da Silveira. SciELO-EDUFBA, 2008.

MAIA, A.C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

PINHO, O. de A. Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafrikanização em Salvador. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 1, p. 127, 2005.

SANTOS, W. B.; DINIS, N. F. Violência e risco de suicídio na construção das masculinidades adolescentes. **Cadernos Pagu**, n. 52, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n52/1809-4449-cpa-18094449201800520018.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

VIEIRA, V. A. et al. Gênero e diversidade sexual nas escolas: uma questão de direitos humanos. **Carta Capital**, v. 17, 2015. Extraído de: <https://www.cartacapital.com.br/tag/preconceito/genero-e-diversidade-sexual-nas-escolas-uma-questao-de-direitos-humanos-6727>.

Capítulo 2

TRANSAMÉRICA: REFLEXÕES SOBRE TRANSGENERIDADE

Bruno de Lima Dias
Rafael Daltro Graciani

Introdução

Na década de 1950, foram publicados os primeiros artigos que registraram e defenderam a especificidade do “fenômeno transexual”. Um critério fundamental para definir uma pessoa como “transexual de verdade” seria a relação de abjeção de longa duração com a sua genitália – sendo a cirurgia de redesignação sexual recomendada a fim de se evitar que essas pessoas cometessem suicídio, segundo o pensamento de Harry Benjamin (BENTO; PELÚCIO, 2012). E a partir de então, se observou um saber médico específico para esta experiência identitária que se materializou em diagnósticos diferenciados.

Nesse percurso histórico, a transexualidade passou a figurar nos compêndios médicos como um “Transtorno de Identidade”, até a 4ª versão do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- DSM-IV (APA, 1994). A esse fenômeno se deu o nome de patologização da identidade: um “tornar patológica” a própria identidade sexual, baseado em uma concepção normativa entre sexo biológico e gênero. Apesar dos avanços dos estudos na área, a visão de patologizar ainda opera cotidianamente, posto que o gênero só garante sua inteligibilidade quando ancorado em um padrão, que entende as díades masculino-

heterossexual e feminino-heterossexual. Essa premissa foi bastante problematizada por autores como Michel Foucault e Judith Butler (ARÁN; MURTA; LIONÇO, 2009).

Por conta da patologização, recai sobre a pessoa transexual um estigma – uma marca de descrédito aparente, que a acompanha e causa um conflito com a heteronormatividade vigente. Como traz Berenice Bento (2011), as pessoas travestis e transexuais são expulsas de casa, não conseguem estudar, não conseguem emprego, são excluídas de todos os campos sociais e têm que entrar na justiça para solicitar uma mudança de nome, para poderem existir como cidadãos. Recai sobre o corpo travesti as tecnologias discursivas, que preparam o corpo para performar um gênero com êxito. Essas formas idealizadas dos gêneros provocam hierarquia e exclusão, na medida que esse regime estipula que determinadas expressões são falsas.

Se no passado recente, a transexualidade era entendida como “transtorno de identidade de gênero”, na edição vigente (DSM-5; APA, 2015), o antigo capítulo Transtornos Sexuais e da Identidade de Gênero foi fragmentado e deu origem a três novos capítulos, incluindo o capítulo “Disforia de Gênero”. A Disforia de Gênero é um diagnóstico que descreve os indivíduos que apresentam uma diferença marcante entre o gênero experimentado/expresso e o gênero atribuído. A mudança na nomenclatura do DSM-5 enfatiza o conceito de incongruência de gênero como algo a mais do que a simples identificação com o gênero oposto, apresentado na versão anterior do Manual. A nova visão trouxe maior detalhamento aos critérios diagnósticos e aboliu o uso de especificadores que exigiam descrever a orientação sexual destes indivíduos (ARAÚJO; NETO, 2014).

Segundo Bento (2017) a transexualidade é uma experiência identitária, quando há um conflito em relação às

normas sociais de gênero. Recentemente essa experiência de vivenciar o gênero mudou o status na nova classificação internacional da Organização Mundial de Saúde (OMS), o Código Internacional de Doenças (CID), deixando de ser classificada enquanto doença mental. Após 28 anos da publicação do CID-10, a OMS lançou o CID-11, e nela a transexualidade – até então entendida como “transtorno de identidade de gênero” – deixa de ser uma doença mental e é incluída no catálogo como incongruência de gênero, entendida como uma “incongruência acentuada e persistente entre o gênero experimentado pelo indivíduo e àquele atribuído em seu nascimento” (MARTINELLI, 2018).

É preciso reconhecer a importância dessa mudança classificativa, a luta militante envolvida nesse processo e as implicações disso na vida das pessoas. Contudo não se pode perder de vista o termo “incongruência de gênero” como parte de sua classificação. A expressão “incongruência” significa falta de congruência e de adequação, desarmonia. Em outras palavras, as pessoas transexuais ainda são vistas pela OMS como um grupo que está incongruente se comparado a outras pessoas, isto é, a um padrão de expressão e comportamento que é esperado na sociedade. Nessa ótica, temos de pensar a transexualidade como um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que quebra com a inteligibilidade dos gêneros no corpo. Cardin e Benvenuto (2013) ressaltam que gênero está relacionado com a noção de masculino e feminino enquanto um fenômeno fruto de construções sociais. É a sociedade que define o que está dentro ou fora do padrão, restringindo as performances de maior luta por direito como incongruentes, mal ajustadas à ótica vigente.

De qualquer forma, seja nos meios sociais, médicos, familiares e pessoais, viver a transexualidade ainda é uma questão complexa em uma sociedade acostumada com os padrões dualistas de normalidade, também em relação ao

gênero e isso pode gerar sofrimento naqueles(as) que a experienciam e com quem eles(as) convivem.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Transamérica
Nome Traduzido	(não há)
Gênero	Aventura/ Comédia/ Drama
Ano	2005
Local de lançamento e Idioma original	EUA/Inglês
Duração	1h43min
Direção	Duncan Tucker

No filme, Sabrina Osbourne (Bree; Felicity Huffman) é uma mulher transgênera que, uma semana antes de fazer sua cirurgia de redesignação sexual, descobre que tem um filho de 17 anos que precisa de ajuda, pois acabou de sair de uma prisão para menores. Seu filho Toby (Kevin Zegers) é um adolescente que, após o suicídio da mãe e de inúmeros abusos sexuais de seu padrasto, busca encontrar o pai que nunca conheceu e se tornar um grande ator. Depois de sair da prisão, onde cumpria detenção por suspeita de tráfico de drogas e prostituição, Bree toma a custódia de Toby fingindo ser uma missionária cristã, e ambos partem juntos para Los Angeles, com o enredo se desenrolando ao longo da viagem. Por meio de uma condução serena e sutilmente ligada ao humor, o filme de Tucker leva o espectador a refletir sobre diferentes constructos sociais, como o olhar dado à prostituição e a algumas vivências da pessoa transgênero, em uma produção no estilo Road Movie, que faz com que Bree familiarize os espectadores com seu modo de conduzir a vida. A trama é extremamente marcante, e o relacionamento dos protagonistas vai se

modificando no decorrer do filme: eles se tornam cada vez mais próximos e familiarizados com as vivências uns dos outros. O roteiro dá uma voz única e exclusiva para Bree; sua personagem é sensata e dotada de uma certa leveza, encarando as situações embaraçosas com descontração e firmeza, assim mostrando que é permitido ir em busca daquilo que mais se quer mesmo com o mundo dizendo o contrário. As questões trazidas são retratadas sem vitimizar e silenciar, mas com naturalidade a partir da retratação do cotidiano de Bree.

Análise Crítica

A trama coloca em cena os aspectos da transgeneridade de Bree, que luta para fazer seu corpo e seu gênero serem aceitos pela sociedade, pela família e pelo filho; e explora a relação de pai e filho que Bree passa a construir com Toby – inicialmente, não querendo assumi-lo como pai, mas conforme passam a conviver, se reconhece como seu filho e por Bree desenvolve um grande laço de afeto.

Se torna imprescindível pontuar que, na retratação de uma pessoa LGBTQIA na mídia, sua performance vem carregada de diversos estereótipos e preconceitos que se fazem presentes ou de uma forma velada, ou de uma forma direta, tornando claro os pontos de vista das sociedades em que essas produções se inserem. Podemos encontrar exemplos em *Boys Don't Cry* (1999, EUA), *The Danish Girl* (2015, Inglaterra/EUA) e *Holding the Man* (2016, Alemanha), ainda que nestas produções a trama se desenrole na fase de descoberta com o próprio gênero ou sua sexualidade. Em Transamérica, por outro lado, a história de Bree é desenvolvida de uma forma sensível, fazendo com que reflexões e críticas sejam construídas pouco a pouco na desenvoltura da história dessa personagem e das pessoas

com quem se relaciona. Bree não é retratada apenas como uma mulher transexual, mas sim como uma mulher que já se reconhece como pessoa transgênera e que busca sua felicidade em meio a suas questões familiares e pessoais, pois desde o início da narrativa ela já assume quem ela é.

O filme aborda brevemente também a transexualidade masculina, quando Bree e Toby se hospedam na casa de uma amiga, onde está ocorrendo algo como um encontro LGBTQIA. Toby, em determinado momento, está conversando com um homem e, durante a conversa, o homem lhe diz que nasceu mulher. Toby se espanta e diz que não havia percebido, ao que o homem trans responde: “*we walk among you*” (nós andamos entre vocês – homens). Essa fala é digna de nota, posto que mostra a natureza do gênero como identidade presumida, um julgamento que fazemos automaticamente. Baseia-se o gênero não apenas nos genitais – que não se mostram em público – mas também em características sexuais secundárias, como pelos corporais, estrutura corpórea e tonalidade da voz, denominadas de caracteres sexuais secundários.

As características sexuais secundárias são passíveis de serem adquiridas pela hormonização e por cirurgias invasivas. De acordo com Costa e Mendonça (2009), a reversão sexual tratada pela endocrinologia faz com que os caracteres sexuais secundários apareçam de acordo com a identificação psicossocial do paciente, por meio da medicalização. Segundo Bento (2006), o que está em questão nesta análise é uma assepsia de gênero, isto é, os/as transexuais devem se comportar, se vestir e parecer de acordo com o gênero que desejam para provar que sua subjetividade é real, assim retirando todas as ambiguidades existentes.

No caso de um homem transexual, isso pode ser garantido por meio da aplicação da testosterona, com grande eficácia e resultados. A hormonização no caso dos transexuais

masculinos garante a eles mais facilidade para passar-se pelo gênero, e isto possibilita que vivam “entre os homens”, como na fala do filme, sem que sua identidade de gênero seja frequentemente posta em xeque, duvidada, ou colocada em descrédito. No caso das mulheres transexuais, a reversão dos caracteres sexuais secundários já adquiridos por efeito da testosterona na puberdade é um processo que envolve o bloqueio da ação deste hormônio, e a administração de hormônios femininos, a como progesterona. Este processo de hormonização é deveras custoso, com muitos efeitos colaterais, e consiste basicamente no uso de medicamentos anticoncepcionais para diminuição dos níveis plasmáticos da testosterona, responsável pelos caracteres sexuais masculinos (SANTOS, 2013).

O trabalho de revisão de Anne Santos, citada acima, traz transcrições de entrevistas de mulheres transexuais que relatam sobre suas experiências na construção de um corpo feminino. A hormonização, muitas vezes feita sem o acompanhamento de um endocrinologista e sendo apenas acompanhado e aconselhado pelos seus pares, pode gerar efeitos colaterais como queimação, náusea, enjoo, depressão e ideação suicida (SANTOS, 2013). Na medida em que é agressiva a hormonioterapia, ela afirma e concretiza o processo de assepsia de gênero.

O filme retrata em seu recorte alguns estereótipos sociais, como se pode notar, por exemplo, na caracterização da protagonista: o modo como age (sempre muito delicada, sutil, educada) ou como se veste (usando roupas claras e discretas, em tons de rosa, colar, pulseira, anel, brinco, lenço, salto alto, cabelo escovado), apresentando padrões socialmente esperados para uma mulher de seu status e de sua idade, e como busca incessantemente a redesignação sexual por meio de cirurgia – o que também é bastante esperado de uma pessoa que se considera transgênero, apesar de tal

necessidade não se fazer valer para todas. Por vezes na literatura (SANTOS, 2013), os relatos trazem que a cirurgia de redesignação sexual é um desejo, necessário para que a pessoa transexual se sinta “completa”.

Além da caracterização de Bree, os padrões e estereótipos aparecem também na personagem do filho adolescente – retratado enquanto problemático, revoltado, usuário de drogas – e na família, mais especificamente nos pais, de uma pessoa transgênero – confusos, pouco ou quase nada apoiadores, inconformados e agressivos. Apesar de tais padrões e estereótipos serem representados na trama, é possível considerar que isso é feito propositalmente, de maneira crítica, com o objetivo de promover a reflexão acerca desses assuntos. Para essa consideração é necessário tomar o estereótipo não como marca social individual, mas um modelo normativo padronizado de conduta.

Transamérica esclarece algumas questões e dissipa certos preconceitos, ao invés de reforçar ideias e crenças errôneas, no sentido de apresentar a pessoa transgênero como uma pessoa que, assim como a pessoa cisgênero, possui sonhos, desejos e questões a serem resolvidas. O espectador é levado, por exemplo, a refletir sobre as vivências familiares da pessoa trans, tornando possível que esse panorama seja demonstrado e pontuado como uma das possibilidades de arranjo familiar. A família de Bree a trata como renegada, fazendo piadas e desconsiderando, de certa forma, seu modo de viver, ou seja, desconsiderando o fato de Bree ser transgênera.

Segundo Raimundo (2017), vive-se em um momento em que todo e qualquer ato contrário às razões impostas atua em um movimento de ser escondido e silenciado, sendo que esse processo se dá na constituição da historicidade dos meios sociais. A autora fala ainda que a sociedade tenta impor a cada pessoa um padrão uno a ser

seguido durante toda a vida como algo a ser alcançado e constantemente associado à certos ideais concomitantes ao poder capitalista.

Na trama, Bree está passando por um acompanhamento psicológico necessário para solicitar a cirurgia de redesignação sexual. Nesse núcleo da história, existe uma personagem que é a psicóloga de Bree, chamada Margareth, e um psiquiatra que realiza uma avaliação diagnóstica em Bree no início do filme. O psiquiatra traz para a trama, logo no início, a informação de que a desconformidade com o gênero é apontada pela visão médica como um transtorno mental, posto que à época ainda era vigente o DSM-IV. O psiquiatra do filme assume um papel normatizador, uma vez que trata Bree como uma pessoa que “é feliz *apesar* do transtorno de gênero”. Berenice Bento (2008), na obra “O que é Transexualidade”, pontua que:

[...] definir a pessoa transexual como doente é aprisioná-lo, fixá-lo em uma posição existencial que encontra no próprio indivíduo a fonte explicativa para seus conflitos, perspectiva divergente daqueles que a interpretam como uma experiência binária (p.18) [...] Embora as pessoas que vivem a experiência transexual não apresentem nenhum tipo de alteração em suas estruturas cromossômicas ou de qualquer outro tipo, são consideradas doentes mentais (p.20).

Essa visão é identificada nas poucas falas do psiquiatra, que reforça o estereótipo da pessoa transexual como desajustada ou precisando de uma correção. Contrastando com a visão do psiquiatra, a visão da Psicologia contemporânea não aborda a questão da identidade trans como patológica, e propõe práticas de acolhimento das identidades LGBTQIA. Frequentemente

esses indivíduos estão em extremo sofrimento psíquico, mas se engana quem pensa que esse sofrimento advém do conflito com o gênero. Via de regra, o que causa o sofrimento psíquico da pessoa transexual é a represália e o julgamento que vem das pessoas de seu convívio e da cultura, além da nítida percepção da sua condição abjeta.

Desde 2018, os psicólogos estão impedidos de tratar a travestilidade e a transexualidade como uma doença ou anomalia, sob determinação do Conselho Federal de Psicologia (CFP) por meio dos oito artigos da Resolução nº1/2018. Os profissionais desta área estão impedidos de praticar qualquer ação que favoreça preconceitos, como terapias de conversão, reversão, readequação ou reorientação da identidade de gênero. Para o CFP, “é dever dos psicólogos contribuir para a eliminação da transfobia”. Na prática, a Resolução visa impedir que os profissionais façam "uso de instrumentos ou técnicas psicológicas para criar, manter ou reforçar preconceitos, estigmas, estereótipos ou discriminação" contra transexuais e travestis, proibindo os profissionais da área de "propor, realizar ou colaborar com eventos ou serviços que busquem terapias conversivas, reversivas, de readequação ou de reorientação de gênero" (MARTINELLI, 2018, s/p).

O relacionamento de Bree com Toby desvela ao espectador algumas questões de incongruência da cadeia heteronormativa “homem – pai – pênis / mulher – mãe – vagina” (BENTO, 2011). Perguntas como: "Bree é pai ou mãe de Toby?" podem ser geradas e refletidas em um movimento de desconstruir tais constructos preconceituosos e determinantes que são difundidos na vida em sociedade. O filme não julga, mas expõe vivências e divergências que fazem com que o espectador passe a considerar diferentes possibilidades de compreensão e entendimento.

Essa produção é bastante significativa enquanto material educativo para a área da Sexualidade/Educação Sexual. Conteúdos estritamente necessários para projetos em escolas poderiam ser mostrados de uma maneira sensível, o que acreditamos que pode proporcionar empatia à audiência ao compartilhar essas vivências. Raimundo (2017) fala sobre o fato de o mundo estar cada vez mais globalizado e descreve como esse processo afeta o crescimento do preconceito com minorias. Formas de resistências são importantes para que essas pessoas sejam vistas e inseridas nos meios sociais como um todo. O poder capitalista é conservador e detentor de uma verdade absoluta que incide sobre a constituição das pessoas enquanto seres humanos.

Considerações Finais

O filme trata de uma maneira leve as questões que rondam as vivências transexuais. É no sentido de tornar presente o esclarecimento de alguns aspectos do funcionamento social que Transamérica se torna tão importante enquanto produção cinematográfica e um alerta sobre as instituições como maternidade/paternidade e relacionamento familiar. Produções que facilitam o entendimento sobre essa questão devem se fazer presentes em contextos educativos para que os indivíduos tenham uma formação crítica e livre de preconceitos que desumanizam e marginalizam, por exemplo, as pessoas transgênero.

Recomenda-se, portanto, que filmes como este sejam utilizados em programas de educação sexual por levarem os alunos a terem contato com diversas reflexões em diferentes espaços, especialmente, sobre o fenômeno da transexualidade, pois se trata de um tema pouco trabalhado nesses meios.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios. Mentais DSM-IV.** São Paulo: Manole, 1994.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5.** Washington: American Psychiatric Association, 2013.

ARÁN, M; MURTA, D; LIONÇO, T. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & saúde coletiva**, v. 14, p. 1141-1149, 2009.

ARAÚJO, Á. C.; NETO, F. L. A nova classificação americana para os transtornos mentais–o DSM-5. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, v. 16, n. 1, p. 67-82, 2014.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Garamond: Rio de Janeiro, 2006.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.

BENTO, B. **O que é transexualidade.** 1ª ed. (Coleção Primeiros Passos, no 328). **São Paulo:** Brasiliense, 2008.

BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 569-581, 2012.

CARDIN, V. S.G.; BENVENUTO, F. M.. Do Reconhecimento dos Direitos dos Transexuais como um dos Direitos da Personalidade. **Revista Jurídica Cesumar-Mestrado**, v. 13, n. 1, 2013.

COSTA, E. M. F.; MENDONÇA, B. B. Terapia Hormonal do Transexualismo. In: **Identidade Sexual e Transexualidade.** Rocca: São Paulo, 2009.

MARTINELLI, A. Após 28 anos, **OMS deixa de classificar transexualidade como doença mental**. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/18/apos-28-anos-transexualidade-deixa-de-ser-classificada-como-doenca-pela-oms_a_23462157/. Publicado em junho de 2018. Acesso em 20 de abril de 2019.

RAIMUNDO, F. S. **O papel da transexualidade na representação de uma transidentidade da contemporaneidade**. 2017. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.

SANTOS, A. R. T. A experiência da hormonioterapia das transexuais em Maceió/AL. **Latitude**, v. 7, n. 1, p.129-147,2013.

Capítulo 3

LAW AND ORDER: A VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA

Amira Rabah
Julia Pacheco Fanton
Matheus Marques Pereira

Introdução

Práticas sexuais entre adultos e crianças existem desde a Antiguidade e foram aceitas até o século XVIII, quando as reformas políticas, religiosas e humanísticas ligadas ao Renascimento começaram a moldar a família e dar um papel de destaque à criança, reconhecendo-a como um ser em desenvolvimento e proibindo tais práticas, hoje entendidas como abuso sexual (ADED et al, 2006, SANDERSON, 2008; COGO et al., 2011).

No entanto, esse fenômeno, ainda hoje, tem elevada prevalência e traz enormes prejuízos para o indivíduo, os familiares e a sociedade, tratando-se de um grave problema de saúde pública (HABIGZANG; CAMINHA, 2008, COGO et al., 2011). Araújo (2002, p.6) esclarece:

O abuso sexual é um fenômeno complexo e difícil de enfrentar por parte de todos os envolvidos. É difícil para a criança e para a família, pois a denúncia do segredo explicita a violência que ocorre dentro da própria família. É difícil também para os profissionais, que muitas vezes não sabem como agir diante do problema.

Cogo et al. (2011) atribuem a dificuldade de estabelecer políticas públicas voltadas para prevenção e para o enfrentamento desse problema, possivelmente pelas diferenças culturais, legais e procedimentais diante desse fenômeno- por parte dos profissionais envolvidos - ao redor do mundo. Até mesmo entre os pesquisadores, não há consenso sobre a nomenclatura e as configurações da violência e isso gera mais complexidade ao tema.

As legislações no Brasil recentemente foram alteradas quando a caracterização de crime de incesto, mas até então, a prioridade era a diferença de idade entre o agressor e a vítima e muitas variáveis de contexto eram deixadas de lado, como gênero, vulnerabilidades pessoais e as relações de poder estabelecidas e, conseqüentemente, muitos casos sequer se configuram como tais, como apontam Amazarrav, e Koller (1998).

Além disso, há dificuldades na sociedade e por parte dos profissionais em aceitar que a violência sexual contra crianças, como apontam Amazarrav e Koller (1998) possa ser cometido por pessoas que possuem graus de consanguinidade e de proximidade com a criança, o que explicita, por sua vez, a necessidade de capacitação desses profissionais, principalmente dos psicólogos, tendo em vista um melhor desempenho profissional e uma melhoria na qualidade das intervenções terapêuticas. Nesse sentido, independentemente da abordagem utilizada na psicoterapia, o manejo precisa estar contextualizado e se adequar à singularidade de cada caso. Sobre esse assunto, Gomes e Faria (2017, p.928-929) afirmam que

A compreensão da diversidade e peculiaridade de cada abordagem no direcionamento do tratamento em abuso sexual infantil corrobora com a construção do conhecimento através da reflexão sobre os desafios e

aprimoramentos da atuação destas abordagens frente a complexidade do fenômeno.

A família e a própria vítima muitas vezes não revelam o abuso por sentimentos de culpa, vergonha, ignorância e tolerância - advinda, essa última, do fato do agressor não perceber a vítima como pessoa, mas como um objeto, destituído de sentimentos e de direito, o que ajuda a manter a criança num ciclo de violência e impotência, especialmente em caso de incesto, ou seja, um abuso intrafamiliar causado por uma pessoa que possua relação de consanguinidade, de afinidade ou de responsabilidade com a criança (ARAÚJO, 2002; AMAZARRAV; KOLLER, 1998; AZEVEDO; GUERRA, 1989; COGO et al., 2011).

Amazarrav e Koller (1998) citam indicadores de abuso sexual intrafamiliar como crianças retraídas e com poucos amigos, filhas que tomam o papel de mãe, pai que acaricia ou exige carícias que invadem a privacidade sexual da criança, dentre outros. Contudo não se deve estabelecer uma relação direta de causalidade, pois quando os casos envolvem incesto, as relações são mais complexas, pois os papéis são mal estabelecidos.

A iniciativa de revelar a violência por parte da criança depende de sua relação com pessoa(s) de confiança para quem ela possa contar, mas é comum que elas não o façam e mantenham silêncio, por medo da rejeição pela família, de ser causador de discórdia, receio de perder os pais ou ser expulso de casa, medo de não acreditarem e por não saber o que fazer (SANTOS; DELL'AGLIO, 2010).

Embora ocorra com menor frequência, o abuso extrafamiliar também possui elevada prevalência, sendo causado, em geral, por adultos que cuidam da criança e têm um vínculo com a família. Ou mesmo pode ocorrer com um adolescente e alguém mais velho que a criança, mesmo que sejam considerados apenas uma “experimentação sexual”

e o que vigora, mais que a idade, é a relação de poder estabelecida entre o agressor e a vítima (AZEVEDO; GEUERRA, 1989; AMAZARRAV; KOLLER, 1998).

Aded et al. (2006) e Cogo et al (2011) destacam que entre três e dez anos, a criança pode ter dificuldades para registrar memórias sobre o ocorrido, Outros autores e estudos apontam as mais sérias consequências na vida adulta, em crianças que foram repetidamente violentadas na infância: tentativas recorrentes de suicídio e automutilação, medo, dependência emocional, perda de interesse pelo lúdico e por questões escolares, distúrbios alimentares e afetivos, agressividade, pesadelos, preocupação com assuntos ligados ao sexo, abuso de álcool e drogas, depressão, fugas de casa, retraimento, baixa autoestima, distúrbios neuróticos e/ou de conduta, agressão, déficit de linguagem e de aprendizagem, comportamento regressivo, isolamento social, etc.

Alterações nas crianças vítimas de violência sexual podem ser percebidas em problemas na escola (baixa concentração e memória), problemas emocionais (culpa pelo abuso, inferioridade, inadequação, desconfiança. Segundo os autores Habigzang et al. (2006) e Cogo (2011) os sintomas emocionais relacionados ao abuso são vergonha, culpa, medo, irritabilidade, ansiedade, raiva, tristeza, os comportamentais podem ser furtos, abuso de substâncias, fugas de casa, conduta sexual exacerbada, isolamento social, comportamento autodestrutivo e modificações no âmbito da alimentação e do sono e os físicos compreendem traumas e hematomas na região genital, retal e oral, coceira, inflamação e irritação nas duas primeiras regiões citadas, gravidez, doenças psicossomáticas, infecções sexualmente transmissíveis e desconforto com o próprio corpo .

Quanto aos efeitos a longo prazo, Brino e Williams (2008) apontam para os riscos de transtornos psiquiátricos

(cerca de 8% dos casos psiquiátricos se atribuem a abuso sexual infantil); alterações do sono; desconfiança geral, depressão, problemas psicossomáticos, alcoolismo, transtornos dissociativos, alimentares, de estresse pós-traumático e ansiedade.

Diante de tantas possíveis consequências, sua prevenção e notificação são fundamentais. É necessário romper o ciclo da violência, escutar a criança, auxiliá-la a perceber que não é culpa dela e tomar as medidas protetivas cabíveis. Além disso, deve-se cuidar e evitar a revitimização e a repetição da violência e realizar uma escuta sem juízo de valores pelos profissionais (SANTOS; DELL'AGLIO,2010).

De qualquer forma, como afirmam Santos e Dell'Aglio (2010), é preciso que os profissionais estejam preparados e trabalhem em equipe, oferecendo assistência e segurança à criança, apoio aos familiares, encaminhamento aos agressores, enfim, garantindo uma rede de proteção que minimize os danos futuros no desenvolvimento dessas vítimas.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	Law & Order: Special Victims Unit (13ª Temporada)
Nome Traduzido	(não há)
Gênero	Drama/Mistério/ Policial
Ano	2011
Local de lançamento e Idioma original	EUA/Inglês
Duração	42min
Direção	Jim Mckay

O episódio trata da investigação de uma acusação de abuso sexual cometida por Ray Masters, um famoso

treinador de basquete de um colégio, contra seus atletas. A acusação parte de Steve Harris, um antigo jogador treinado por Ray, e ocorre na frente de dezenas de pessoas, em um evento dedicado ao treinador. Nessa ocasião, o ex-atleta diz que Ray não merece aquilo, pois “sabia o que tinha feito” a ele. Começa, assim, a investigação conduzida pela Unidade de Vítimas Especiais da Polícia de Nova York em prol de desmascarar a fachada de grande homem e figura parental que Ray possui naquela comunidade. Ao longo do episódio, com a ajuda de Steve, os policiais e investigadores entram em contato com Prince Miller, um astro do basquete, que, segundo Steve, sofreu abusos ainda piores. Com a sua ajuda, após se deparar com outro garoto que, suspeitava-se, estava sendo abusado por Ray, Prince faz uma declaração pública do que sofreu nas mãos do treinador, apontando a importância de outras vítimas se pronunciarem. O episódio foca na questão de relações de poder estabelecidas, a culpa sentida pelas vítimas e como esse cenário “força” a criança ou o adolescente a continuar preso(a) no mesmo ciclo. Ele aborda ainda a questão da masculinidade no contexto do abuso sexual.

Análise Crítica

A mídia analisada é um episódio de uma série americana de drama policial. O episódio escolhido trata de abusos sexuais cometidos contra crianças e adolescentes de um time de basquete, pelo seu treinador, ao longo de muitos anos. O material traz conteúdos importantes de serem tratados no âmbito da Educação Sexual, apesar de sua utilização depender de ressalvas por haver algumas inconsistências com o sistema judicial e cultural brasileiro. De acordo com o Código Penal Brasileiro, pela Lei nº 12.015, de 2009, “estupro é: constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se

pratique outro ato libidinoso” (BRASIL, 2009). Um exemplo é a conversa dos detetives com um dos jogadores de basquete, Steve, na qual explica como seu treinador começou os abusos, quando tinha 15 anos. Steve conta que o treinador fazia carícias e chegou a usar as mãos e a boca em seu ânus. Em seguida, o detetive pergunta se ele chegou a ser estuproado em algum momento. No entanto, no Brasil, a definição de violência sexual na adolescência abrange a prática de carícias, manipulação de ânus e exploração sexual (ABRAPIA, 2002). Ou seja, de acordo com a legislação brasileira, Steve já seria um caso de violência sexual e abuso.

No que tange o tema “abuso sexual infantil”, por sua vez, o episódio demonstra coesão com aspectos apresentados em estudos científicos na área. O frequente uso de drogas, raiva extrema e sentimentos de vergonha quanto à identidade masculina na vida adulta de crianças e adolescentes do sexo masculino abusados, descritos na literatura (PELISOLI; PICCOLOTO, 2010), são consequências explicitadas no personagem de Steve ao longo de toda a trama. Além dele, o sentimento de vergonha é evidenciado em vários dos jogadores entrevistados e é considerado na abordagem realizada pelos detetives, que tentam tratar do assunto considerando o receio de seus interlocutores de serem vistos como homossexuais ou o medo de que o silêncio durante tanto tempo ou as respostas físicas normais de ereção e excitação sejam interpretadas como consentimento.

A manutenção do segredo por tanto tempo sobre os abusos cometidos pelo treinador, era mantida por meio de pagamentos mensais aos jogadores, da utilização dos vínculos afetivos criados entre eles e se aproveitando de suas vulnerabilidades psicossociais, também coerente com a literatura: a maioria das crianças não revela o abuso e, se revela, o faz majoritariamente na vida adulta (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Esses autores ressaltam que, no caso do abuso contra crianças e adolescentes do sexo masculino,

há ainda uma menor aceitação quanto à denúncia e ao ato, por questões culturais e, ainda, a proximidade, os vínculos afetivos e a hierarquia de poder e dependência entre abusador, no caso o treinador, e as vítimas - os jogadores abusados - dificultam grandemente a suspeita e a confirmação dos abusos.

Essa relação de confiança e de vínculo afetivo iniciais favorece a ocorrência dos abusos, pois o que parecia “atenção”, podia ser o início de uma relação abusiva (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005), como as ilustradas no episódio, com o treinador iniciando e mantendo sua proximidade com suas vítimas, a partir de elogios e de palavras de incentivo acerca da forma como as crianças e adolescentes estavam jogando.

Várias falas do treinador e dos jogadores que sofreram a violência abuso remetem a uma relação familiar entre eles, evidenciadas na fala de Steve ao se referir ao treinador como sendo “como um tio”, um “amigo da família”, ou quando o treinador diz que os meninos vão dizer que ele é “o único pai que a maioria deles teve”, o que vai ao encontro com os achados de Pfeiffer e Salvagni (2005), em relação à maior frequência dos abusos virem de pessoas próximas.

No que diz respeito às consequências dos abusos na vida adulta, Prince, um jogador famoso no episódio, treinado e abusado pelo treinador, ilustra sentimentos de insegurança, comuns às vítimas, escondendo-se atrás de sua fama e dinheiro e esquivando-se do assunto, além de consequências mais severas apresentadas em estudos e demonstradas no episódio, como comportamentos autodestrutivos e suicidas (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Um dos jogadores se enforca em seu quarto, aos 12 anos, pois a polícia e a igreja não acreditaram nele e em sua mãe quando o abuso foi relatado a essas instituições - o que chama a atenção também para a importância de uma rede de proteção à vítima que relacione a área da assistência, da justiça e da segurança, assim que a

notificação da violência sexual contra crianças, conforme salientam Santos e Dell'Aglio (2010).

Considerações Finais

O estudo permitiu perceber dificuldades encontradas por profissionais da área e, assim, pensar alternativas e práticas que superem tais entraves. Um exemplo é a evitação, por parte de alguns profissionais, de tocar em pontos dolorosos da história de vida da criança ou do adolescente, com o intuito de poupá-la, mas acabar, por essa razão, provocando mais sofrimento, seja por não elencar provas suficientes para o processo jurídico, seja por fazer a vítima sentir-se desvalorizada. Nesse caso específico, ficou provado que o melhor a fazer é ter cuidado com o manejo da entrevista, solicitar o relato de forma clara e precisa, sem expressar juízo de valor e sempre demonstrando empatia e respeito em relação à história.

A articulação desses conteúdos com o material midiático convida à reflexão sobre o assunto e à adoção de uma postura ativa frente à temática selecionada. Assim, como ainda não estamos expostos diretamente à prática e aos percalços próprios a ela, a presente análise configurou-se como uma importante iniciativa para pensá-los.

Referências

ABRAPIA. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes, mitos e realidades**. Rio de Janeiro. Autores e Agentes e Associados; 2002.

ADED, N.L.O.; DALCIN, B.L.G.S.; MORAES, T.M.; CAVALCANTI, M.T. Abuso sexual em crianças e

adolescentes: revisão de 100 anos de literatura. **Rev. Psiqu. Clín.** V. 33, n. 4, p.204-213, 2006.

AMAZARRAY, M.R.; KOLLER, S.H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 559-578, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de maio de 2019.

ARAÚJO, M.F. Violência e Abuso Sexual na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 3-11, jul./dez. 2002.

AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N. **Crianças Vitimizadas: A síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu Editora, 1989.

BRASIL. Decreto-Lei n. 12.015, de 7 de agosto de 2009. **Estupro**, Brasília, DF, agosto 2009.

BRINO, R.F.; WILLIAMS, L. C. A.. Professores como agentes de prevenção do abuso sexual infantil. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 2, P.209-230, 2008.

COGO, K S.et al. Consequências psicológicas do abuso sexual infantil. **Unoesc & Ciência-ACHS**, v. 2, n. 2, p. 130-139, 2012.

GOMES, J. L.; FARIA, G. S. S. Abuso sexual infantil e intervenções psicológicas. **Anais do EVINCI - UniBrasil**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 917-932, out. 2017.

HABIGZANG, L.F. et.al. A Revelação de Abuso Sexual: As Medidas Adotadas pela Rede de Apoio. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, vol 17, n.4, p.467-473, out 2011.

PELISOLI, C.; PICCOLOTO, L. B. Prevenção do abuso sexual infantil: Estratégias cognitivo-comportamentais na escola, na família e na comunidade. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 6, n. 1, p. 108-137, 2010.

PFEIFFER, L; SALVAGNI, E. P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de pediatria. Rio de Janeiro.** vol. 81, n. 5 supl (nov. 2005), p. S197-S204, 2005.

SANDERSON, C. **Abuso Sexual em crianças:** fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia. São Paulo: M. Books do Brasil Ltda, 2008.

SANTOS, S. S.; DELL'AGLIO, D. D.. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicologia & Sociedade. São Paulo.** vol. 22, n. 2, p.328-335, maio 2010.

Capítulo 4

MY MAD FAT DIARY: QUESTÕES SOBRE A GORDOFOBIA

Bianca Longhitano
Márcia Gabriela Ribeiro Leite
Nathalia Macedo Gravalos

Introdução

O corpo é socialmente fadado à vigilância durante toda a vida. Existe uma grande ênfase gerada pela sociedade contemporânea na manutenção do corpo magro e jovem, fornecendo um ambiente propício para o surgimento de modos extremos de conseguir o corpo ideal. A ansiedade gerada por esse modelo imposto acaba justificando e normatizando a perda de peso a qualquer custo, mesmo que este não seja saudável ou recomendado (FORT; SKURA; BRISSOLARA, 2016). Esses autores ressaltam que:

O panorama sociocultural ocidental de valorização da magreza e da juventude, com pressão para o emagrecimento e o rejuvenescimento, interage com fatores biológicos, psicológicos e familiares, provocando exagerada preocupação com o corpo, podendo até mesmo levar ao pavor patológico de engordar e envelhecer, um medo de parecer inapropriado no peso ou na aparência e que está diretamente relacionado ao papel social de sucesso pessoal e profissional. A ênfase da sociedade contemporânea para o ideal de beleza centrado em um corpo magro de aparência jovem fornece o ambiente sociocultural que justifica a perda

de peso e rejuvenescimento a qualquer custo, gerando uma ansiedade generalizada que alimenta um mercado em franco crescimento de cosméticos, produtos dietéticos e procedimentos cirúrgicos (FORT; SKURA; BRISSOLARA, p.2).

O preconceito contra pessoas gordas é algo que passou a existir no século XX na sociedade, intensificando-se a partir da década de 1980, bastante atrelado ao discurso médico sobre saúde e doença. A partir daí, foram mais frequentes as discussões sobre esse fenômeno e de sua nomeação: gordofobia (NERY; SANTIAGO, 2018). Assim, atualmente, o corpo gordo é visto como um corpo que foge ao padrão estético social, vindo acompanhado de diversos estereótipos e estigmas e a aversão contra pessoas gordas é disseminada por várias instâncias sociais e, segundo Nery e Santiago (2018), essas podem ser a família e a mídia, em que há uma imposição ao indivíduo do padrão de magreza, por exemplo, na internet a pessoa gorda é colocada numa postura cômica e no lugar de quem não merece ser desejado.

A gordofobia é definida por Vaz, Sanchotene e Santos (2018) como aversão à gordura, manifestada pelo desprezo as pessoas gordas e extremo medo que indivíduos sentem em engordar. Já Nery e Santiago (2018. p.7), complementam a definição incluindo o medo ou aversão a pessoa gorda, junto à “repulsa, o nojo, o asco, o sentimento de raiva e necessidade de afastamento do indivíduo gordo, da gordura e de tudo que a cerca”.

Pessoas gordas são comumente julgadas e marginalizadas por não se incluírem ao padrão estético vigente, que valoriza a magreza acima de tudo, considerando tal padrão sinônimo de perfeição, beleza e saúde (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004). Como pontuado por Zucheram e Marcelino (2017), o corpo gordo é permeado de ideias pré-concebidas, associando o gordo à doença ou ausência de saúde, a falta de moral, ao visível

descontrole. O estar gordo é visto como uma questão controlável, em que a partir dos recursos disponíveis hoje, como dietas, intervenções cirúrgicas e etc, o corpo gordo resiste em adequar-se, fato que aumenta ainda mais o julgamento contra a pessoa. Esses parâmetros surgem de uma medicina higienista que busca normatizar os corpos, negando as particularidades de cada um.

Pensando no padrão estético de beleza, há uma dominação extrema desses padrões, que determinam uma devoção impetuosa à busca pelo corpo perfeito, enaltecendo corpos magros como efeito colateral desse imperativo de boa forma. Vaz, Sanhotene e Santos (2018), refletem que há uma relação entre a autenticidade e a identidade como gordo. De acordo com eles, há uma centralidade do corpo para a construção da identidade do indivíduo contemporâneo, porém, no caso de corpos gordos há uma relação paradoxal de identidade. Ao mesmo tempo em que o indivíduo tem uma identidade com o corpo gordo ele também deseja mudá-lo para se adequar aos padrões de beleza e se sentir como um ser desejável e valorizado.

É importante ressaltar que o indivíduo sente e percebe o seu corpo dentro de um contexto específico de uma realidade coletiva. O corpo existe e tem um sentido dentro de um contexto social que o constrói, sendo-lhe atribuídas representações, constituídas de sentidos, imagens e significados dentro de um universo simbólico, tornando-se um fato cultural. Segundo Fort, Skura e Prisolará (2016):

A cultura contemporânea concentra na aparência uma diversidade de significados que adquire grande densidade no que diz respeito às relações humanas e ao mundo social. É no corpo que se dá a acomodação das sensações que posteriormente dará lugar como representação de si mesmo, as referências identitárias são enraizadas nas expectativas com respeito ao corpo. Considerando que a

imagem corporal possui uma profunda ligação com a identidade do sujeito, o padrão estético amplamente divulgado pela mídia, capas de revistas e redes sociais influenciam, de forma direta e indireta, a necessidade da busca incessante de corpo e aparência perfeitos a fim de maior aceitação pessoal e social. (p.1-2)

De acordo com Sampaio (2018), no caso de piadas, o corpo configura-se um espaço no qual serão inseridas práticas estereotipadas num discurso velado marcado por preconceitos e depreciação. Pensando nisso, é possível fazer uma relação da imagem da pessoa gorda com a posição de alívio cômico, algo que é constantemente utilizado em filmes e séries, sendo alguns exemplos os personagens: Fat Amy, do filme “A Escolha Perfeita”, Ned, do filme “Homem Aranha: de volta ao lar”, Gibby, da série “iCarly”, entre outros.

Dentro do universo midiático, o corpo gordo constantemente aparece como uma situação a ser mudada, em que se visa o emagrecimento a qualquer custo, passando a mensagem de que, para se obter felicidade, é necessário emagrecer (CONTAGEM, 2018). Novamente, citamos Fort, Skura e Brisolará (2016):

Imposições midiáticas que colocam o corpo jovem e magro como modelo ideal são geradoras de pressões sociais e angústias porque instauram a busca pela aparência que a mídia considera “correta” como meio de obter sucesso e realização pessoal, como promessa de adequação às normas e ao prestígio social. (p.13)

Corresponder o padrão de estética magro torna-se uma meta de mulheres e homens, a partir de um grande investimento emocional, social e econômico. A preocupação com a beleza física e um corpo ideal tem relação com um padrão de sexualidade considerado normal, construído social e culturalmente (MAIA, 2008).

Abordar sexualidade, em nossa sociedade, ainda é lidar com muitos tabus, mesmo com a importância do tema. A relação entre sexualidade e cultura é complexa, necessitando cada vez mais de estudos na área.

Segundo Costa, Machado e Cordás (2010), a sexualidade está ligada a uma série de influências: histórico-sexuais, de gênero, valores e crenças, aspectos familiares, religiosos, educacionais e personalidade, podendo esses fatores se relacionar com comprometimentos emocionais como baixa autoestima, autoimagem diminuída, entre outros, o que pode gerar alteração da satisfação sexual. Portanto, ser adolescente e gorda muitas vezes, significa ter para si valores culturais que discriminam os corpos gordos e valorizam os corpos magros, colocando o corpo gordo como obstáculo para a sexualidade, impedindo que essas pessoas se expressem enquanto “seres sexuais” (SANTOS; VALE, 2002).

A partir dessas considerações sobre sexualidade, adolescência, mídia e o corpo gordo, o presente capítulo tem como objetivo analisar trechos de dois episódios da série inglesa “My Mad Fat Diary”, focando no modo que as representações sobre os temas discutidos anteriormente serão abordadas.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	My Mad Fat Diary
Nome Traduzido	(não há - Netflix)
Gênero	Drama/Comédia
Ano	2014
Local de lançamento e Idioma original	Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte/ Inglês
Duração	45 min (episódio)
Direção	Tom Bidwell

My Mad Fat Diary é uma série sobre uma adolescente gorda, Rae, que possui problemas psíquicos. A série começa após uma tentativa de suicídio de Rae que a manteve em uma clínica durante alguns meses. Os episódios escolhidos tratam especificamente da sexualidade de Rae e a visão sobre seu corpo. No primeiro episódio da segunda temporada, ela planeja perder sua virgindade com seu namorado, Finn, um garoto magro e popular, já que é importante para ela e suas amigas que elas não entrem na faculdade como virgens. Após diversos planos feitos, Rae e suas amigas magras, Izzy e Chloe, vão comprar lingerie, fazer depilação, para que ela e Izzy percam a virgindade durante um acampamento, que foi planejado por elas especificamente para isso. Na loja, Rae observa uma propaganda de lingerie na parede, com uma modelo branca e magra. Tal propagando aparece em outros momentos do episódio, fazendo com que Rae pense mais sobre o padrão que ela não atinge.

Ao chegar no acampamento, Rae descobre que Izzy perdeu a virgindade no dia anterior, e que devido a falta de barracas, ela e seu namorado terão que dividi-la com outra pessoa. Finn, porém, preparou uma surpresa para Rae, e a leva para uma kombi de acampamento afastada, decorada especialmente para o momento. Quando começam a se beijar, Rae fica muito nervosa e pede para ir ao banheiro, onde acha uma foto dela e do namorado. Ao se comparar com ele, ela não se sente bonita o bastante para o garoto e relembra as diversas ocasiões em que estavam juntos em público e foram encarados. Ela sai do banheiro dizendo que está com enxaqueca, cancelando o plano de transar. No primeiro dia da faculdade, Rae entra no prédio de mãos dadas com Finn e sente que todos estão encarando e comentando sobre eles, o que lhe causa um ataque de pânico, fazendo com que saísse de prédio apressadamente,

sem conversar com o namorado. Rae termina com ele nos próximos episódios, por esses mesmos motivos.

No episódio seis, da segunda temporada, a melhor amiga de Rae, Chloe, está sumida, e ao tentar achá-la, a protagonista acha o diário de Chloe na casa da amiga, e o lê. Essa leitura faz com que Rae duvide de sua capacidade como amiga, prejudicando ainda mais sua autoestima, fazendo com que ela procure um menino do grupo de apoio que frequenta, que não a trata muito bem, porém é gordo e tem problemas psíquicos como ela. Ela decide então perder sua virgindade com ele, e para isso, levanta para apagar a luz do quarto, repetindo a frase dita por ele anteriormente a ela: “nenhum de nós dois é uma obra de arte”. Depois dessa cena, Rae diz que ela teve a oportunidade de perder a virgindade do jeito que sempre imaginou, mas que acabou “merecendo” outra coisa.

Análise Crítica

Trata-se de uma série de drama narrada em primeira pessoa pela protagonista. A série é altamente crítica a padrões normativos de corpos, tentando expor Rae como uma adolescente comum, mas com diversos danos causados pelo preconceito em relação a seu corpo e a visão que ela criou sobre si a partir de seu contexto opressor. A série tenta romper com tais preconceitos, mostrando como o corpo aparece como questão para Rae em situações de autoconfiança, autoestima, resolução de conflitos, etc, sendo que em outros momentos, como quando Rae pensa sobre sexo, sua sexualidade aparenta ser comum como a de qualquer outro adolescente.

A temática da série como um todo envolve preconceitos, autoestima e problemas psíquicos. Trata desses temas de forma dramática, porém adequada do ponto de vista do psicólogo, já que busca desconstruir

conceitos, além de mostrar uma evolução da protagonista ligada a seu tratamento terapêutico, que é valorizado durante toda a série.

Desde o começo da série, Rae pensa e escreve sobre seus desejos sexuais, algo considerado normal para uma adolescente de sua idade, considerados os aspectos biológicos, psíquicos e sociais. Finn é seu primeiro namorado e ela espera ansiosamente pelas experiências que terá com ele, sendo que no primeiro episódio ela têm sua primeira experiência sexual com ele.

Logo no começo do primeiro episódio da segunda temporada, Rae se questiona se o encontro que teve com Finn seria realmente um encontro, após Chloe questioná-la sobre o que ocorreu e sobre a ausência do primeiro beijo do casal. Tal questionamento alimenta a insegurança de Rae sobre se o garoto realmente gosta dela, perguntando-se se ele realmente sentiria desejo por ela. O primeiro beijo do casal acontece após um dos jogos de Finn, sendo o mesmo que inicia o ato.

Algumas cenas depois, o casal está no quarto da casa de Rae e a garota têm sua primeira experiência sexual, em que seu namorado a masturba. Finn se mostra atencioso com Rae, perguntando como ela estava se sentindo, enquanto os pensamentos de Rae são mostrados como excitados e com grande expectativa. Apesar de Rae atingir o orgasmo, a mãe da menina logo entra no quarto sem bater ou se anunciar, fazendo com que o casal se separasse rapidamente. A mãe de Rae parece não considerar que a garota poderia estar tendo relações sexuais com o namorado, por a porta estar fechada, e ao ver a menina deitada, questiona o motivo de ela estar deitada. Sendo a mãe de Rae uma das pessoas que mais pressiona a menina em relação ao peso, e que está constantemente fazendo dietas malucas, julgou-se que ela não considerou tal possibilidade pelo frequente fato de as pessoas não

considerarem que o gordo pode também ter desejos sexuais. Ao ir embora, Finn se mostra disposto a continuar a experiência que estava tendo, fazendo com que Rae tenha mais expectativa e desejo para que aconteça.

Durante uma conversa com Izzy e Chloe, Rae percebe que falta apenas alguns dias para que as aulas na faculdade comecem e Chloe pergunta se ambas já “chegaram até lá” com seus namorados e quais as expectativas sobre isso. Enquanto Izzy dá uma descrição muito fantasiosa do que imaginou, Rae responde com um tom cômico, porém se mostra indecisa sobre como quer que aconteça. É possível analisar a situação como algo que Rae não tenha pensado muito sobre como aconteceria, pois até pouco tempo não imaginava que teria a oportunidade de ter essas experiências, já que raramente pessoas gordas são vistas como desejáveis e merecedoras de atenção sexualmente e/ou romanticamente.

Isso encaminha para uma discussão sobre primeiras vezes e Chloe fala diretamente que as duas precisam fazer isso logo para não entrarem na faculdade sendo as únicas virgens, dando um tom muito negativo sobre a situação. Izzy e Rae fazem um pacto para que perdessem a virgindade antes das aulas começarem e planejam um acampamento onde o esperado evento aconteça.

Como preparação para o evento, as amigas vão comprar lingerie. Apesar de Rae se sentir bem com a lingerie escolhida pela vendedora, é visível que os anúncios mostram um corpo muito diferente do da protagonista, fazendo com que ela, durante o episódio, se sinta inadequada diversas vezes. No acampamento, Izzy revela que teve sua primeira vez na noite anterior e Rae fica incomodada por ser a única a não ter perdido a virgindade ainda e se sente mais pressionada ainda para que isso aconteça.

Quando Finn mostra o trailer decorado onde o casal iria dormir e passaria a primeira noite juntos, Rae se mostra extremamente excitada e, quando começam a se beijar, pensa como parecia que estavam em um filme. Porém, ao pensar sobre as semelhanças com um filme, Rae também começa a pensar sobre como a situação parecia irreal, principalmente quando seu namorado começa a desabotoar sua blusa. Rae fica extremamente agitada e o impede de continuar, falando que precisa ir ao banheiro para se refrescar, interrompendo o momento.

No banheiro, Rae se pergunta o que estava fazendo, dando a entender que não compreendia o porque estava se sentindo nervosa com a situação. Porém, ao ver uma foto do casal junto, Rae pensa sobre o quanto o namorado é muito melhor do que ela e que as pessoas não entendiam como e por que eles estariam juntos, e, naquele momento, ela também não entendia. É nessa cena que se percebe que a imagem de si da garota está tão distorcida, por diversos motivos, que ela não se considera merecedora de estar com alguém aparentemente muito melhor que ela, pois se encaixa “perfeitamente” no padrão estético vigente.

Ao voltar do banheiro, Rae diz que está com dor de cabeça e Finn se mostra preocupado, porém não incomodado pela interrupção do momento. Rae considera que falhou em sua tentativa de perder a virgindade e fica incomodada por ter que começar a faculdade sem ter passado por essa experiência.

No sexto episódio da primeira temporada, a “primeira vez” de Rae acontece com um colega da terapia em grupo. A protagonista vai atrás de seu colega depois de se decepcionar com seu próprio comportamento relacionado à sua melhor amiga. Existe um histórico de Rae na série relacionados a comportamentos de autopunição, dando a entender que, ao procurar seu amigo com o intuito de transar, ela está se punindo. Isso se confirma quando,

depois de beijar seu colega, Rae se levanta para apagar as luzes falando que nenhum dos dois presentes ali é considerado uma obra de arte, mostrando sua opinião relacionada à corpos gordos e sua “feiura”. Depois da primeira vez, ao acordarem, o parceiro de Rae fala sobre como é legal que os dois sejam “fodidos da mesma forma” já que ambos dormiram totalmente cobertos. Rae não responde e em seguida vai embora se mostrando desconfortável com a situação. Podemos relacionar toda essa cena com a relação de culpa e falta de moral dada à pessoas com corpo gordo socialmente. Rae mostra uma falta de merecimento ligada a uma atitude que ela considerou errada, e é necessário que coloquemos seu corpo e o preconceito sofrido, junto com o fato de ser neuroatípica para entendermos sua autopunição. A fala de Rae vai nesse sentido: sabemos que ela foi até a casa do colega por causa de suas atitudes, porém o corpo não deixa de ser relevante, já que ela o usa para se menosprezar.

Considerações Finais

Analisar a série “My Mad Fat Diary” possibilitou reflexões sobre tópicos relacionados à sexualidade que são pouco abordados quando se fala em educação sexual. Sexualidade já é um grande tabu em nossa sociedade, e quando falamos em sexualidade relacionada à corpos gordos esse tabu se aprofunda, por muitas vezes serem considerados corpos “não sexuais”.

A série tenta quebrar alguns paradigmas sobre as pessoas gordas, mostrando-as com naturalidade como pessoas sexuadas e desvinculando a capacidade sexual da questão do peso. Ao mesmo tempo, ilustra as dificuldades em relação à aceitação do corpo que repercutem na autoestima e autoimagem e que influenciam na sexualidade, e isso pode colaborar para a sensibilização do

público sobre as desvantagens de serem mulheres gordas diante dos padrões estéticos vigentes.

A literatura é escassa sobre a relação de ser gordo(a) na adolescência e a sexualidade, por isso julgamos que tratar do tema na série torna-a mais interessante e necessária, pois a abordagem deve ser mais ampla que a questão médica e deve tratar também dos efeitos nefastos nas pessoas que vivenciam o preconceito e a discriminação social.

A série nos ajuda a pensar questões que precisam ser abordadas em processos de educação sexual, especialmente pensando nos corpos que não são compatíveis com os padrões normativos. Se queremos ser coerentes em nossa prática de educadores sexuais, precisamos trazer temas que socialmente já são excluídos, como a sexualidade de corpos gordos, caso contrário, estamos nos silenciando frente a questões que trazem sofrimento para algumas pessoas. Precisamos levar em consideração que o silêncio também “educa”, mas não adequadamente, pois ele traz algo a mais consigo, e muitas vezes é a manutenção de um preconceito.

Referências

COSTA, R. F. ; MACHADO, S. C. ; CORDÁS, T. A.; Imagem corporal e comportamento sexual de mulheres obesas com e sem transtorno da compulsão alimentar periódica. **Revista de Psiquiatria Clínica (USP. Impresso)**, v. 37, p. 44-48, 2010.

CONTAGEM, T. Representações do corpo gordo no filme o amor é cego (Shallow Hal). 2018. 31f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em História)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.

FORT, M. C.; SKURA, I.; BRISOLARA, C. B. C.; Corpos jovens e magros: imposições midiáticas, pressões sociais, angústias pessoais; In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Intercom, 2016. p. 01 - 15

MAIA, A. C. B. A educação sexual repressiva: Padrões definidores de normalidade. (pp.67-117). In: SOUZA, C. B. G.; RIBEIRO, P. R. M. (Orgs.). **Sexualidade, diversidade e culturas escolares**: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores. Araraquara: FCL/Unesp Laboratório Editorial; Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2008.

NERY, J. de O.; SANTIAGO, A. Gordofobia: discursos e estratégias de empoderamento de mulheres gordas ao preconceito. **Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da UNI7**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p.20-41, mar. 2018.

SAMPAIO, F. A. Gordofobia: as vozes da opressão no gênero piada. 2018. 33f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Letras - com habilitação em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

SANTOS, M. F.; VALLE, E.R.M. O sentido de existir de adolescentes que se percebem obesas. **Ciência, Cuidado & Saúde** , Maringá-pr, v. vol 1, n.1, p. 101-104, 2002.

VASCONCELOS, N. A.; SUDO, I.; SUDO, N.; Um peso na alma: o corpo gordo e a Mídia; **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza / N. 1; p. 65 - 93; 2004.

VAZ, P.; SANCHOTENE, N.; SANTOS, A.. “Gorda, sim! Maravilhosa, também!”: Corpo, desejo e autenticidade em testemunhos de vítimas de gordofobia no YouTube. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 12, n. 5, p.99-117, abr. 2018.

Disponível em: <<https://lumina.ufff.emnuvens.com.br/lumina/article/view/831/562>>. Acesso em: 18 out. 2018.

ZUCHERAM, G. D.; MARCELINO, R. M. A. Beleza, Estereótipo e Corpo: Uma Reflexão Teórico-Conceitual para a Compreensão da Gordofobia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2017. p. 57 - 69

Videografia

My Mad Fat Dairy - Segunda temporada, episódio 1
<https://www.youtube.com/watch?v=5Z6FbDPOgkl>

My Mad Fat Dairy - Segunda temporada, episódio 6
<https://www.youtube.com/watch?v=gyrYO2lieQo>

Capítulo 5

GIRL: A TRANSEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Luísa Brambilla Caldeira

Introdução

A compreensão da transexualidade cresce juntamente aos debates acerca do gênero. “Não se nasce mulher. Torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980). A impactante frase ilustra as novas concepções sobre o gênero, entendido como construção social. Quebra-se, portanto, a noção da identidade de gênero como correspondente à presença ou ausência do cromossomo Y.

Bento e Pelúcio (2012) descrevem a trajetória do fenômeno do gênero ao longo dos tempos, a partir da visão médica, psicológica e psiquiátrica. Em 1980, a transexualidade foi taxada como doença no Código Internacional de Doença, chamada de “Transexualismo”. A Associação de Psiquiatria Norte-Americana incluiu na 3ª versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM III) a transexualidade como um “transtorno de identidade de gênero”, o que se manteve no DSM IV, publicado em 1994¹. Segundo as autoras, o que se percebe nesses manuais é “uma radical defesa do dimorfismo”. E ainda dizem que

As performances de gênero, a sexualidade e a subjetividade são níveis constitutivos da identidade do sujeito que se

¹ Alterado no DSM V para “disforia de gênero”, em 2013.

apresentam colados uns aos outros. O masculino e o feminino só se encontram por intermédio da complementaridade da heterossexualidade. Quando há qualquer nível de descolamento, deve haver uma intervenção especializada, principalmente de algum especialista nas ciências psi, para restabelecer a ordem e a “coerência” entre corpo, gênero e sexualidade. É esse mapa que fornecerá as bases fundamentais para a construção do diagnóstico de gênero. (p.571).

A crítica das autoras Bento e Pelúcio (2012, p.572) é que embora a homossexualidade tenha sido deixada de ser considerada “doença” desde 1973, muitas outras categorias médicas existiram depois disso para patologizar “comportamentos a partir do pressuposto heteronormativo, que exige uma linearidade sem fissuras entre sexo genital, gênero, desejo e práticas sexuais” E ainda, que a patologização da sexualidade continua operando com grande força, não mais como “perversões sexuais” ou “homossexualismo”, mas como “transtornos de gênero”. Se o gênero só consegue sua inteligibilidade quando referido à diferença sexual e à complementaridade dos sexos, quando se produz no menino a masculinidade e na menina a feminilidade, a heterossexualidade está inserida aí como condição para dar vida e sentido aos gêneros.

O caráter biologizante e hegemônico do saber médico influenciou a demora em enxergar o indivíduo trans como saudável, mantendo a normatização dos indivíduos e o enfoque na doença. Nessa lógica, um corpo tem que ser útil, ou seja, apto a reproduzir. Questões que passam pela subjetivação, como a orientação sexual e a identidade de gênero, foram só muito recentemente consideradas na saúde do indivíduo, como citam Pereira e Almeida (2005, p.93):

A partir do momento em que esses conhecimentos ditos científicos alcançaram a hegemonia na narrativa da

existência, a compreensão do que se considera "saúde" não foi mais orientada por outros valores suscitados pela vida compreendida como totalidade sócio-psíquica e cultural.

Apesar dessa tendência, a saúde passou a ser considerada pela Organização Mundial da Saúde mais do que ausência de doença e sim um estado de bem-estar físico, mental e social. Porém, ainda é uma tendência focalizar o olhar no fisiológico desconexo ao contexto psicológico e social.

De qualquer forma, Bento e Pelúcio (2012, p.573) afirmam que mais recentemente, tem havido uma mobilização para despatologizar a transexualidade, além de

1) retirada do Transtorno de Identidade de Gênero (TIG) do DSM-V e do CID-11; 2) retirada da menção de sexo dos documentos oficiais; 3) abolição dos tratamentos de normalização binária para pessoas *intersexo*; 4) livre acesso aos tratamentos hormonais e às cirurgias (sem a tutela psiquiátrica); e 5) luta contra a transfobia, propiciando a educação e a inserção social e laboral das pessoas transexuais.

As reivindicações chegaram a São Paulo e, em 2011, o Conselho Regional de Psicologia (SP) publicou um manifesto pela despatologização da identidade Trans, mas foi apenas em 2018 que a OMS retirou a transexualidade da lista de doenças, sendo uma vitória para os ativistas e a comunidade trans. E recentemente, no mês de maio de 2019, a Organização Mundial da Saúde publicou a mais nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) em que a transexualidade deixa de ser “doença mental” para ser

“incongruência de gênero” o que vai demandar novas formas de tratar e atender essa clientela².

Há procedimentos para modificação de características provenientes do sexo biológico, há a cirurgia dos genitais, há o procedimento hormonal. Todos se apresentam como possibilidades para as pessoas que desejarem. É um equívoco considerar a pessoa como transexual apenas após a cirurgia, pois como dito anteriormente, a questão de gênero vai muito além do corpo, sendo definido pela identificação da pessoa com um dos gêneros, com nenhum ou com um patamar entre eles. A cirurgia aparece como uma escolha (PERES; TOLEDO, 2011).

No Brasil, em 1997 o Conselho Federal de Medicina (CFM) autorizou as cirurgias chamadas “cirurgias de transgenitalização”. Em 2010 para retirada de outros órgãos femininos, útero, ovários e mamas. Em 2008, o Sistema Único de Saúde passou a realizar os procedimentos. De acordo com Galli et al. (2013) em alusão ao pensamento de Bento (2006), o motivo principal que levam as pessoas que desejam a cirurgia o fazerem é, além de integrar corpo e mente, a busca pelo alcance do reconhecimento social de pertencimento à humanidade.

Em uma sociedade patologizadora e cis-heteronormativa, as pessoas que representam a diversidade sofrem discriminação e são alvos de preconceito. A estigmatização e a patologização do diferente ainda é frequente, mesmo que às vezes, de forma velada. Cada vez mais, aumentam os índices no Brasil de casos de violência física, moral, simbólica, etc. contra as pessoas transexuais, por isso, diversas parcelas da população têm investido esforços para lutar contra a esse

² https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/18/apos-28-anos-transexualidade-deixa-de-ser-classificada-como-doenca-pela-oms_a_23462157/

quadro e garantir a qualidade de vida e de saúde respeitando à diversidade sexual e humana.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Girl
Nome Traduzido	(não há - Netflix)
Gênero	Drama
Ano	2018
Local de lançamento e idioma original	França/ Flamengo (língua francesa)
Duração	1h39min
Direção	Lukas Dhont

O filme retrata a realidade de Lara, uma jovem de dezesseis anos, cujo maior sonho é tornar-se uma bailarina profissional. Com a ajuda do pai, ela busca uma nova escola de dança para desenvolver sua técnica. No entanto, a menina encontra dificuldades para adaptar-se aos movimentos executados nas aulas por conta de sua estrutura óssea e muscular, já que Lara nasceu no corpo masculino. O longa aborda temáticas de socialização entre os jovens, os primeiros contatos amorosos adentrando na orientação sexual, e, sobretudo os limites da aceitação social sobre sua identidade de gênero.

Análise Crítica

O filme *Girl* (garota ou menina, traduzido ao português) já anuncia em seu título que tratará das questões de gênero. Ao acompanhar Lara de perto durante sua caminhada em uma nova escola de dança, o drama denuncia com muita sensibilidade a transfobia.

O filme se passa na Bélgica, um país progressista e que já realiza a cirurgia de redesignação sexual, um lugar

privilegiado comparado à realidade de outras pessoas trans. A sociedade no geral aparenta possuir esclarecimentos sobre a transexualidade, tendo seus direitos básicos garantidos pelas Instituições. É em nível pessoal, porém, que as violências acontecem. Na sociabilidade da jovem, a transfobia discreta, mas violenta contribui para sua exaustão emocional. A temática não é retratada exaustivamente e sua identidade de gênero não é apresentada focando no corpo apenas. Felizmente ela é apresentada como bailarina, filha, irmã, e pessoa trans. Ao tratar de temáticas LGBTQIA, muitos conteúdos midiáticos representam a história de alguém por apenas uma de suas partes, a do aspecto sexual, enfraquecendo a concepção de pessoa, complexa e imersa nas mais diversas temáticas. O filme toma esse cuidado, e, mesmo tendo a transexualidade como uma das temáticas principais, Lara é uma personagem completa.

Diferentes aspectos de sua personalidade são desenvolvidos na trama. Ela aprimora-se na dança ao mesmo tempo em que emagrece e perde o sono. Lara é e fica cada vez mais contida. Não expressa suas dores através da fala, sejam elas físicas ou psíquicas. Seus sintomas de stress e ansiedade aparentam evoluir no decorrer do filme e no decorrer das agressões veladas.

Sua família costuma respeitar sua identidade de gênero, mas há um momento em que ela e o irmão mais novo brigam, e ele a chama pelo nome que fora dado em seu nascimento. Lara o repreende e pede para ele não fazer mais isso.

Existe grande descontentamento com o corpo. Ela parece tolerar muita dor física para parecer-se mais com uma garota. Ela fura as orelhas em casa e prende o pênis com fita adesiva, o que convida a refletir sobre o tamanho do sofrimento psíquico que a motiva a suportar os machucados no corpo. O ódio ao genital não é regra na

população transexual, mas é comum. No caso dessa personagem é muito presente, e se intensifica.

Em uma cena, Lara toma banho de shorts, troca de roupa cobrindo-o. A ereção que ela percebe quando desperta ou quando está beijando seu vizinho, causa-lhe extremo desconforto e ela esforça-se para escondê-la. Mesmo sabendo dos riscos de saúde em comprimir o pênis, Lara o faz rotineiramente. Não é à toa. O pênis é alvo de curiosidade e sua imagem simbólica no imaginário das pessoas perpassa a forma que se relacionam com ela.

Várias cenas indicam as angústias de Lara diante de sua condição biológica e as curiosidades e reações do entorno: Em uma cena o professor pergunta no primeiro dia de aula se algumas das garotas se incomodariam em compartilharem o banheiro feminino, em outra, em uma festa do pijama, a mãe de uma das garotas separa um quarto apenas para Lara. Em outra cena há uma colega que pede para vê-la pelada, evidenciando tantos não ditos. A imagem imaginária do pênis torna-se finalmente concreta, uma vez que a personagem cede ao pedido sob o argumento de que ela também já viu todas as garotas peladas. Igualdade então seria todas verem e serem vistas.

A noção de igualdade perante todas as pessoas é superficial, uma vez que as pessoas possuem diferenças. Tratá-las da mesma forma, implica em negligenciar necessidades e cuidados específicos. Mascaram as diferenças é mais uma forma de negá-las. O filme é muito focado nos afetos, o que contribui para criar uma grande empatia por Lara. A compreensão das dores e a vontade de se aproximar da personagem tornam o filme um possível recurso para apresentar o tema para pessoas não familiarizadas.

O pênis é visto como potencial de gozo e, portanto, importante. Os sentimentos diante dele variam de amor a asco, mas geralmente são fortes. Ao retratá-lo de uma

forma inteligentemente medíocre e quebrar com o paralelo falo-desejo, o diretor balança as masculinidades, que tanto se utilizam desse local de destaque. O homem então não nasce pronto, e o pênis não confere poder imediato. A transexualidade não o permite. Existem pênis que não asseguram o local de privilégio. Quando outras possibilidades são colocadas e percebe-se que a construção da identidade não é dada há o medo. Encontra-se aí um possível motivo para a resistência à diversidade.

A temática da orientação sexual é muito bem trabalhada. Em uma conversa com seu pai, ele pergunta se há algum menino em quem ela se interessou na escola nova. Lara diz que nunca falou que gostava de meninos. A heteronormatividade é muito forte em nossa sociedade. O pai a reproduz. Diante da resposta de Lara, ele pergunta sobre o interesse em alguma garota, e Lara diz que não há, diz não saber do que gosta ainda, e que isso é particular. Essa cena é muito didática a respeito da desvinculação entre gênero e orientação sexual. Além disso, expressa a sexualidade como fluida e a ser experimentada e construída, não permitindo pré-determinantes. Ainda sobre a cena, a adolescente, que é tímida, sabe impor o que deve ou não ser de domínio público, e tem a noção que sua sexualidade se refere apenas a si mesma.

A cena final resume o sofrimento psíquico da garota, que agora está claro ser o tema principal do filme. Lara tem uma insatisfação contínua, e planeja um ato para amenizá-la. Ela liga para a emergência e corta seu pênis. A mutilação do órgão é muito simbólica. Lara deseja amputar a dor trazida pelas similaridades com o sexo masculino, isto é, o feito quase suicida não foi baseado apenas na não identificação do corpo, mas também, e talvez, principalmente, pela transfobia.

A tentativa de indivíduos se adaptarem à sociedade significa abrir mão de seus direitos fundamentais, baseados

no respeito de sua identidade, crenças e valores. É, portanto, a sociedade que deve ser diversa o bastante para abarcar as pessoas em sua completude, isto é, os diferentes desejos, pensamentos, ímpetos e formas de viver desde que também sejam pautados nos Direitos Humanos.

Uma forma do filme contribuir com a inclusão seria contratar atores trans. A personagem é interpretada por um homem-cis, o que foi criticado pela comunidade LGBTQIA.³ É contraditório que se proponha discussões tão ricas sobre a temática da transexualidade sem que a comunidade trans seja convidada para compor. A produção reproduz a cisnormatividade que ela denuncia.

Considerações Finais

Por muitos momentos históricos, áreas da saúde fortaleceram a concepção de inadequação social de pessoas que se diferenciam às normas sociais, reforçando a patologização do indivíduo e o excluindo do ambiente social. Entretanto, pesquisas recentes, categorias profissionais, como a Psicologia, movimentos sociais etc., têm quebrado a hegemonia do pensamento médico e ampliado as noções sobre saúde, identidades trans e outras formas de existência.

É direito de todas as pessoas ter acesso a saúde e viver sem violência. A discussão sobre diversidade é incontestável e deve ganhar mais espaço. É preciso, também, que se olhe para a realidade concreta e emergencial dessa população. As discussões se tornam superficiais quando não são acompanhadas da garantia dos

³ <https://empoderadx.com.br/2018/12/12/filme-sobre-bailarina-trans-aclamado-pela-critica-divide-opiniao-da-comunidade-lgbt/>

direitos humanos universais, dentre eles, possuir um lugar social.

O filme analisado, recente lançado, sensibiliza o olhar para as condições das pessoas trans, tanto em suas subjetividades, quanto em suas relações familiares e sociais e a importância da construção dessa temática de forma humanizada.

Referências

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENTO, B. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas**, Natal, v. 4, n. 5, p.95-112, jun. 2010.

BENTO, B. ; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p.569-581, maio/agosto 2012.

CRP-SP. MANIFESTO PELA DESPATOLOGIZAÇÃO DAS IDENTIDADES TRANS. 2011. Disponível em: <http://www.crsp.org.br/portal/midia/fiquedeolho_ver.aspx?id=365>. Acesso em: 05 maio 2019.

GALLI, R. Alves. et al. Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 447-457, Dec. 2013.

PEREIRA, O. P.; ALMEIDA, T; M. C.de. Saúde e poder: um estudo sobre os discursos hegemônicos e subalternos em

contextos multiculturais. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 91-98, ago 2005.

PERES, W S; TOLEDO, L G. Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder.**Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 11, n. 22, p. 261-277, dez 2011.

Capítulo 6

POSE: A EDUCAÇÃO SEXUAL NA VIDA DE UM GAY NEGRO A PARTIR DA PERSONAGEM DAMON

Bruno Augusto da Silva Faria

Introdução

Para onocar este capítulo é importante levantar uma discussão feita por FURLANI (2007), que é a diferença entre estereótipo e representação. Segundo ela o estereótipo pode ser usado para “descrever o conjunto de significados de cunho ideológicos, intencionalmente, inventados sobre certos sujeitos, sobre certos sistemas políticos ou sobre certos estilos ou filosofias de vida” (p. 48) e o estereótipo “se alia a uma iconografia atrelada a valores heróicos e, propositadamente, se constitui numa representação inventada em intenções políticas” (p. 47), e nesse sentido, ele é uma forma de definir e dimensionar no impulso de controlar a imagem de um outro, no qual, em sua maioria, acaba por sintetizar todo um grupo social e político em uma só imagem, carregada de valor negativo e generalizante.

Furlani (2007), ainda questiona que “quando nos opomos aos estereótipos deixamos de considerar que nas entrelinhas desse investimento está a existência de uma verdade sobre a qual o estereótipo estaria se baseando”, ou seja, há por trás de um estereótipo a representação de alguém, queiramos ou não; a “bixa preta” estereotipada existe para além da mídia e reconhecer isso não é legitimar a violência simbólica que o estereótipo produz. É preciso reconhecer esse fato para

conseguir pensar a construção de uma representação midiática mais legítima e menos estigmatizante.

Para que haja uma representação de fato é necessário que a imagem e narrativa criada não sejam generalizantes, portanto é preciso criar estratégias para que se entenda que a imagem criada, por mais que represente um grupo social específico, não significa que todos os membros se resumem a esta representação pontual. Além disso, é preciso que esta imagem seja positivada, e não reduzida a um objeto de escória, comédia e repulsa.

A imagem do homem negro gay é permeada pelos discursos de gênero racializados, que apresentam o homem negro enquanto ser hipersexualizado, incapaz de se controlar e até mesmo visto como potencial esturpador de mulheres brancas, como analisa Angela Davis em seu livro *Mulheres, Raça e Classe* (DAVIS, 2016). Ferreira e Carminha (2017) problematizam uma questão importante: o negro é educado para ser um guerreiro e aprende, desde cedo, a viver com a violência, a rejeição e o isolamento e a imagem desse homem negro guerreiro não combina com um homem negro que reproduz características femininas, seja por ser homossexual ou apenas não reproduzir a masculinidade hegemônica. Assim, o homem negro perde seu caráter de “guerreiro” para se tornar um “fracasso”, mais que isso, um traidor. Segundo Ferreira e Carminha (2017, p.168):

A hipersexualização do homem negro transformou a cor de sua pele em limite simbólico da hombridade, sendo a causa de seu exagerado apreço pela relação entre o binário de gênero (masculinidade e feminilidade) e a dimensão morfológica do sexo (pênis e vagina). Isto é, na qualidade de símbolo de nobreza e de honra, o falo negro torna irrealizável qualquer sexualidade fora da norma dentro da raça, mesmo que em tese.

Trazendo as reflexões de Fanon (2008), percebemos que, no imaginário coletivo, a homossexualidade negra é entendida como uma perversão da cultura branca. É como se, simbolicamente, não houvesse a possibilidade de existirem gays negros, ou se houvesse que eles devessem ser excluídos, na medida em que ele não corresponde a expectativa social associada a masculinidade do homem negro (DE SOUZA TEIXEIRA, 2017).

Diante disso, temos um “cruzamento das avenidas identitárias” como diria Carla Akotirene (2018), a junção das “avenidas” do racismo e da cisheteronormatividade delega um lugar especial de marginalização, opressão e invisibilidade à gays negros, que é diferente do lugar delegado à homens negros heterossexuais ou do lugar de homens brancos homossexuais, e que portanto somente por meio da interseccionalidade poderemos analisar de forma legítima esse “cruzamento”.

Sendo assim, somos provocados a refletir não somente como tem se dado, majoritariamente, esse lugar do gay negro na mídia no imaginário social, mas principalmente como ele pode ser construído de forma transformadora, transgressora, não-estereotipada e inclusiva.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Serie
Título Original	Pose
Nome Traduzido	(não há - Netflix)
Gênero	Drama
Ano	2018
Local de lançamento e Idioma original	EUA/ Inglês
Duração	52 min
Direção	Gwyneth Horder, Payton Janet Mock, Nelson Cragg, Ryan Murphy, Silas Howard e Tina Mabry

Apresentada pelo canal FX, a série é dirigida por Ryan Murphy e foi lançada em junho de 2018 nos Estados Unidos. Ambientada em 1986, a série mostra o cotidiano de travestis, gays e pessoas marginalizadas nos guetos nova iorquinos. Segundo a sinopse original ela traz “*a justaposição de várias culturas: o nascimento da era luxuosa dos bilionários, a cena social e literária do centro da cidade, e a cultura dos bailes LGBT*”. É no cenário de desigualdade social e racial que a trama se desenvolve, se configurando enquanto drama e carregando tantos elementos históricos que adquire até mesmo um valor documental. A série começa com a personagem principal Blanca, uma travesti negra, brigando com sua “família” - estrutura que explicaremos mais adiante no decorrer da narrativa. Ela quer construir uma “família” só sua e competir nos bailes para deixar seu nome na história.

Análise Crítica

A história de Damon - personagem que analisaremos - surge inicialmente em paralelo ao enredo central, ele é um menino negro que mora na cidade de Allentown na Pensilvânia e está fazendo uma aula de ballet na qual dança de forma empolgada. No ônibus, voltando para casa ele lê uma reportagem sobre uma “Nova Escola de Dança” em New York e chegando em casa busca uma fita cassete embaixo da cama para ouvir e dançar “On The Radio” de Donna Summer, de repente é surpreendido pelo pai que entra no quarto e desliga o som. O pai de Damon diz que já havia o proibido de ouvir músicas e dançar, e questiona onde ele estava, e assustado, ele responde que ficou até mais tarde na escola. O pai então descreve uma cena na qual estava chegando no bar e seus amigos estavam rindo dele, quando se aproximou, um deles disse ter visto Damon saindo com sapatilhas da aula de ballet.

Este trecho é importante para pensarmos a “vigilância de gênero” exercida pelos amigos e o próprio pai, nas palavras de Souza Teixeira (2017, p.3):

A homofobia instaura uma espécie de “vigilância do gênero” (Borrillo, 2009), que denuncia os ‘desvios’ e ‘deslizes’ do masculino em relação ao feminino e vice-versa; operando uma atualização constante nos indivíduos, a fim de lembrá-los de seu ‘gênero certo’.

As restrições que o pai impõe e a chacota no bar tida como denúncia são exemplos claros dessa vigilância. Ao dançar ballet Damon realiza uma atividade considerada socialmente feminina e abala a estabilidade das relações de gênero impostas.

O pai continua a discussão expondo uma revista pornô gay que encontrou embaixo da cama de Damon e conta das brigas que teve com a esposa sobre a vigilância (analisada no parágrafo anterior), para ele “*se for muito gentil [com o filho] vai crescer uma bichinha*” enquanto ela contrapunha dizendo que a “*criatividade precisa de espaço para ser explorada*”. Damon encara o pai e diz que é um dançarino e que é gay, recebe como reação um tapa e começa a ser espancado pelo pai. Neste momento a mãe chega em casa, os separa e o pai de Damon o leva até fora da casa, expulsando-o.

A mãe de Damon vai até ele e diz “*como pode me trair assim? Apoiei sua criatividade e você traz indecência para minha casa?*” anuncia ainda que “*a Bíblia condena a homossexualidade, Deus vai punir você com aquela doença*”. Por fim ela pede que ele se desculpe e volte para casa, Damon não reage e ela joga as roupas contra ele enquanto a vizinhança calmamente assiste a cena.

A influência e o papel da Igreja na construção da homofobia fica evidente na fala da mãe de Damon e é muito

bem explanada por Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) no capítulo “Igreja, medo, culpa e pecado” de seu livro “O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.”. Para Megg a Igreja exerce uma enorme violência ao situar a homossexualidade no campo do pecado, perseguindo os comportamentos e expressões de desejos não heteronormativos principalmente por meio da confissão. A culpa pesa sobre os atos, pensamentos e desejos homossexuais e faz com que gays e lésbicas busquem suprimir sua sexualidade para se manterem dignos do reino de Deus, livres de seus pecados.

Esse cenário de culpa e pecado culminam em um “castigo divino” anunciado pela mãe de Damon; a AIDS. O discurso religioso construiu um forte estigma em torno dos LGBTQIAs soropositivos, já que eram o maior grupo de risco da época da epidemia da doença. Essa vulnerabilidade à infecção do vírus HIV tem forte relação com a educação sexual destinada às pessoas LGBTQIA, uma vez que a sexualidade é vivenciada no silenciamento e obscurantismo, não é fornecido informações e orientações de saúde, proteção e cuidado para estas pessoas.

Expulso de casa e impulsionado pelo sonho em dançar na “Nova Escola de Dança” que havia visto no jornal ele decide ir para New York, onde dorme numa praça central. Um dos moradores de rua da praça sugere que Damon seja michê e ele se incomoda com a indicação. Nesta cena podemos identificar o estereótipo e a expectativa do corpo negro hipersexualizado, afinal um gay negro em situação de rua deveria usar seus “dotes sexuais” para conseguir dinheiro. Oposto a essa ideia Damon decide dançar na praça para conseguir dinheiro e encontra Blanca, a personagem principal da série.

Blanca vê Damon dançando e o convida a ser da “casa dela” e explica que as “casas são famílias que você

escolhe”, ela é a “mãe” da casa e dá suporte, habitação e proteção para seus “filhos” (outros LGBTQIAs em situação de vulnerabilidade) além de competirem juntos nos bailes. As “Famílias LGBTs” fazem parte de um movimento que existe até hoje e consistem numa rede de apoio “como garantia de proteção contra possíveis agressões sofridas pelos membros das famílias”, além de suporte, alimentação, orientação e até mesmo moradia como cita a personagem. O “pai” ou “mãe” da família ainda é responsável por elaborar e manter leis e regras de convivência dos “filhos”. (PERILO, 2014, p. 3).

Damon por sua vez responde de forma truculenta dizendo “*eu não sou como você, desculpa*”. É preciso analisar bem as condições para não tachá-lo de prepotente, afinal, dias antes ele estava numa aula de ballet sonhando em ser um grande bailarino, e agora foi expulso de casa, estava dormindo na rua e lhe propuseram a prostituição. Começar a dançar na rua não foi um ato qualquer para ganhar dinheiro, ele fez isso após visitar a “Nova Escola de Dança”, ou seja, estava reestruturando seus sonhos e ambições de fazer parte da sociedade, se distanciando e diferenciando das pessoas que estavam “condenadas” à marginalização, como é o caso de Blanca, uma travesti negra. Depois de conhecê-la melhor, Damon pede desculpas pelo que disse e Blanca confirma o que analisamos: “*Tudo bem, você é gay, um garoto negro, quem mais vai encontrar para fazer você se sentir melhor?*”. Fica evidente como funcionam as peculiaridades das “avenidas identitárias”, aqui já citadas, de Carla Akotirene (2018), pois Damon é uma pessoa negra e LGBTQIA, como Blanca, no entanto o lugar do travesti a submete a outra posição social, ainda mais inferior que a de Damon.

Blanca percebe a necessidade de Damon “se encontrar” e continua a conversa, na qual o convence a conhecer o baile, que ela define como “*reuniões de pessoas*”

que não são bem-vindas para se reunir em nenhum outro lugar, em uma celebração de uma vida que o resto do mundo não considera que valha a pena celebrar” na tentativa de “conseguir se encaixar no mundo dos heteros, dos brancos, personificar o sonho americano, mas não temos acesso a esse sonho, e não é por causa de habilidade, acredite! Quer dizer, não é isso que você está tentando fazer? Caminhar até esse mundo clareado, o mundo da aceitabilidade?”.

Ferreira e Caminha (2017, p.171) sintetizam muito bem essa passagem e a existência desse “submundo” LGBTQIA ou Queer:

Os guetos surgem como alternativas de ‘sobrevivência’. Mesmo que traspassados por violências e crimes, os bairros periféricos são espaços de negociação de diferenças: ‘cor’ e ‘sangue’ são tidos como ‘comunidade’; e o que é comum pode ser maior do que qualquer preconceito (LUZ, 2011). É nas rodas de samba ou pagode, em letras de rap e hip-hop, que uma parte significativa das subjetividades ‘gay-étnicas’ é produzida (FRANÇA, 2009). Ou seja, longe da cultura do consumo e dos modismos internacionais que as melhores casas noturnas ditam, ainda que ninguém esteja isento da ‘coisa supérflua’ no dia a dia. É a periferia que dá acolhida, até mesmo, à mal-afamada bicha preta que, em meio à zombaria e o espancamento, conquista o direito de respeito e diálogo.

A fala de Blanca e a citação acima descrevem bem a vontade que Damon possui em se “ressocializar” através da dança, à sociedade e resgando sua dignidade. Ferir a heteronormatividade consiste em perder status e ser colocado num lugar social específico, do preterimento, da doença, da criminalidade, da desonra, da pobreza e da marginalidade. Os guetos são a saída encontrada por essa população para restabelecer, mesmo que internamente, essa honra, o respeito, a admiração e o sucesso. Uma das

lutas de Blanca durante a série é justamente a de conquistar direitos, reconhecimento e espaço para pessoas LGBTQIA e negras fora dos guetos, e não somente dentro dos bailes.

Damon entra para a família ‘Evangelista’ (de Blanca) e ao final de um baile conhece um menino também negro; Ricky. Os dois flertam e Damon é chamado para sair e comer algo, ele pede autorização a “sua mãe”. Caminhando próximos a um rio, Ricky abraça Damon, que reage assustado e com medo, o parceiro explica “estamos entre os nossos, *ninguém vai fazer nada*”. O medo de Damon diz respeito a vigilância de gênero a qual ele sempre foi submetido e às agressões do pai por performar qualquer comportamento que não lhe dissesse respeito a masculinidade hegemônica, mas a colocação de Ricky reforça o ambiente e clima acolhedor que os guetos são capazes de gerar.

Em determinado momento, Ricky tenta beijar Damon, que o interrompe dizendo que não sabe beijar, nunca fez isso. Ricky então o abraça e o beija lentamente. Depois de um tempo Damon percebe as intenções de Ricky e diz que eles estão indo “rápido demais” e pede mais encontros para que eles tenham alguma relação sexual.

Chegando em casa, Blanca adverte Damon por chegar tarde demais e pergunta se ele transou com Ricky. Damon responde que só se beijaram, que Ricky queria algo mais, mas ele não queria que sua primeira vez fosse num galpão. A partir deste momento Blanca inicia um diálogo que é de extrema importante para esta análise:

[Blanca] - *Você e seu pai chegaram a ter a conversa?*

[Damon] - *Que conversa?*

[Blanca] - *De onde vêm os bebês essas coisas...*

[Damon] - *Ah, tivemos. Foi horrível, ele ficava falando dessas coisas sobre anatomia feminina e tal, e o tempo todo eu pensava; não são essas informações que eu preciso. Tipo, meu*

Deus, isso não está me ajudando, mas eu não podia perguntar o que eu realmente queria saber, que era sobre o que os homens fazem juntos e tal ou eu seria descoberto e tinha medo que ele me matasse.

[Blanca] - *Pois aqui está o que ninguém além de mim vai dizer. Ser gay é difícil. - entrega um livro sobre a prevenção de HIV.*

[Damon] - *Não preciso disso, não planejo transar com Nicky.*

[Blanca] - *Meu filho ninguém planeja transar e não posso ser sua mãe e sua consciência. Não estarei para sempre aqui para te proteger. Você é um rapaz atraente, em breve vai querer começar a experimentar, mas precisa fazer escolhas inteligentes. (...)*

[Blanca] - *Prometa que vai se proteger! Há um vírus e se ele te pegar, pode te matar. Se precisar de camisinha me peça e se eu não estiver por perto vá ao hospital.*

[Damon] - *Quando vou saber se estou pronto?*

[Blanca] - *Quando se faz sexo a decisão de fazer é sua e de mais ninguém siga as instruções e se der errado venha até mim.*

Esse diálogo é de extrema importância pois denuncia os efeitos de uma educação sexual heteronormativa e invisibilizadora, afinal Damon e seu pai biológico tiveram uma conversa sobre sexo, mas o olhar heteronormativo do pai fez com que o conteúdo da conversa fosse além de ineficaz, aversivo e constrangedor ao filho. Sendo assim, percebemos que não basta haver uma educação sexual intencional, é preciso que ela integre a diversidade em todos seus âmbitos. Damon poderia até ter tido contato com pessoas que lhe dissessem que gays, lésbicas e bissexuais existem, mas se essa diversidade sexual não é posta estruturalmente, - ou seja, levando em consideração a possibilidade de ele não ser heterossexual e que há especificidades neste tipo de vivência - o efeito é o mesmo de não dizer nada sobre LGBTQIAs. A invisibilidade LGBTQIA é estrutural, e programar atividades de educação sexual sem pensar nas particularidades dessa população

produz exclusão, deixando de promover saúde, autonomia e autoconhecimento.

Atrelada à essa invisibilidade podemos notar também na fala de Damon, novamente, a vigilância de gênero, ele não só não ouve do pai o que ele quer saber, como também não pode perguntar.

A partir dessa história e sabendo como esses processos se deram para si, Blanca responde didaticamente as inquietações de Damon, de outro lugar, não mais o de julgamento e vigilância, mas o de acolhimento, compreensão e respeito. A continuação do diálogo aqui transcrito se dá em Blanca explicando as relações sexuais entre homens sobre posições comuns e significados atribuídos.

Passado um tempo, Nicky e Damon vão construindo uma relação de afeto e apoio mútuo, e na manhã de Natal Damon decide que quer transar com Ricky. Essa decisão é tomada num momento em que o personagem conseguiu estruturar seus objetivos de vida, está bem estabelecido na família e veio construindo uma relação de confiança com Ricky. Esses aspectos não aparecem na série como uma necessidade ou uma moral sexual a respeito da virgindade, mas como uma construção de autonomia que foi necessária e desejada particularmente por Damon.

Em um dos capítulos finais, Damon acaba adoecendo de uma gripe e Blanca assustada pergunta se ele transou sem camisinha em alguma ocasião, ele afirma que aconteceu uma vez da camisinha sair, mas que do contrário se protegeu sempre. Ele não entende o motivo da pergunta e decide conversar com Angel, uma travesti que vive da prostituição e também é 'filha' de Blanca. Angel explica que ele pode estar infectado pelo HIV, já que a baixa imunidade é um dos primeiros sintomas da AIDS. Damon decide ir conversar com Ricky perguntando se ele é soropositivo e ele diz que nunca fez o teste, Damon pergunta com quantas

peessoas Ricky já transou e ele diz que foram em torno de cinquenta, mas que foi passivo apenas duas vezes e por isso não corria riscos.

Blanca acaba ouvindo a conversa e decide conversar com Pray, o apresentador do baile, um homem gay, negro e mais velho, que já perdeu diversos parceiros para a AIDS. Blanca é soropositiva mas esconde essa informação pois não quer assumir uma imagem de fraqueza, de doente, de alguém que em breve morrerá. Além da culpa atribuída pela igreja, os LGBTQIAs das década de 1980 e 1990 tinham que enfrentar diversos outros estigmas atribuídos à relação desta população com o HIV, e conversando com Pray, Blanca discute sobre a necessidade da testagem e o engajamento no tratamento, identificando a forma como o preconceito valida o descaso das políticas públicas voltadas à AIDS e direciona os LGBTQIAs soropositivos a um único caminho: a morte. Pray fala sobre o medo de morrer que é vivenciado constantemente pela marginalização que vive sendo um gay negro, e como a testagem pode retirar dele as poucas esperanças que possuem na vida. Blanca levanta um discurso sobre coragem e enfrentamento que desencadeia numa conversa entre Pray, Damon, Ricky, e Lil Papi um menino latino, hétero, também da família Evangelista.

Nesta conversa Pray diz que todos irão fazer a testagem juntos, e fala sobre a importância de enfrentar e cuidar da saúde. Damon questiona a necessidade de Lil Papi fazer a testagem por ser hétero e ele diz que faria porque já precisou recorrer à prostituição para conseguir sobreviver. Neste diálogo não há o esclarecimento sobre as formas e possibilidades de infecção do vírus, e permanece a idéia de que apenas o sexo passivo entre homens expõe-os ao vírus. Por mais que o material possa apresentar uma postura educativa, não podemos perder de vista o contexto ao qual ele retrata, sendo assim, seria

incompatível que algum dos personagens soubessem falar sobre as reais formas de infecção, o acesso que eles têm às políticas de saúde são sobretudo circundadas pelos estigmas e mitos.

Considerações Finais

Consideramos que o material analisado é uma das séries que tem maior representatividade transexual, lésbica, gay, bissexual e negra que existe até então, não só em seu enredo mas em toda sua produção, esse fato é importante para percebermos o modo ao qual a narrativa é construída, a partir de quais lugares de fala a história é contada, analisada e reproduzida. Isso faz com que os temas da homossexualidade, transexualidade, racismo, machismo, sexismo, prostituição, HIV e AIDS, pobreza, situação de rua, sejam tratados como figura e não fundo, garantindo protagonismo e caráter ativo aos personagens, que não são apenas resultados das desigualdades raciais, de gênero e de sexualidade, mas agentes ativos na sociedade que lutam e se mobilizam por transformações.

Pensando na discussão apresentada no início deste capítulo sobre estereótipo e representação, podemos dizer que esta série se trata de um exemplo de representação, uma vez que as personagens não tomam caráter generalizante, pelo contrário são diversas e diferentes mesmo representando o mesmo grupo social, e, são sempre positivadas, principalmente pelas vitórias e participações nos bailes, diferente dos estereótipos que apresentam uma imagem negativada.

Diante da distância gritante das produções hegemônicas e do caráter revolucionário deste material midiático, consideramos que ele seja um importante e necessário material pedagógico para despertar tais discussões, principalmente para os profissionais que

desejam atuar no campo da educação sexual, visto que a academia não tem dado conta de boa parte das questões levantadas pela série. A própria revisão da literatura sobre diversidade sexual, a partir de uma análise racial, nos sugere que houve um avanço tímido da área para pensar as relações raciais na vivência da sexualidade pela escasso número de artigos encontrados.

O material também possui trechos e cenas importante para trabalhar com diversos públicos, pais, mães, cuidadores, educadores, alunos, adolescentes e adultos. Para tratar sobre infecções e aspectos do HIV e AIDS é preciso tomar um cuidado maior, pois como exposto anteriormente na análise, algumas cenas reforçam desconhecimentos e mitos sobre a infecção e tratamento pelo enredo se passar nos anos 80 e 90.

Por se tratar de uma obra bastante representativa podemos cair no erro de acreditar que ela deve ser direcionada com foco no público LGBTQIA e negro, quando na verdade uma de suas valiosas qualidades é a possibilidade de abrir o campo vivencial e difundir narrativas não hegemônicas e marginalizadas, a fim de valorizá-las e tirá-las da invisibilidade, garantindo abertura para a construção de uma educação sexual pautada na diversidade e que chegue a todos, representando quem sempre esteve excluído e apresentando novas perspectivas para quem nunca viveu na pele essa realidade.

Referências

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. Trad. Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DE SOUZA TEIXEIRA, T. M. Como ser homem na educação: narrativas sobre raça, gênero e sexualidade.

Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2017.

FERREIRA, D. M. M.; CAMINHA, T. Pigmentocracia e a experiência do preterimento na homossexualidade negra. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 156-174, 2017.

FURLANI, J. Educação Sexual: do estereótipo à representação—argumentando a favor da multiplicidade sexual, de gênero e étnico-racial. **Corpo, gênero e sexualidade** –Discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, p. 46-58, 2007.

OLIVEIRA, M. R. G. **O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Paraná, p. 127-133, 2017.

PERILO, M. Em trânsito com as “famílias LGBT”: sobre redes de suporte e proteção de adolescentes e jovens na cidade de São Paulo. **Anais da 29a Reunião Brasileira de Antropologia**, Natal, p. 1-11, 2014.

Capítulo 7

APENAS DUAS NOITES: ESTEREÓTIPOS HETEROSSEXUAIS NA RELAÇÃO SEXUAL

Camila Alves Miranda
Aline Silvério Salinas

Introdução

Segundo Foucault (1988), a sexualidade é um "dispositivo histórico", ou seja, é uma invenção social que, historicamente, se deu a partir de diversos discursos sobre o sexo que o normatizam, regulam e postulam saberes sobre o mesmo. Tais discursos compactuam com aquilo que chamamos de repressão sexual, que pode ser entendida a partir de Chauí (1985, p.11) como um conjunto de "interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade [...] significa ocultar, dissimular, disfarçar".

Portanto, entende-se que, em termos de repressão sexual, todos os sentimentos divergentes dos valores e regras sociais serão indeferidos a todo custo. Sendo assim, compreendem-se os muitos mitos e tabus que estão camuflados e/ou suprimidos na vida dos jovens, decorrentes, muitas vezes, de hábitos e costumes antigos que se encontram sob a influência de crenças, instituições, mídias, cultura e religiões.

A sociedade, de maneira geral, reproduz padrões e estereótipos o tempo todo, o que torna muito difícil negar

o papel importante das mídias nesse meio. É comum que tudo que seja apresentado ao jovem assuma um papel de verdade absoluta, posto que esses não são instigados a terem uma visão crítica, reproduzindo e mantendo a propagação de estereótipos. Por meio de filmes, novelas, seriados, blogs e sites, o comportamento do espectador é influenciado, principalmente no que se refere à sexualidade, dado que cada um desses meios apresenta ideias, conceitos, valores sobre como “se deve” ou “não se deve” viver sua própria sexualidade, também sobre o modo de se relacionar com as pessoas, o que esperar do primeiro parceiro etc. É, segundo Ribeiro (1990) como se houvesse um único “certo ou errado”, e quem estiver fora do modelo, terá um valor menor.

Louro (1999) esclarece que para todos seguirem os padrões, a vigilância sobre a sexualidade é constante, mas isso não impede que aos jovens diminuam as curiosidades e os interesses sexuais que acabam por ser vivenciados de modo privado, camuflado, escondido. Deste modo, apesar de haver um “padrão” sobre a sexualidade dos jovens (ser heterossexual, monogâmico, etc.), o exercício e a vivência da sexualidade ocorrem de maneiras diferentes: cada um constrói a sua identidade sexual, com parceiros (as) do sexo oposto ou do mesmo sexo, de ambos os sexos ou sem parceiro algum; o masculino e feminino são construções de gênero histórica e socialmente construída, além disso, a própria construção do feminino e masculino é social. Desde a tenra idade, a socialização implica em uma educação diferenciada em função do sexo biológico.

De acordo com Whitaker (1995), as culturas são divididas em subculturas do masculino e do feminino; assim, desde muito cedo, são apresentados alguns padrões como "adequados" modos de ser e viver para aqueles que pertencem a uma ou outra subcultura. A autora postula que a subcultura feminina é incorporada pela masculina -

subcultura dominante -, acarretando em um nível de desvalorização da feminina, o que prejudica a autoconfiança e a autoestima da menina/mulher; algo que irá se expressar, também, na expressão de sua sexualidade e nos diversos padrões esperados. Acreditamos que a internalização dos padrões femininos e masculinos referem-se também as expectativas amorosas e sexuais que serão levadas na vida adulta.

À vista disso, os valores e as proibições sociais estão assimilados de tal maneira que, após internalizados pelos indivíduos, se expressam sob a forma de culpa e vergonha, e, para além disso, os mitos e tabus continuarão sendo repassados até que ocorra um completo esclarecimento sobre tais questões; neste âmbito, a educação sexual nas escolas serve de grande ajuda. Maia e Ribeiro (2011) discorrem que a escola reproduz essa socialização diferenciada para meninos e meninas, concepções sexuais e de gênero hegemônicas na nossa sociedade e padrões normativos. De maneira geral, o mesmo vai ocorrer em outras instâncias, como os filmes e mídias em geral e acaba por normatizar aspectos da conjugalidade.

Neste sentido, ao longo da vida, aprende-se não somente a ser mulher ou homem, mas também como devemos agir nos relacionamentos amorosos e sexuais e isso reproduz uma faceta da repressão sexual que impõe modelos de sentimentos e condutas (MAIA, 2008). Espera-se, com a análise do filme escolhido, destacar os possíveis estereótipos presentes em um relacionamento heterossexual, casual e sexual, marcado pela ausência de assertividade e diálogo e faltas expectativas sobre o outro e que evidencia os efeitos da repressão sexual histórica e culturalmente presente na vida dos indivíduos.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Two Night Stand
Nome Traduzido	Apenas Duas Noites
Gênero	Comédia/Romance
Ano	2014
Local de lançamento e Idioma original	EUA/ inglês
Duração	1h25min
Direção	Max Nichols

O filme “Apenas Duas Noites” retrata a história de Megan, uma mulher que se encontra desempregada e em luto pelo término de seu noivado, ocasionado por uma traição por parte do parceiro. Após uma tentativa frustrada de aproveitar a noite, Megan decide sair daquela situação e encontrar uma pessoa em um site de relacionamentos para apenas uma noite casual e, assim, conhece Alec; após a relação sexual, ela se sente incomodada por várias razões e decide ir embora, entretanto, uma grande nevasca os mantém presos na residência.

Por conseguinte, diversos incidentes acontecem e uma cena, em especial, será o foco do presente capítulo; a mesma tem aproximadamente 10 minutos de duração, se inicia em 37 minutos e 45 segundos de filme e termina aos 47 minutos. A cena retrata a seguinte situação: Alec questiona se Megan realmente havia fingido sentir prazer com ele na noite anterior, o que faz com que eles conversem sobre o desempenho sexual de cada um, com o intuito de se tornarem “*amantes melhores para as próximas pessoas de suas vidas*”.

Análise Crítica

A temática em torno da sexualidade é central em todo o filme e aparece em forma de uma comédia romântica hollywoodiana cuja narrativa permite realizar uma análise crítica através da ponderação de alguns elementos, como contexto histórico e econômico, padrões de estética e beleza, estereótipos de gênero e sexualidade e diferentes tipos de relacionamentos.

O filme retrata um contexto atual em que jovens de classe média alta, que vivem em uma cidade cosmopolita, moram sozinhos e sem grandes responsabilidades (como por exemplo, formar e cuidar de uma família) e, aparentemente, com pouca repressão familiar e religiosa; tais privilégios permitem que eles possam sustentar seus estilos de vida em estabelecerem relacionamentos casuais, nos quais têm uma maior “liberdade” de escolha e acesso aos mais diversos tipos de informação.

O estudo de Reis e Ribeiro (2017) acerca do “roteiro sexual” de homens e mulheres jovens moradores de regiões ‘centrais’ e ‘periféricas’ de Belém do Pará, ilustra uma realidade diferente da retratada pelo longa metragem, uma vez que revela há uma forte influência da criação familiar na iniciação e práticas sexuais, e ao mesmo tempo semelhante, no que diz respeito ao contexto atual permeado por padrões heteronormativos, da priorização pela ascensão no mercado de trabalho em detrimento da formação de uma família, à condição racial do objeto de desejo (ainda que presente diferenças históricas, estruturais e sociais entre a cultura americana e brasileira).

Tal configuração impacta principalmente as vivências sexuais das mulheres que, nesse contexto, são mais independentes e têm maior autonomia para escolher seus parceiros e como se relacionar, além de buscar diferentes possibilidades de prazer (LINS, 1999). Entretanto, ainda são

vítimas, diariamente, da repressão exercida por uma cultura sexista, misógina, machista e patriarcal. O padrão de beleza que ambos os personagens reforçam - corpos brancos, jovens, magros, sarados e limpos - também é foco da análise. Durante o diálogo, essa imagem de corpo é valorizada e erotizada (“somos jovens e bonitos pra caramba e devemos curtir enquanto podemos!”), contribuindo para a propagação do estereótipo de que tais corpos idealizados são fundamentais para o sucesso sexual, estimulando jovens a sentirem-se insatisfeitos com seus corpos, atribuírem suas dificuldades sexuais a essa “falta” e sofrerem, “se sentindo defeituosos ou no mínimo incompetentes por não terem alguém” (LINS, 1999, p. 38).

Sobre esse recorte, Reis e Ribeiro (2017) postulam que dentro da realidade brasileira, o mito da democracia racial e o racismo mascarado em diversos âmbitos sociais apresenta a branquitude como um referencial de sucesso e aceitação, culminando em um ideal de parceira(o) que se aproxima do branco ou daquele que apresenta fenótipos que aproximam o da branquitude e o afastam das raízes negras, tornando-se uma resposta às questões sociais e raciais às quais os jovens brasileiros estão submetidos.

A heteronormatividade é um aspecto bastante presente no longa metragem: além do casal ser heterossexual, várias falas e atitudes denunciam e reforçam padrões de dominação e poder do homem sobre a mulher (como quando Alec afirma que os homens gostam de um *strip-tease*, que a masturbação que ela faz na hora da penetração faz com que ele se sinta “jogado para escanteio”, e que as táticas de sexo oral que ele aprendeu na internet são infalíveis) e também da mulher sobre o homem (quando Megan defende que as mulheres têm pontos de prazer inatingível que tornam o orgasmo um processo complexo e difícil de ser alcançado, o que as levam a fingi-lo).

Nesse sentido, a respeito da sexualidade masculina, Lins (1999, p.26) destaca que para os homens, a experiência sexual acaba por ser bastante limitada e muitos “são levados a organizar sua energia e percepção em torno do desempenho e, assim, se transformam em máquinas de fazer sexo. Já no que se refere a sexualidade feminina, o filme propaga certa desinformação: ao mesmo tempo que corrobora com a estatística de que 60% das mulheres têm dificuldade de atingir o orgasmo, a maioria das causas dessa dificuldade é cultural e psicológica (como ansiedade, estado de alerta e tensão, por exemplos) e não porque o ponto G é algo inatingível (LINS, 1999).

Paralelamente, temos a relação de gênero entre as práticas sexuais e também destacamos: Megan e Alec demonstram preocupação quanto ao desempenho sexual e decidem ensinar técnicas e dar dicas um ao outro com a promessa de que podem satisfazer plena e verdadeiramente o próximo parceiro durante o sexo. Nessa “*experiência científica do sexo*” (como os personagens denominam a situação) eles fazem com que suas opiniões pessoais assumam um caráter universal a respeito das preferências de homens e mulheres (como por exemplo, de que todo homem gosta de fazer sexo com a luz acesa, de que mulheres devem seduzir o homem e têm um ponto G difícil de ser alcançado) e incentivam, ainda, que é preciso cumprir tais técnicas ou normas a fim de satisfazer a(o) parceira(o) para que, então, possam se sentir realizados e satisfeitos também.

O sexo, então, é posicionado como uma atividade com regras e técnicas para o agrado do outro e não como um fenômeno que possa ser construído e desenvolvido de maneira conjunta a conciliar o prazer dos envolvidos e dando abertura para as diferenças. Para Lins (1999) esses aspectos normativos e conflitivos relacionados ao sexo só serão diminuídos “[...] quando o sexo for aceito como algo bom, natural, que faz parte da vida” (LINS, 1999, p. 184).

Assim, ainda que valorize e incentive a prática de conversar abertamente a respeito da sexualidade (por exemplo, ao debaterem sobre sexo “de qualidade”, relacionamentos anteriores, envolvimento com o outro...), o diálogo entre o casal é permeado por preconceitos, estereótipos e crenças errôneas que apaga o caráter construtivo com o qual a conversa foi intencionada, inicialmente, os confinando novamente na repressão sexual, tal como comenta Maia (2008). Na verdade, Lins (1999, p.53) lembra que “o sexo é ainda tão reprimido, tão cheio de tabus e preconceitos que ninguém tem realmente clareza do que gosta ou deseja”.

O tipo de relacionamento estabelecido entre eles também é um importante elemento de análise, pois transmite uma ideia de que relacionamentos casuais são sinônimos de erotismo, prazer e satisfação que não necessariamente envolvem um compromisso e um envolvimento com o outro. Essa realidade, para muitas pessoas, pode ser adequada ao estilo de vida que se almeja; porém, para tantas outras, um relacionamento casual pode não ser tão benéfico, podendo gerar uma série de frustrações, sentimentos de insatisfação e inadequação na pessoa, que pode se sentir deslocada e indesejada. A “Liberdade” aqui é pautada no estabelecimento de um relacionamento com comunicação e respeito à individualidade e no bem-estar de cada um.

Apesar de retratar o comportamento de estabelecer um diálogo aberto entre um homem e uma mulher, valorizando uma relação igualitária, esse elemento acaba ficando em segundo plano frente às outras questões estereotipadas levantadas durante o diálogo. Compreende-se, dessa forma que o material apresentado na cena (e no filme, como um todo), em geral, reforça preconceitos e ideias errôneas, desvaloriza diferenças e reproduz inúmeros estereótipos acerca de práticas sexuais ligadas ao gênero,

da heteronormatividade, de formas de relacionamento e de padrões de beleza. Dessa forma, observa-se que só é possível refletir criticamente sobre o filme quando se tem conhecimento do que é e quais são os estereótipos a respeito da temática da sexualidade; caso contrário, seus conteúdos reproduzem padrões e estereótipos que podem ser mal interpretados e descontextualizados, incentivando o espectador a colocá-los em prática para sentir-se jovem, desejado, satisfeito e adaptado ao novo modo com os relacionamentos se estabelecem. Como uma regra que promete felicidade, tende-se a reprodução da repressão (MAIA, 2008), no sentido de manter que “tudo aquilo que diz respeito ao sexo, suas práticas e suas verdades, siga o padrão exigido pelo corpo social” (JÚNIOR, 2011, p. 13).

Considerações Finais

O filme analisado aponta os riscos das regras e padrões serem evidenciados como uma coisa “boa”, pois é bem provável que os telespectadores não problematizem as palavras ditas pelos personagens e as considerem como uma verdade absoluta, que, perigosamente, postula que o indivíduo deve adequar o seu modo de fazer sexo.

Nesse sentido, a falta de problematização e reflexão dos fatos sociais encenados no filme levam o espectador a realizar uma naturalização de eventos sociais, acreditando haver uma imagem natural dos indivíduos que compõem características demarcadoras da inferioridade, quando estas não estão em consonância com o padrão hegemônico cultural. Segundo Monteiro, Villela e Soares (2014) esse padrão seria do homem branco, heterossexual, urbano, e membro da alta classe, mantido nas relações de poder entre classe, gênero, raça e cor.

Por outro lado, o material escolhido traz elementos muito ricos que podem ser aproveitados para promover

uma reflexão em encontros de Educação Sexual sobre a problemática que permeia a heteronormatividade e a repressão sexual, possibilitando um questionamento acerca do discurso dos personagens, promovendo-se uma nova visão dos jovens estudantes, na qual é possível pensar a si mesmo, sua sexualidade e dos demais.

Dessa forma, problematizar, refletir, criticar e questionar os estereótipos, o contexto, a cultura e as variáveis classe, gênero, raça e cor são ações importantes não apenas na atuação de diferentes educadores e profissionais, mas também em como vamos estabelecer nossas próprias relações e práticas com o outro, de modo que a sexualidade se afaste cada vez mais dos moldes reprimidos para que assuma formas pessoais, plenas e saudáveis.

Referências

CHAUÍ, M. **Repressão Sexual:** essa nossa (des)-conhecida. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DE SOUZA FONSECA, Z. A. A., et al. Avaliação dos mitos e tabus sexuais entre jovens de 18 a 29 anos no estado do Rio Grande do Norte. **Revista Ci. med. biol**, Salvador, v.10, n.2, p.153-156, mai./ago. 2011.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

JUNIOR, W. N. C. **O fenômeno da repressão sexual:** gênese, formas e mecanismos de um complexo sistema. 2011. 177f. - Centro Universitário Clarentiano. Batatais, 2011.

MAIA, A. C. B. A educação sexual repressiva: Padrões definidores de normalidade. (pp.67-117). In: SOUZA, C. B. G.; RIBEIRO, P. R. M. (Orgs.). **Sexualidade diversidade e**

culturas escolares: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores. Araraquara: FCL/Unesp Laboratório Editorial; Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2008.

LINS, R. N. **Conversas na varanda:** um debate leve e provocante sobre a sexualidade brasileira. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

LOURO, G. L. et al. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte. Autêntica, 1999.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para a ação. **Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação.** Araraquara, v. 15, n. 1, p. 41-51, 2011

MONTEIRO, S. S.; VILLELA, W. V.; SOARES, P. S. É inerente ao ser humano! A naturalização das hierarquias sociais frente às expressões de preconceito e discriminação na perspectiva juvenil. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 421-440, 2014.

REIS, R.; RIBEIRO, M. Dos imaginários sobre a iniciação sexual: intersecções de gênero, raça/cor e sexualidade entre jovens de camadas populares em Belém, Pará. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 25, p.89-112, abril, 2017.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: E.P.U., 1990.

WHITAKER, Dulce CA. Menino-menina: sexo ou gênero? Alguns aspectos cruciais. In: SERBINO, R. V; GRANDE, M. A. R. L. **A escola e seus alunos:** o problema da diversidade cultural: 1. ed. São Paulo. Editora Unesp, 1995.

Capítulo 8

BIG MOUTH: PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA

Brenda Sayuri Tanaka

Introdução

A adolescência tal qual a conhecemos é um produto social e cultural. Características comumente associadas à adolescência, como impulsividade e excitabilidade, já eram discutidas desde a Antiguidade, na Grécia Antiga, mas apenas com os acontecimentos sociais dos séculos XIX e XX é que se instituiu este período do desenvolvimento e impulsionou-se seu estudo (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Dentre os primeiros psicólogos a estudarem a adolescência, podemos citar Stanley Hall, para o qual este período era percebido de maneira fundamentalmente biológica (SCHOEN-FERREIRA *et al.*, 2010). As mudanças biológicas que ocorrem para todos os seres humanos - no que chamamos puberdade - sendo um conjunto de transformações que ocorrem no corpo do indivíduo em consequência do aumento da produção dos hormônios sexuais (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Entretanto, as características específicas da adolescência não se restringem ao âmbito biológico e não são tão claras quanto pressupomos, pois os sentidos, representações ao crescimento e amadurecimento das pessoas dependem de um contexto social e histórico.

Historiadores e antropólogos estudaram o que se compreendia até então como adolescência em outras culturas e esses estudos permitiram a constatação de que os critérios da adolescência não são universais ou intrínsecos aos indivíduos, mas envolvem aspectos psicossociais e são determinados culturalmente (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999; SCHOEN-FERREIRA *et al.*, 2010).

Por este motivo, Bock *et al.* (1999) definem que a adolescência não é “uma fase natural do desenvolvimento humano, mas um derivado da estrutura socioeconômica” (p. 291).” É importante lembrar também que, inclusive em uma mesma sociedade, os indivíduos não experienciam a adolescência de maneira idêntica, pois podem estar em contato com fatores sociais, culturais e ambientais diferentes que influenciam nas experiências vividas. O psicanalista Juan-David Nasio (2011) analisou o que é a adolescência partindo de três aspectos: (1) o biológico; (2) o sociológico; e (3) o psicoafetivo¹.

A partir da perspectiva biológica, o início da adolescência corresponde à puberdade já mencionada, período em que ocorre o desenvolvimento dos órgãos genitais e a aquisição das demais características sexuais secundárias: pêlos pubianos, axilares e barba, crescimento das cartilagens e extremidades, poluções noturnas, mudança de voz, aumento do tônus muscular e primeiras ereções nos meninos e aumento dos seios, alargamento do quadril, pêlos pubianos e axilares e primeira menstruação (NASIO, 2011; PAPALIA; FELDMAN, 2003).

¹ Na obra original, Nasio (2011) define o terceiro ponto de sua análise como “psicanalítico”. Optou-se em mudar o termo para “psicoafetivo”, evitando entrar em detalhes mais específicos da abordagem psicanalítica e mantendo a discussão no âmbito mais geral da psicologia e sexualidade.

Segundo Nasio (2011) estas transformações seriam as características bio-fisiológicas da adolescência e, assim, “biologicamente falando, a adolescência é sinônimo de advento de corpo maduro, sexuado, doravante capaz de procriar (p. 14)”. Da perspectiva sociológica, tem-se que a adolescência está relacionada ao momento de passagem da infância para a vida adulta, aos processos que preparam o sujeito para viver na sociedade em que está inserido (NASIO, 2011). Como cada sociedade possui suas características e valores, a adolescência pode ser encurtada ou alongada, sendo o último caso o que presenciamos nas sociedades ocidentais atuais.

Esta observação vai ao encontro com os pressupostos de Bock *et al.* (1999), segundo os quais a adolescência é a “fase caracterizada pela aquisição de conhecimentos necessários para o ingresso do jovem no mundo do trabalho e de conhecimentos e valores para que ele constitua sua própria família” (p. 294), com implicações sociais e consequências para a constituição da personalidade e identidade do jovem.

Ainda segundo Bock *et al.* (1999), o jovem aprende durante toda sua vida os valores familiares, que são colocados em questão quando passa a frequentar novos grupos, por exemplo de amigos. Dessa forma, o adolescente passa a perceber a existência de uma variedade de valores morais, até mesmo diferentes daqueles familiares, com os quais pode vir a se identificar e tomar para si na constituição de sua identidade. Nasio (2011), a esse respeito, diz:

Os únicos ideais aos quais adere, o mais das vezes com paixão e sectarismo, são os ideais – ora nobres, ora contestáveis – de seu grupo de colegas. Aos pais, manifesta sentimentos que são o oposto dos que sente realmente por eles: despreza-os e grita-lhes seu ódio, ao passo que a

criança que subsiste no fundo dele mesmo ama-os ternamente (p. 15).

Já do ponto de vista psicoafetivo, mais explorado por Nasio (2011), o jovem adolescente é repleto de “contraste e contradição” (p. 15). O adolescente encontra-se em um momento de luto pela infância perdida e está aprendendo uma nova forma de amar a si mesmo. Além deste conflito entre infância e a maturidade, o adolescente também está em conflito entre realizar as suas pulsões pubertárias, que geralmente são expressas por meio dos comportamentos impulsivos, ou reprimi-las. É possível relacionar este apontamento às considerações de Bock *et al.* (1999) sobre sexualidade, segundo as quais “a questão sexual da juventude parece estar sempre no limite entre o desejo e a repressão” (p. 229).

O adolescente pode estar, então, experienciando um momento de crise e, como é lembrado por Nasio (2011), para essa palavra dois significados podem ser atribuídos: o primeiro diz respeito a um período de ruptura e mudança, enquanto o segundo representa um momento agudo ou o “agravamento brusco de um estado crônico” (p. 29)”. Assim, diferencia-se a “crise da adolescência” de “adolescente em crise”, mostrando que não necessariamente todos os adolescentes encontram-se ou encontram-se-ão em um estado de crise aguda.

Por essas razões, o jovem passa por uma série de sofrimentos que são inconscientes por não saber falar ou identificar exatamente o que sente. Há uma dificuldade para verbalizar os sofrimentos, que não são vivenciados de maneira nítida:

Dessa forma, é levado a agir mais do que a falar, e seu mal-estar traduz-se mais em atos do que em palavras. Seu sofrimento, sentido confusamente, não formulável e, em suma, **inconsciente**, manifesta-se antes por meio de

comportamentos impulsivos, não sendo conscientemente vivido nem posto em palavras (NASIO, 2011, pp. 17).

Bock *et al.* (1999) afirma ser a sexualidade geradora de muita angústia para os adolescentes. Tendo em vista o sofrimento inconsciente mencionado por Nasio (2011), o desconhecimento sobre as questões sexuais dificulta ainda mais a elaboração e a verbalização do que os jovens passam com tanta intensidade neste momento de suas vidas: as alterações sentidas em seus corpos; o início dos impulsos e desejos sexuais por parceiros(as) e as dúvidas sobre sua própria personalidade, uma vez que é na adolescência que questões de gênero e orientação sexual tornam-se mais expressivas para a constituição da identidade.

Assim como a adolescência, as concepções sobre o gênero feminino e o gênero masculino são produzidas socialmente. Historicamente, temos contruído a noção de gênero a partir de um dualismo rígido: a divisão de formas de expressão individuais em dois polos opostos: *ser mulher* e *ser homem* em sociedade (ECOS *et al.*, 2004²).

² Esta referência, utilizada tanto para as discussões sobre gênero quanto sobre orientação sexual, é um caderno que fazia parte do Projeto Escola sem Homofobia, do Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC/SECAD). O objetivo inicial era que este caderno, juntamente com um kit de material educativo, fosse distribuído nas escolas para promoção de debates entre estudantes e professores sobre preconceitos relacionados à identidade de gênero e orientação sexual, dando prosseguimento às políticas públicas de educação sexual no ambiente escolar. Porém, seu uso foi vetado em 2011, em decorrência de pressões de setores conservadores presentes no Congresso Nacional, que viam nessas medidas educativas um retrocesso moral, ao invés da realização dos direitos humanos e emancipação plena dos cidadãos brasileiros. O material foi engavetado antes mesmo de sua publicação, o que representou o fim de uma medida inédita e que poderia ter gerado consequências transformadoras para os estudantes e para a sociedade de modo geral.

A esse respeito, Saffioti (2004, p.45) explica que

Gênero também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual. Enquanto categoria histórica, o gênero pode ser concebido em várias instâncias [...] como símbolos culturais evocados de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva [...]; como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades [...]; como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também relações homem-homem e relações mulher-mulher.

Este tipo de divisão acaba por gerar preconceitos e até mesmo angústias em jovens que pensam ser imprescindível agir e sentir de determinada maneira para conseguirem se afirmar enquanto homem ou mulher em sociedade, o que não necessariamente é verdade:

Se permanecermos presos a uma visão que insiste na ideia de dois sexos mutuamente exclusivos e incomunicáveis, sem criticá-la, não há como fugir do raciocínio de que toda pessoa que nasceu com um pênis ou com uma vagina se comportará como homem ou como mulher, respectivamente. Esse modo de ver apenas reforça os atributos tradicionais, também chamados de **estereótipos de gênero** (ECOS et al., 2004, p.27).

Mais uma vez, os jovens encontram-se em conflito entre expressarem o que realmente são e se adequarem às exigências sociais, sem mencionar o fato de que os estereótipos de gênero criam diferenças entre meninos e meninas desde muito cedo, cujas consequências são relações de gênero desiguais que tendem a inferiorizar o feminino em detrimento do masculino, desde a infância e na

adolescência. Esta inferiorização de elementos femininos ou de tudo que esteja relacionado à mulher, tem suas origens no patriarcado que, segundo Saffioti (2004), representa “o regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens” (p. 44) e “configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade” (p. 57). Além disso, outra fonte de angústia para os jovens é lidar com o fato de que é comum as pessoas acharem os comportamentos femininos apresentados por meninos indícios de uma homossexualidade, revelando a frequente confusão entre identidade de gênero e orientação sexual (ECOS et.al., 2004).

Quando achamos que um rapaz é gay por ser delicado ou revelar trejeitos efeminados, na verdade estamos assumindo equivocadamente que, por não se comportar de acordo com o rígido padrão masculino dominante, ele não é um “homem de verdade”. Uma garota interessada por determinados esportes, com opiniões definidas, cheia de iniciativa e que goste da companhia dos rapazes não é necessariamente lésbica (ECOS et al., 2004, p.30).

Toda essa normatização sobre a sexualidade e a adolescência è, segundo Bock et al. (1999, p.230), constantemente representada em recursos midiáticos e pouco questionada, pois “vemos na televisão, no cinema, vemos nos livros, vemos até mesmo na rua e nada dizemos, nada perguntamos”

Estamos constantemente em contato com inúmeros meios de comunicação e recursos midiáticos, de tal forma que sua influência em nossas vidas é inegável. O desenvolvimento tecnológico do século XX fez com que aumentasse ainda mais a influência exercida pelos veículos de comunicação de massa no meio populacional, havendo outros veículos de informações em mídia que não só a televisão e o cinema e em

todos os casos, as informações transmitidas podem ser distorcidas e terem uma função de “moldar” o sujeito, especialmente quando nele não há as condições de apreender a mídia de modo crítico (PEREIRA, 2011).

Levando em conta o grande número de recursos midiáticos que tratam sobre a adolescência, dentre eles filmes, séries, músicas, etc., torna-se importante analisar as representações sobre a adolescência que estão sendo transmitidas e ensinadas para esse público, ou seja, analisar se as informações abarcadas estão em consonância com os estudos sobre o tema e se contribuem para que a adolescência seja experienciada por esses indivíduos de forma mais autônoma, favorecendo a elaboração das experiências individuais e sociais dos adolescentes.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	Big Mouth
Nome Traduzido	(Não há – Netflix)
Gênero	Animação/Comédia
Ano	2017
Local de lançamento e Idioma original	EUA/Inglês
Duração	30 minutos (episódio)
Direção	Bryan Francis, Joel Moser Mark, Levine Mike L. Mayfield

Big Mouth é uma série que tem como objetivo apresentar, de forma cômica, discussões sobre a adolescência, principalmente sobre questões sexuais vivenciadas neste período da vida. Fazendo uso do sarcasmo e piadas satíricas, a série apresenta não apenas aspectos biológicos sobre a puberdade, mas também psicológicos e sociais sobre a adolescência.

Sua primeira temporada é composta por 10 episódios, de aproximadamente 25 a 30 minutos cada, e contam a história dos protagonistas Nick, Andrew, Jessi, Missy e Jay, pré-adolescentes que estão começando a vivenciar as experiências da puberdade. Em 2018, a segunda temporada também foi lançada com mais 10 episódios. As principais questões da série centram-se nos assuntos sobre a sexualidade. Os próprios títulos dos episódios da primeira temporada, que serão analisados neste capítulo, evidenciam as temáticas que serão abordadas, deixando claro a centralidade da temática adolescente da série.

Análise Crítica

Para a análise, serão destacadas três categorias temáticas: “Representações da puberdade e adolescência”, “Aspectos psicossociais e relações parentais” e “Questões de gênero”, apresentadas e discutidas, a seguir:

Representações da Puberdade e Adolescência

Com relação à puberdade, são muitos os momentos em que os reflexos das mudanças hormonais e corporais são ilustrados na animação, como: as poluções noturnas que Andrew vivência graças às ações do Monstro Hormonal; o sentimento de insegurança de Nick após ver o pênis de Andrew e perceber que ele é “maior e mais peludo”, isto é, desenvolveu-se antes que o seu; e também os dramas vividos por Jessi por conta de sua primeira menstruação que ocorrerá durante um passeio escolar à Estátua da Liberdade, no segundo episódio. Ao longo do segundo episódio, Jessi também apresenta oscilações emocionais que facilmente poderiam ser relacionadas aos sintomas que popularmente são conhecidos como “tensão pré-menstrual”.

A chegada da adolescência é representada pela aparição do “Monstro Hormonal” para os personagens masculinas e da “Monstra Hormonal” para as personagens femininas, figuras criadas para representar as complexidades deste período de mudança desde o primeiro episódio, intitulado “O milagre da ejaculação”. Ao longo dos episódios, o Monstro Hormonal mostra-se um personagem violento, impulsivo e libertino, que tenta a todo momento convencer Andrew, e ocasionalmente Nick, a realizarem seus desejos sexuais, não se importando com as consequências dos atos que instrui os meninos a realizarem.

Durante o primeiro episódio, o Monstro Hormonal fica bravo com Nick, pelo fato de o menino tê-lo confundido com a Fada da Puberdade. A representação de um Monstro no lugar de uma Fada pode suscitar nos espectadores a ideia de que a adolescência não é um período agradável da vida como uma fada, mas sim algo turbulento e que pode causar medos, como a figura de um monstro. Porém, esta representação acaba reforçando os estereótipos sobre a adolescência, que não necessariamente precisa ser conturbada e vivenciada com tamanho sofrimento. Reforça também a ideia de adolescente em crise que, como apontado por Nasio (2011), não é uma situação que ocorre com todos os jovens.

A reação dos meninos da série diante da informação de que Jessi tivera sua primeira menstruação demonstra que eles não sabiam como se portar ou falar com ela a respeito, como se a menstruação fosse um fato extraordinário, chegando até a dizerem que sentiam muito por isso ter acontecido com ela. O comportamento dos meninos evidencia uma falta de conhecimento sobre questões acerca da menarca, bem como da menstruação feminina de modo geral, e o acesso a este conhecimento poderia ter facilitado seu relacionamento com Jessi, bem como ter ajudado a personagem.

Mesmo a reação de Jessi de não saber o que fazer demonstra falta de conhecimento por parte da própria garota sobre assuntos que se referem ao seu próprio corpo. O título do segundo episódio, “Todo mundo sangra”, tenta demonstrar o fato de que a menstruação é algo normal que acontece com todas as mulheres, numa tentativa de desconstruir a ideia de um fenômeno extraordinário.

Aspectos psicossociais e relações parentais

Com relação à passagem da infância para a vida adulta, no segundo episódio, após não saber o que fazer com relação a sua primeira menstruação, Jessi inicia uma conversa com a Estátua da Liberdade, que diz a ela que “ser mulher é um sofrimento”. Jessi, então, questiona: “E se eu não quiser ser uma mulher? Eu gosto de como sou agora”, e a Estátua responde que a mudança é inevitável, isto é, a passagem da infância para a vida adulta é um processo inevitável. O relato de Jessi ilustra o que Nasio (2011) chamou como luto da infância. Os primeiros sinais em uma mulher de que a vida adulta se aproxima é a primeira menstruação, e Jessi evidentemente não se sente preparada para as consequências de ser adulta.

De volta ao primeiro episódio, temos uma fala interessante da personagem Missy, que se relaciona com a passagem anterior sobre Jessi. Missy diz: “Acho que ficar sozinho é uma grande dádiva, porque te prepara para o que a vida realmente é”. Podemos considerar que, ao se referir a “vida real”, Missy esteja querendo dizer sobre a vida adulta, que se torna mais solitária do que a vida como criança. Os adolescentes estariam se preparando para essa mudança, elaborando o luto da infância, como observado por Nasio (2011).

Neste momento de luto, Nasio (2011) afirma também que aquilo que o adolescente mais preza é seu próprio eu,

sua autoestima. Nesse processo de tornar-se adulto, de reafirmação de seu eu, qualquer sentimento de humilhação e maltrato provocado pelo outro ou por pares é evitado (NASIO, 2011), o que é compreensível, uma vez que o adolescente encontra-se num momento de desenvolvimento de sua própria personalidade, percebendo-se como indivíduo dentro de uma sociedade. Nesse sentido, Andrew, já no primeiro episódio, relata não querer ir ao baile da escola, pois não quer ser rejeitado ao convidar uma garota para acompanhá-lo. Esta cena ilustra com clareza a insegurança dos adolescentes e o medo de se sentirem humilhados, pois estão tentando afirmar-se enquanto pessoas interessantes entre os demais.

Outra cena que demonstra esse receio pela humilhação é quando, após Jessi terminar seu relacionamento com Nick, ele se sente mal e tem medo de ser humilhado na escola por conta do acontecido. Para motivá-lo, seu pai convida-o para saírem juntos e ele fervorosamente recusa. Percebe-se que esse receio da humilhação é ainda maior quando diante do grupo de amigos aos quais o jovem tanto estima. Percebe-se que as discussões sobre as experiências que ocorrem com os personagens da série dão-se muito mais entre os colegas do que com seus pais. As dúvidas que possuem sobre o que estão vivenciando não são questionadas aos adultos, mas sim interrogadas a colegas que podem ou não ter passado pela mesma situação e saberem as respostas para suas questões. Este fato evidenciaria o distanciamento para com as figuras paternas e a valorização dos conhecimentos do grupo de colegas, tal qual apontado por Nasio (2011).

Porém, nos momentos em que os adultos são questionados pelos adolescentes, tanto os pais quanto os professores representados em Big Mouth não demonstram saberem formas adequadas de conversar com os adolescentes sobre sexualidade, e também sobre as

mudanças vivenciadas na adolescência de modo geral. Há uma cena, no primeiro episódio, em que os pais de Nick tentam conversar com ela no carro sobre os motivos pelos quais ele estariam se relacionando de forma estranha com seu melhor amigo. Nick expõe que na noite anterior, após uma brincadeira, viu acidentalmente o pênis de Andrew, o que o deixou constrangido pois seria “grande e peludo”. Os pais de Nick tentam explicar que Andrew está “tornando-se um homem”, e que esses são os sinais das características sexuais secundárias. Apesar de muito abertos para o diálogo sobre questões sexuais, os pais de Nick mostram não terem consciência de que estão fazendo isso de uma maneira a deixar seu filho desconfortável, pois frequentemente expõem situações pessoais de relacionamentos que tiveram durante sua adolescência.

Em seguida, é a vez dos pais de Andrew conversarem com seu filho sobre sexualidade. Os pais de Andrew demonstram ter ainda mais dificuldade do que os pais de Nick. Sua mãe revela que seu interesse em ensinar o filho sobre o assunto é em decorrência das exigências de um médico, que a instruíra a orientar o filho sobre questões acerca de sua sexualidade. Em contrapartida, o pai de Andrew demonstra ser completamente contra conversar com o filho sobre o assunto, não vendo necessidade para tal. A falta de jeito em acolher os jovens durante tais diálogos, em que eles estão expressando suas curiosidades e conflitos com relação às experiências da adolescência, tanto na situação de Andrew quanto na de Nick, pode vir a afastá-los de seus pais e diminuir a possibilidade de novas conversas sobre o tema.

Questões de gênero

Com relação às diferenças de gênero entre a adolescência na menina e no menino, retratadas na série, durante uma aula escolar sobre a puberdade no primeiro

episódio, Jessi relata a diferença presente no discurso sobre a puberdade do menino que seria diferente da puberdade da menina. A puberdade no menino seria vista como “o milagre da ejaculação”, algo positivo e que dá título ao episódio, enquanto a puberdade na menina envolveria apenas aspectos negativos, revelando uma diferença de gênero no ensino sobre o desenvolvimento anátomo-fisiológico humano. A Estátua da Liberdade também diz que não existe nada de bom em ser uma mulher, o que cria uma imagem negativa e de inferioridade do gênero feminino.

Se pensarmos na própria representação dos Monstros Hormonais, a existência de um personagem para os meninos e outro para as meninas já traz uma ideia de que a adolescência seria experienciada diferentemente por conta dos gêneros, do contrário seria necessária a existência de apenas um Monstro Hormonal, tanto para os meninos quanto para as meninas.

Um exemplo de cena em que podemos perceber a existência de estereótipos de gênero na série é o momento em que, após ser ensinada por sua mãe a como usar um absorvente, Jessi recebe a visita da Monstra Hormonal que fala a ela das vantagens de ser uma mulher, ensinando-a comportamentos estereotipados de meninas adolescentes consideradas rebeldes, como roubar batons, rasgar blusas e gritar com os pais. Jessi rapidamente se convence de que precisa agir desta maneira, bem como quando é convencida pela Monstra Hormonal a comprar um sutiã que realçasse seus seios.

Outro momento em que a diferença de gênero está presente é no episódio 5, “Garotas também sentem tesão”, em que Andrew e Nick descobrem que as garotas também ficam excitadas, assim como os meninos. Porém, na tentativa de promover igualdade entre os gêneros, revelando que ambos são capazes de se excitarem, a série

acaba por diferenciá-los, na medida em que as meninas ficam excitadas apenas com aspectos românticos (como o romance de ficção que todas as meninas leem durante o episódio), enquanto os meninos se excitam com aspectos voltados ao ato sexual e o prazer proporcionado.

Já quanto às questões que versam sobre orientação sexual, podemos perceber também estereótipos que recaem, principalmente, sobre a imagem de pessoas homossexuais. No terceiro episódio, depois de assistir a um trailer de um filme e sentir-se excitado com as cenas de um homem musculoso, Andrew passa a se questionar se seria ou não gay. Por este motivo, ele procura Matthew, o único menino gay que conhece, para conversar e perguntar como ele descobriu sobre sua homossexualidade. Os comportamentos e o visual de Matthew são um claro estereótipo, com características afeminadas e outras frequentemente relacionadas aos homossexuais.

Em uma discussão com seus amigos, Andrew questiona a eles se seria algo ruim ser chamado de gay. Nick responde que não, porque ser gay é algo normal, porém, logo em seguida, diz que não gostaria de ser chamado assim, por não ser o que é. Ser chamado de gay, para Andrew, Nick e Jay, parece ser algo ofensivo. Após beijar seu melhor amigo Nick e não se sentir excitado, Andrew conclui que não é gay. Nesse sentido, apesar de tentar demonstrar que a homossexualidade não é um problema ou algo considerado anormal, a série acaba por “reforçar” o preconceito dos adolescentes em serem chamados de gays, algo que não é desconstruído ao final do episódio.

Considerações Finais

Como pode ser percebido por meio da análise sobre alguns aspectos abordados na série “Big Mouth”, a animação apresenta muitos conteúdos que podem ser

discutidos de maneira crítica. Além dos assuntos já mencionados, outras temáticas que estão presentes na série, mas acabaram não sendo discutidas, são: a objetificação do corpo feminino (episódio 5), o assédio e violência sexual (episódios 5 e 8), dentre muitos outros. “Big Mouth” traz, de maneira muito explícita, a forte relação entre a adolescência e a sexualidade, seja no sentido biológico, psicossocial ou cultural e, por este motivo, sua análise deveria ser aprofundada, expandindo-se para os demais episódios da primeira temporada e também da segunda, recentemente lançada.

Durante toda a série percebe-se que, muitas vezes, os adolescentes não sabem expressar o que está acontecendo com eles. Há sempre uma insegurança e uma preocupação em compreender os sentimentos e sensações que experienciam, mas são poucos os momentos em que os personagens recorrem a adultos para pedir ajuda e, quando ocorrem, os adultos geralmente não são capazes de acolhê-los devidamente e elucidarem suas dúvidas.

Os personagens recorrem, muito mais, às figuras dos Monstros Hormonais, cujos conselhos são exageradamente insensatos e duvidosos, geralmente trazendo arrependimentos e angústias. É fundamental que pais e educadores, considerando o ambiente escolar, ensinem os jovens sobre questões referentes à sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual. Esse processo de trocas de conhecimentos e experiências tende a auxiliar na desconstrução de preconceitos e estereótipos, evitando a discriminação do que não é considerado normal, além de facilitar na elaboração das angústias juvenis.

A adolescência retratada na série referiu-se àquela que percebemos no Ocidente, mais especificamente nos Estados Unidos, país no qual a animação fora produzida. Os corpos exibidos eram, sobretudo, brancos e magros, mas também há

representações de personagens negros na série, apesar de não se aprofundarem questões sobre diferenças étnico-raciais na percepção sobre a adolescência.

Os personagens eram, predominantemente, heterossexuais, com exceção de Matthew como já fora analisado. A presença de apenas um personagem cadeirante é retratada no segundo episódio, porém é uma rápida aparição, não abrangendo a discussão sobre a percepção da adolescência em pessoas com tais condições e revelando um distanciamento da representação da adolescência em jovens com deficiência física ou intelectual.

Percebe-se que os produtores da animação procuram exhibir assuntos muito relevantes sobre a sexualidade na adolescência, e o uso do sarcasmo permite uma abertura por parte da audiência para atingir este objetivo. Porém, na tentativa de trazer discussões atualizadas sobre tais assuntos, a série acaba recaindo em crenças errôneas, reproduzindo preconceitos e padrões sociais. Curiosamente, sua indicação é para maiores de 16 anos, embora a puberdade e o início da adolescência possam aparecer muito antes em meninos e meninas.

A partir da análise feita, considera-se que a série tem potencial para ser utilizada como ferramenta educativa no ensino de sexualidade, mas, para tanto, os estereótipos e preconceitos reproduzidos nas cenas necessitam ser debatidos e desconstruídos, para que não se mantenham ideias errôneas sobre a adolescência e os demais temas abordados no presente capítulo. O estudo da sexualidade, de forma aprofundada e embasada no conhecimento científico já produzido, permite uma leitura mais crítica e reflexiva sobre a série, saindo da superficialidade das cenas exibidas e proporcionando ricas interpretações sobre as representações da adolescência que a cultura ocidental possui e tenta reproduzir por meio dos recursos midiáticos.

Referências

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.** ed. 13, cap. 16 e 20, São Paulo: Ed. Saraiva, 1988.

NASIO, J.-D. **Como agir com um adolescente difícil:** um livro para pais e profissionais. Trad. Telles, A. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. trad. MONTEIRO C.; SILVA, M.C. **Desenvolvimento Humano.** 12^a ed. Porto Alegre: Atmed. 2013.

PEREIRA, I.D. **A influência da indústria cultural no consumo infantil.** (Monografia TCC). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

SAFFIOTI, H.I.B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 44-66, 2004.

SCHOEN-FERREIRA, T.H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E.F.M. Adolescência através dos Séculos, **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, abr-jun 2010.

ECOS *et al.* **Caderno Escola Sem Homofobia**, (não publicado) 2004. Acesso pelo link: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec1.pdf>. Extraído em 26.5.2019.

Capítulo 9

XXY: A INTERSEXUALIDADE E A IMPOSIÇÃO DE UMA ESCOLHA

Danilo Silva Nakashima

Introdução

A intersexualidade diz respeito a uma condição congênita de má-formação genital. Mais conhecida como Distúrbio do Desenvolvimento Sexual (DDS), os indivíduos afetados, chamados de intersexo, nascem com uma genitália indefinida, não sendo possível, em um primeiro momento, determinar o sexo do bebê. Isso se deve porque os padrões genéticos XX (ovário e genitália feminina) e XY (testículo e genitália masculina) sofrem uma distorção congênita, cromossômica ou hormonal durante o desenvolvimento. Tal condição é tratada na medicina por meio de uma cirurgia de “normalização”, visto que para uma grande parcela dos médicos a intervenção tem como finalidade evitar futuros constrangimentos, sendo considerada uma “urgência biológica e social” (GUIMARÃES; BARBOSA, 2014, p.2178).

Ainda não há consenso nos casos de intersexualidade sobre a melhor decisão de lidar com esse fenômeno. Para grande parte dos médicos, esses indivíduos sofrem de distúrbios que necessitam de intervenção, seja por meio de cirurgia (retirada ou mudança no formato de órgãos), seja por meio de tratamentos hormonais, mas não se constata na literatura científica a necessidade imediata da cirurgia de adequação (GUIMARÃES; BARBOSA, 2014).

Em seu material informativo, do Conselho dos direitos humanos das Nações Unidas (UNHR, s/d) declara que os procedimentos cirúrgicos, por serem irreversíveis, podem causar infertilidade permanente, dor, incontinência urinária, perda da sensibilidade sexual e sofrimento psíquico continuado, incluindo a depressão.

Nesse sentido, a remoção do pênis ou a criação da vagina em um bebê com genitália ambígua não pode se basear apenas na decisão de um médico. Dentro de uma perspectiva de saúde para além da funcionalidade orgânica, os casos de intersexo necessitam ser objeto de uma análise mais cuidadosa. Cabe aos pais, com o auxílio da equipe multiprofissional (composta de pediatra, endocrinologista, cirurgião e psicólogo), a reflexão sobre uma escolha com consequências duradouras para a vida da criança. Os efeitos dessa escolha estão além do biológico, devendo ser pensado em suas dimensões clínica, social e política (GAUDENZI, 2018). Vieira (2016, s/d) destaca que

O problema ocorre tempos depois, pois a criança pode ter traumas e questões psicológicas importantes a serem tratadas, pois pode ou não se adequar ao gênero escolhido e isto é algo que deve ser levado em conta, pois, por exemplo, há casos em que se pode optar pela mudança de gênero caso a criança não se sinta menino ou menina. Em alguns países da Europa, como a Bélgica, cirurgias de normalização são proibidas para que não se cause transtornos psicológicos no futuro da criança.

No Brasil, os casos de intersexualidade são tratados de acordo com os procedimentos regulamentados pelo Conselho Federal de Medicina, sendo essa condição descrita como “anomalias de diferenciação sexual” (CFP, 2003). Os procedimentos de adequação podem ser questionados pelos pais, no entanto muitos deles podem estar se defrontando com essa situação pela primeira vez,

gerando contextos de extrema aflição e angústia. Daí a importância de uma equipe multidisciplinar na orientação e no fornecimento de informações para uma tomada de decisão.

O tema é ainda complexo e pouco discutido e é uma população vulnerável na medida em que sofrem diante de situações preconceituosas, pois as

Pessoas com intersexo são geralmente submetidas a discriminação e abuso quando são reconhecidos como intersexuais ou se são percebidos como sendo pessoas que não correspondem aos padrões de gênero. Leis anti discriminação não combatem a discriminação contra pessoas intersexuais, tornando-as vulneráveis às práticas discriminatórias em vários contextos, no acesso aos serviços de saúde, educação, serviços públicos, empregos e esportes. [Tradução nossa]. (UNHR, s/d).¹

Por isso, acreditamos que a discussão deve envolver argumentos teóricos, de diferentes áreas das ciências e, a utilização de um filme pode ser um disparador importante para essa tarefa.

¹ Intersex persons are often subjected to discrimination and abuse if it becomes known that they are intersex, or if they are perceived not to conform to gender norms. Anti-discrimination laws do not typically ban discrimination against intersex persons, leaving them vulnerable to discriminatory practices in a range of settings, including access to health services, education, public services, employment and sports.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	XXY
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama
Ano	2007
Local de lançamento e Idioma original	Argentina/ Espanhol
Duração	1h26min
Direção	Lucía Puenzo

Kraken e Suli são um casal de argentinos que decidiram deixar Buenos Aires após o nascimento da filha. Álex nasceu com um distúrbio conhecido pela medicina como Distúrbio da Diferença Sexual (DDS). Seus pais decidiram não submetê-la à cirurgia reparadora conhecida como “adequação do sexo”, procedimento comum nesses casos. Álex, 15 anos depois, agora na adolescência, tem que lidar com a escolha sobre se deseja ou não a cirurgia, se quer ser do sexo masculino ou do sexo feminino. O filme é dirigido pela a diretora argentina Lucía Puenzo e recebeu, entre os diversos prêmios, o Prêmio da Crítica no Festival de Cannes, ganhou o Goya (o Oscar espanhol) e o Ariel (o Oscar mexicano) de Melhor Filme Latino Estrangeiro, premiação dos críticos de cinema da Argentina; além disso, saiu-se vencedor também dos festivais de cinema de Atenas, Bangkok, Cartagena, Edimburgo, Montreal e São Francisco (EUA).

Análise Crítica

O longa retrata a história de Álex, personagem que nasceu com uma genitália ambígua com características mistas. Álex possui pênis e seios, sua aparência é feminina

devido aos remédios que toma para controlar a testosterona (inibindo o crescimento de pelos faciais e estimulando o crescimento dos seios). Para evitar os mecanismos de controle social, seus pais escolhem se isolarem em uma pequena cidade litorânea do Uruguai. O equilíbrio é rompido com a chegada de um casal de amigos – Ramiro e Erika –, sendo Ramiro um famoso cirurgião interessado pelo caso de Álex. Esse casal de amigos possui um filho, Álvaro, que começa a se sentir atraído pela adolescente, despertando sentimentos contraditórios em ambos. Por quem Álvaro está atraído? Pela figura feminina ou masculina de Álex?

Em uma das cenas, após aceitar ter relações sexuais com Álex, Álvaro deixa ser penetrado, cena vista por Kraken. Preocupado com o comportamento da filha, começa a se questionar se a decisão de postergar a “resolução” para o caso de Álex foi realmente acertado. Convencido por um amigo a perguntar para a própria filha qual seria a melhor decisão e que a apoiaria independentemente da sua escolha, a adolescente responde com uma das frases mais impactantes do filme: “¿Y si no hay nada que elegir?”.

O filme segue desenvolvendo o embate da personagem pela necessidade de tomar ou não uma decisão a respeito de sua condição. A história apresenta nuances e não deixa claro no final a decisão de Álex – mérito da diretora, que não apresenta soluções fáceis ou *happy end* para uma questão humana tão pungente e dramática.

A condição de Álex é retratada no filme com muita sutileza, progredindo lentamente. Em muitas de suas cenas notamos uma tensão entre os papéis historicamente constituídos a respeito do binarismo sexual. As cenas são recheadas de diálogos com indiretas de Álex a respeito de

sua condição. Os discursos biológicos e sociais amalgamam-se formando um quadro complexo de posições.

Em relação ao plano biológico, não à toa, o animal de estimação de Álex é uma iguana, animal que possui como característica a pouca diferenciação morfológica entre o macho e a fêmea, sendo difícil identificá-los visualmente. Em uma das cenas, a personagem lê em um livro de biologia (seu pai, Kraken, é um biólogo marinho) a seguinte passagem: “Em todos os vertebrados, incluindo o ser humano, o sexo feminino é primário em sentido evolutivo e embriológico”.

Já no plano social, podemos notar que sua manifestação ocorre por meio das interações sociais entre a família de Álex e as pessoas do vilarejo. A vila de pescadores, em sua estrutura patriarcal dos homens como provedores e força de trabalho, começa a desconfiar de algo a respeito da filha de Kraken quando um dos melhores amigos de Álex revela o seu segredo a todos. A reação é imediata, cria-se um mal-estar, refletindo em posturas discriminatórias e intolerantes. Dessa maneira, nesses dois planos, coaduna-se a perspectiva científica de adequação dos corpos aliados a uma coerência e inteligibilidade social a respeito do que é ser do sexo masculino e feminino. O corpo de Álex é um impedimento para a hegemonia desses ideais, sobretudo porque estilhaça, conforme Paula Gaudenzi (2018, p. 4), “o imaginário dos ideais de uma sexualidade biológica e desafia o saber médico em termos de sexualidade naquilo que ele tem de mais sólido: seu suposto caráter científico”.

As implicações são diversas, notamos isso no controle social presentificado pelo saber médico, representado pelo personagem Ramiro, que se interessa pelo “caso Álex” e estuda formas de intervenção. Como assinala Foucault, a construção de um saber científico a respeito das categorias humanas produz uma sujeição em classificações que

refletem uma suposta identidade sexual, um dispositivo construído por meio de práticas discursivas e tecnológicas que fundamentaria uma “verdade” do sujeito (FOUCAULT, 1988).

O grande mérito do filme é apresentar essas questões com doses graduais, sem a presença de um grande clímax. Paulatinamente vai-se desconstruindo uma suposta verdade sobre a essência em relação à sexualidade humana, demonstrando que em seu lugar prevalece um conjunto de práticas e saberes que norteiam normas que devem ser seguidas, com o risco de exclusão, sofrimento e violência físicas e psíquica em caso de não cumprimento. Nota-se, portanto, que a postulação a respeito da diferença sexual é uma consequência da experiência existencial em um dado contexto histórico, e não uma condição prévia e apriorística (PEIDRO, 2013).

Após a cena entre Álex e Álvaro, fica no ar o conflito a respeito de uma decisão de Álex: ter pênis ou vagina? Ter relação sexual hétero ou homossexual? Ser homem ou mulher? Entretanto essa busca para um final cuja síntese se dará na resolução do conflito fica suspensa e o filme passa a questionar: *será mesmo necessário tomar uma decisão?* A trama deixa claro que o binarismo e as formas tradicionais de se entender a diferenciação sexual humana, no plano subjetivo daqueles que vivenciam a condição de intesexo, não oferece ajuda; pelo contrário, proporciona mais sofrimentos e violência.

A família de Álex vive o conflito de forma ambígua, pois enquanto o pai se mostra mais aberto para uma decisão de Álex, a mãe deseja que a filha continue com o tratamento hormonal para ser mulher. Em uma das falas, temos: “KRAKEN (a SULI): Não se iluda. Jamais será uma mulher, mesmo que um cirurgião lhe corte o que sobra”.

A figura do médico somente pode dar respostas biológicas, nada podendo ofertar ao sofrimento existencial

da personagem. Suas falas remetem sempre ao plano orgânico. Ao saber que Álex não está mais tomando os corticoides, manifesta-se: “[Álex] vai se virilizar. Ficaré tudo alterado: o corpo os ciclos.... Vai parar de se desenvolver como mulher...”.

Nesse cenário, a figura de um psicólogo poderia (na medida do possível, uma vez que, como já frisamos, tratar-se de um trabalho multiprofissional) auxiliar em uma das dimensões do sofrimento, oferecendo apoio tanto para a filha como para os familiares. O trabalho deveria pautar-se na necessidade de um esclarecimento do sexo como um atributo histórico do corpo humano, e não algo como um corpo “natural”, sendo o binarismo algo que enviesa a realidade da condição humana. Um corpo designado como “masculino” ou “feminino” está ligado a uma percepção historicamente constituída a respeito de uma dada compreensão da natureza humana.

Feito esse trabalho inicial, caberia articular as formas de enfrentamento e a gestão de uma escolha esclarecida a respeito dos riscos e possíveis benefícios de uma intervenção cirúrgica. Essa escolha deverá ser pautada tendo em conta o universo social onde os indivíduos estão inseridos, oferecendo-lhe possibilidades de singularizarem-se, de modo que manifestem suas escolhas sem sofrerem represálias.

Em um plano social caberia formas de educação que abarcassem a discussão de inclusão e esclarecimento da condição de intersexo já nos momentos iniciais da educação básica, fornecendo elementos de uma educação para a diversidade. Uma realidade na qual poderíamos começar a questionar um modelo de sexo que foge do binarismo, remetendo-nos a uma ideia sexos múltiplos (GAUDENZI, 2018).

Essa perspectiva parece cada vez mais longe da realidade brasileira, onde um crescente obscurantismo de

posições extremas se avizinha. Entretanto, pode-se considerar como uma possibilidade futura, visto que já testemunhamos o avanço das ideias da dissolução de identidades fixas. Se partirmos da premissa de não considerar a intersexualidade como uma enfermidade de caráter patológico, mas sim como da não conformidade de um corpo aos saberes historicamente constituídos, poderemos vislumbrar pequenas brechas por onde desconstruir algumas das noções a respeito da divisão sexual.

Considerações Finais

As questões levantadas aqui estão de longe de qualquer perspectiva de consenso, porém apontam para a complexidade da condição da intersexualidade. De modo sucinto, podemos enxergar a condição de intersexo em dois movimentos: o primeiro ocorreria junto aos saberes médico e nas suas formas de “resolução”, seja pela cirurgia de normalização, seja pelo controle hormonal. Outro movimento sairia do diagnóstico e passaria a focar na pessoa. Levando-se em conta a irreversibilidade do procedimento cirúrgico e suas consequências duradouras no plano psíquico, parece-nos razoável adotarmos um viés crítico em relação à postura medicalizante presente no Brasil. Conforme Houk & Lee (apud GUIMARÃES; BARBOSA, 2014, p. 2181):

permanece inadequada a compreensão científica das questões relacionadas aos DDS (Distúrbio do Desenvolvimento Sexual), [o que acaba por comprometer o desenvolvimento] de linhas de cuidado sólidas para o enfrentamento de suas questões mais controversas. Persiste a necessidade de mais estudos, de modo a que médicos possam ter esclarecida uma resposta para a

questão mais premente que lhes é apresentada: qual é a relação entre a decisão por eles tomada no tocante à realização de cirurgias genitais e redesignação sexual e a futura qualidade de vida e adaptação das pessoas intersexo nas quais tais procedimentos foram realizados?

Fica claro a necessidade de se repensar a política das recomendações compulsórias pela cirurgia. Apresenta-se como oportuno a necessidade de uma nova ética de intervenção para os casos de intersexo, devendo esta pautar-se em um suporte multidisciplinar e multiprofissional para lidar com os pais e com os filhos. Em outro âmbito, será oportuno também questionarmos até que ponto estamos preparados para a aceitação incondicional dos corpos, dos desejos e das suas manifestações subjetivas. De que lugar olhamos para esses corpos quando emitimos nossos juízos? O filme XXY permite-nos uma mirada tímida, porém sóbria, para a necessidade de uma revisão sobre os nossos saberes e práticas em relação à diversidade humana.

Referências

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM). **Resolução do CFM n. 1664/2003**. Extraído de: http://www.portal.medico.org.br/resolucoes/cfm/2003/1664_2003.htm. Acesso em 26.5.2019.

FÁBIO, A. C. **O Debate sobre se bebês intersexuais devem ou não ser operados**. Nexo. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/02/10/O-debate-sobre-se-beb%C3%AAs-intersexuais-devem-ou-n%C3%A3o-ser-operados>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GAUDENZI, P. **Intersexualidade: entre saberes e intervenções**. *Cad. Saúde Pública*, vol. 34, Rio de Janeiro, 2018.

GUIMARÃES, A.; BARBOZA, H. H. **Designação sexual em crianças intersexo: uma breve análise dos casos de “genitália ambígua”**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, out./ 2014, p. 2177-2186.

PEIDRO, S. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. *Revista Latinoamericana*, n.14, ago./ 2013, p.66-90.

UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS. **Fact Sheet Intersex**. s/d. Disponível em: https://unfe.org/system/unfe-65-Intersex_Factsheet_ENGLISH.pdf. Acesso em: 20. maio. 2019.

VIEIRA, A.M. **Eu sou intersexo**. In: *Revista Forum*, 2016. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/eu-sou-intersexo/>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

Capítulo 10

HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO: A SEXUALIDADE EM ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Bruna Ballen

Érica de Souza Soardo

Maithê Cristhine Prampéro

Introdução

A adolescência, assim como a infância, é fruto histórico da sociedade e da cultura, nem sempre existindo como tal. As mudanças biológicas, obviamente, já se faziam presentes, mas a maneira de lidar com elas e o valor que se atribui a esse período foram se transformando (e continuam) ao longo dos anos. Além disso, dentro de um mesmo tempo, há diferenças significativas nas adolescências, ou seja, as diferentes culturas humanas também encaram esse período de transição de perspectivas diversas (TEIXEIRA, 2012, p.18).

A adolescência [] é construída social e historicamente, e é articulada e atravessada por marcadores sociais de diferença tais como classe, raça/ etnia, sexualidade e gênero, os quais, interseccionados, produzem diversidades de trajetórias adolescentes.

Assim como dito, um dos fatores diferenciadores das adolescências se refere à sexualidade, na qual se encontram peculiaridades. A sexualidade, como parte do

existir humano permeia as diferentes fases da vida, cada qual com suas particularidades, principalmente porque, nesse estágio, o papel da sexualidade se transforma e por isso interesses, dúvidas e curiosidades começam a despertar.

Ademais, sexualidade é um conceito amplo, indo além do fator reprodutivo, sendo também permeada pela identidade e orientação sexual, pelo gênero, pelo envolvimento emocional e erotismo (MAIA, 2010). Assim, com tais características, pode-se notar o quanto a sexualidade é delimitada pela cultura, assim como a adolescência e, portanto, se expressará de maneiras diferentes. Partilhada por todos em suas proibições, repressões e permissões, a sexualidade envolve um acordo entre o que é público e privado. Enquanto produto sócio-cultural, existem expectativas a respeito do que seria uma sexualidade “normal”, desejada, tradicional. Dentre estas ideias, pode-se dizer que o sexo é visto como sinônimo de penetração, símbolo do amor verdadeiro e espontâneo (MAIA; RIBEIRO, 2010).

No Brasil, a primeira relação sexual acontece cada vez mais cedo: a idade média para as meninas é a de 14 anos e para os meninos, é a de 15 anos (HUGO, et. al., 2011). Ou seja, os adolescentes são sexualmente ativos, vulneráveis à gravidez indesejada e, ainda, às infecções sexualmente transmissíveis.

Castro, Abramovay e Silva (2004, p.68) afirmam que socialização dos adolescentes, que em geral, remete-se ao grupo e aos pares, é permeada fortemente pelo tema da sexualidade e a iniciação sexual é quase que um rito de passagem e supervalorizada pelo grupo, o que assim, constitui-se como partes formadoras das identidades desses jovens. Questões de gênero, por exemplo, são relacionadas à iniciação sexual, na medida em que há uma

cultura que reprime a sexualidade feminina e exacerba a masculina.

O exercício da sexualidade (...) se realiza dentro de um marco cultural delimitado por preconceitos e rituais (...) A iniciação sexual é portanto um forte rito na vida dos indivíduos e de coletividades, pois é normatizada de acordo com parâmetros sobre a juventude, ciclo privilegiado na simbologia de consumo, mitificada por meio da valorização do corpo e da saúde perfeita.

Podemos, por meio deste trecho, levantar várias questões ao quão complexo se torna esse momento de iniciação, uma vez que está inserido em uma cultura e perpassado por vários estigmas e estereótipos normatizadores. Isso nos leva a refletir a respeito dos grupos que se distanciam mais significativamente dos grupos considerados “normais”, como homossexuais, pessoas com deficiência, sujeitos fora dos padrões de beleza, etc. Se para qualquer adolescente, pelas razões acima explicitadas, apresentam-se conflitos nesse momento do desenvolvimento, é de se pensar o quão mais complexo se daria a expressão da sexualidade.

Um dos grupos que carrega um estigma, constitutivo de preconceitos, mitos e estereótipos é o grupo de pessoas com deficiência. A sexualidade de pessoas com deficiência visual existe, assim como as demais pessoas, e deve ser levada em consideração nos processos educação sexual no desenvolvimento humano. A deficiência visual em si não compromete, necessariamente, a resposta sexual (desejo, excitação e orgasmo), mas os aspectos psicossociais relacionados à deficiência podem dificultar a vivência da sexualidade (MAIA, 2011; 2012).

De acordo com Bastos e Fidry (2007) a trajetória do adolescente com deficiência encontra diversas barreiras.

Uma delas é o sentimento de “exclusão”, diante da diferença em relação às pessoas sem deficiência. Esses sentimentos intensificam-se na adolescência, muitas vezes frustrando expectativas individuais e de familiares. Nesse período, o corpo se transforma, passando pela transição de um corpo com características infantis para um corpo adulto. Em contraponto, no caso dos adolescentes com deficiência, a comunicação e o domínio social podem continuar imaturos.

A adolescência é um período que aproxima o sujeito dos pares e afasta da família, e é para o grupo que o indivíduo remete as suas incertezas, as angústias, as pressões e as dúvidas. Entretanto, as demandas de um jovem com deficiência variam (BASTOS; DESLANDES, 2005) quando comparadas com um jovem que não apresenta esta condição.

Denota-se a importância do ambiente familiar para a adaptação do adolescente com deficiência visual. Os pais/cuidadores têm entre as suas funções a de serem educadores sexuais, cabendo a eles não ignorarem a sexualidade de seus filhos, promoverem e favorecerem uma educação esclarecedora de modo a promover a sua saúde e autonomia. Segundo Bezerra e Pagliuca (2007), desde o nascimento, a pessoa com deficiência visual está inserida em um sistema de relações e de significações sociais, a qual se torna o lugar onde ela organizará e estruturará a própria identidade. O que ocorre com frequência é a ideia, construída pelos familiares, oriunda de preconceitos sociais, de que esse adolescente é incapaz, inábil, inseguro e assim, passam a educá-lo para ser dependente, indefeso e infantilizado e assexuado. Há um cerceamento bastante presente também sobre os adolescentes com deficiência visual, como a excessiva proteção e vigilância que limita ou inibe manifestações da sexualidade (masturbação, por exemplo). Partindo do

pressuposto de que o tato é fundamental para a compreensão das diferenças sexuais anatômicas e para a compreensão e investigação do próprio corpo, cabe também ao ambiente familiar ensinar a discriminação entre espaços privados adequados para o toque, e o respeito à privacidade do adolescente.

Diversos estudos realizados com pessoas com deficiência e com suas famílias mostraram que, por parte dos familiares existe falta de diálogos sobre sexualidade, pois o sujeito é visto como assexuado, e o tema é tratado como algo “censurado”. Por parte dos adolescentes prevalece uma falta de informação sobre sexualidade e relações sexuais, bem como sobre métodos contraceptivos e IST’s, o que reforça a visão estigmatizante que existe sobre a sexualidade de indivíduos com deficiência (MAIA, 2012). O estudo de Maia (2012), realizado com uma jovem adulta que nasceu cega, corrobora essas informações, pois a participante relatou que sua família foi omissa em relação à sexualidade e que a escola ofereceu informações superficiais e não adaptadas às suas necessidades

Segundo Bastos e Fidry (2007) e Maia (2011) é muito comum que a sexualidade da pessoa com deficiência seja vista a partir de pontos extremos, assim, ou o indivíduo é visto como “anjo”, um ser assexuado e desprovido de qualquer interesse na vivência da sexualidade, ou, no extremo oposto, o sujeito é colocado como alguém que possui uma sexualidade exacerbada. Desta forma, o tema é envolto por preconceitos e discriminações. A sexualidade permanece então um tabu, reduzida muitas vezes ao ato sexual, e soma-se ao tabu que existe acerca da deficiência, vista como impeditiva de muitas atividades. Ainda segundo Maia (2012), as crenças que recaem sobre os indivíduos com deficiências se estabelecem a partir de modelos normativos, os quais são produto histórico e social, e relacionam-se a um padrão de beleza e felicidade, muito

vinculado a um corpo valorizado midiaticamente (magro, branco, heterossexual, por exemplo).

Além dos mitos da ausência de sexualidade ou da exacerbação da mesma, existem outros preconceitos vinculados ao estigma que acompanha a deficiência. Segundo Maia e Ribeiro (2010) existe o mito sobre a pessoa com deficiência não ser atraente, desejável ou capaz de conquistar um parceiro. Embora algumas pessoas com deficiência necessitem do uso de aparatos e aparelhos que auxiliem nas funções fisiológicas, este fato não impede a vinculação afetiva ou amorosa.

Faz-se importante ter em mente que o erotismo, a beleza e a atração são conceitos abstratos da sexualidade e adquiridos por meio dos demais sentidos, independente de deficiências, e que o erotismo é inerente ao ser humano assim como a sexualidade é dinâmica e dialética (MAIA, 2006).

Para Maia e Ribeiro (2010), os preconceitos e estigmas são tão enraizados e difundidos que passam a se incorporar na pessoa que possui a deficiência, a qual passa a se desvalorizar e acreditar que as adjetivações negativas são reais. Além disso, a pessoa em sua integridade é que é um ser “amado” e não a sua “deficiência”, que se constitui parte da identidade como um todo. No caso da deficiência visual em específico, esta não é fator de inibição para o funcionamento genital, embora como já apontado por Maia (2006), a sociedade generalize as limitações da deficiência para a sexualidade e reproduza o estigma de uma sexualidade infantil ou até mesmo ausente. Como a própria autora levanta, o que se pode verificar é a possibilidade de influência da deficiência visual na atividade sexual de adultos que ficaram cegos; o estresse ou pressão diante da perda sensorial pode ocasionar disfunção erétil, falta do desejo sexual, falta de estimulação, principalmente

se para aquele indivíduo o desejo sexual e a excitação forem baseados majoritariamente na visão.

É de extrema importância considerar todos os preconceitos e mitos que estão enraizados nas relações humanas, na cultura e no contexto de vida do adolescente que possui alguma deficiência. Promover autonomia e a quebra dos preconceitos, bem como maneiras de ressignificar as regras e os impedimentos, muitas das vezes exacerbados e pautados na impossibilidade de romper barreiras, são os primeiros passos que permitem o estabelecimento de um vínculo com este(s) adolescentes e, para além do vínculo, o desenvolvimento de intervenções em que essa pessoa seja reconhecida em suas necessidades, desejos e demandas.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Titulo Original	Hoje Eu Quero Voltar Sozinho
Nome Traduzido	(não há - Netflix)
Gênero	Drama/ Nacional/ Romance
Ano	2014
Local de lançamento e Idioma original	Brasil/ Português
Duração	1h35min
Direção	Daniel Ribeiro

O longa “Hoje eu quero voltar sozinho é uma obra inspirada no curta metragem “Hoje eu não quero voltar sozinho”. O enredo compõe-se através das descobertas e das primeiras experiências afetivas e sexuais de Léo, um adolescente LGBTQIA com deficiência visual, que lida com os conflitos das experiências de sua sexualidade, sua homossexualidade e sua deficiência. Léo tem dois amigos muito próximos: uma amiga e um rapaz, pelo qual ele se

apaixona. A narrativa coloca Léo, um adolescente cego e homossexual, enfrentando os tabus sociais, e os preconceitos nas próprias famílias em um contexto de várias situações típicas da adolescência: a descoberta de sentimentos e sensações, vivências e conflitos de vínculos e a diversidade sexual.

Análise Crítica

O filme fala de um contexto bastante congruente com a situação do país, porém focaliza em uma população de classe média, que pode ir à escola e que tem acesso ao estudo com uma máquina braille. Num contexto em que a inclusão começa a existir, com a ausência das chamadas “classes especiais” e a presença de alunos com e sem deficiência no mesmo ambiente.

Há a ausência de personagens negros e todos são magros. Nestes dois pontos, o filme deixa de lado outras duas minorias. Apesar destas falhas, o filme todo gira em torno de romper com o que está posto, com o que está colocado como tradicional e faz isso com sutileza na escolha dos olhares e das palavras.

Algumas cenas merecem destaque para o entendimento de alguns pontos importantes para a discussão sobre as descobertas sexuais na adolescência. Elas serão descritas a seguir e para cada uma delas há uma frase contextualizada pelo filme.

a) “Quem vai querer me beijar?” -Logo no início no filme, Giovana fala com Léo sobre nada acontecer nas férias, suas expectativas de grandes acontecimentos (como grandes amores) e os dois acabam falando sobre beijar alguém. Léo faz uma pergunta à amiga, como se não acreditasse que alguém se interessaria por ele. A pergunta gera possibilidade para a interpretação de que ele não se

acha interessante e/ou que ele adota uma posição passiva, sem se questionar ou cogitar querer beijar alguém em específico. A cena representa um período de dúvidas sobre sua imagem, o interesse dos pares e a insegurança com relação a ser aceito.

b) “Furacão Karina”- Giovana em mais de uma cena demonstra ciúmes de Karina (outra colega de escola), primeiro em relação a Léo e depois em relação a Gabriel, considerando as atitudes e gestos da outra garota como dicas de interesse sexual e fazendo comentários de julgamento. É comum a competição entre as meninas nesse período, reflexo de uma sociedade machista e patriarcal na qual as mulheres são tratadas como objeto de satisfação sexual dos homens e sua sexualidade dependentes à deles, como se cada homem representasse o macho alfa e para ele estariam disponíveis infinitas fêmeas que precisam competir entre si para serem escolhidas. O ciúme de Giovana também é indício de descobertas emocionais sobre as relações estabelecidas por ela com os dois garotos. Léo também manifesta ciúmes de Karina em relação a Gabriel a partir do momento em que ele percebe seus sentimentos pelo garoto, passando a se incomodar com a possibilidade de Gabriel se interessar pela garota.

c) “Qual é a graça de ver um eclipse?” - Gabriel convida Léo para verem um eclipse na praça. Léo parece ter aceitado motivado mais pela companhia do garoto do que pelo fenômeno., Leo pergunta a Gabriel sobre o que seria um eclipse e recebe uma explicação atenciosa; com a ajuda de pedras Gabriel demonstra os movimentos do Sol, da Lua e da Terra. Ambos estão passando mais tempos juntos, entretendo-se e conhecendo-se um pouco mais, trocando músicas e criando uma relação de intimidade. É por meio das relações e com elas que o adolescente passa a experimentar

emoções, estabelecer vínculos, conhecer mais os demais e a si mesmo, a intimidade estabelecida em cada relação acompanha um compromisso de companheirismo e responsabilidades afetivas. Como pode ser visto também na cena da briga com Giovana, por telefone, episódio em que ela ficou brava por eles terem se esquecido dela.

d) “Deixa eu sentir você vestindo o seu moletom” - Em casa, Léo veste o moletom de Gabriel e se masturba sentindo seu cheiro. Não apenas para pessoas com deficiência visual, vários podem ser os estímulos sensuais e sexuais, e explorando-os é que se pode conhecer a própria sexualidade. A masturbação é extremamente importante como uma das formas de expressão da sexualidade e de exploração do próprio corpo. Não são apenas os aspectos físicos que compõem a atração sexual e a afetividade. Essa passagem ilustra bem como as pessoas com deficiência não são assexuadas e podem passar por descobertas sexuais ainda que tardias ou com maiores dificuldades, porém como qualquer ser humano, não devem ter sua vida sexual invisibilizada ou desconsiderada.

e) “Namorado novo, Léo?!” - Na saída do colégio, no acampamento e na cena final, sempre que dois outros garotos veem Léo e Gabriel juntos, fazem essa pergunta aos risos. Ainda que a adolescência seja um período de experimentações, não significa que está isenta da influência dos padrões heteronormativos e que as vivências divergentes deles sejam aceitas e respeitadas. Os adolescentes estão experimentando papéis sociais e também reproduzindo discursos já existentes, estão sob a pressão da performance sexual e dos papéis de gênero. Os conflitos aparecem justamente nas contradições da vida que não se encaixam perfeitamente nesses padrões, nas emoções que nem sempre são normatizadas.

f) “O Gabriel já falou de mim pra você?” - As garotas do filme fazem essa mesma pergunta para Léo, em momentos diferentes, ora a Giovana no intervalo da aula, ora a Karina na festa. Os adolescentes estão descobrindo como demonstrar interesse sexual, como identificar o interesse alheio e muitas vezes contam com os amigos para checar suas suspeitas. A comunicação verbal parece ser balizadora dos gestos e nessa situação os sinais visuais não bastam para essa compreensão, assim como o consenso precisa ser dito e contextualizado, a paquera também carece de sinais verbais.

g) “Porre de Giovana” - Ainda brigada e com raiva de Léo, Giovana bebe vodca na festa de Karina e desabafa com Gabriel no banheiro depois de passar mal. Até um pouco mais da metade do filme os três amigos se distanciam e cada um parece chateado e isolado. O grupo e os amigos, fortes redes de apoio, tem muita importância na adolescência. Problemas com amigos podem ser fontes de estresse e afetam a vida dos adolescentes.

h) “Festa da Karina” - Um dos garotos da sala propõe a brincadeira do beijo, rodando a garrafa vazia no chão e cada ponta da garrafa indicaria as duas pessoas a se beijar na rodada. Ele porém, manipula o jogo e tenta enganar Léo quase fazendo com que ele beije o cachorro Pudim. O bullying ainda é bastante presente na adolescência, as diferenças são motivos de piadas e isso também é consequência das relações sociais na forma como estão estabelecidas. Não é exclusivo desse período, vide os programas de humor e stand-up que lucram e são reconhecidos publicamente, mesmo reproduzindo e reforçando estereótipos e preconceitos. A sociedade como um todo precisa aprender a fazer humor sem agredir e humilhar, além de aprender com a diversidade, que é inerente ao humano. A brincadeira do beijo também é

exemplo dos rituais que ocorrem na adolescência, como marcadores da proximidade da vida adulta e figura a pressão social da performance sexual; não ter beijado ninguém ou ter beijado poucas pessoas é motivo de chacota e isolamento e não basta dizer que já teve a experiência, o grupo desafia para verificar.

i) “Você lembra da festa da Karina?” - No final da festa, Léo discute com Gabriel, por achar que foi impedido de beijar uma das garotas no jogo e porque tanto Giovana quanto Gabriel insistem em ir embora. No final da discussão, Gabriel beija Léo e vai embora em sua bicicleta. Não manda mensagens e nem liga para Léo depois disso e os dois voltam a se encontrar apenas no acampamento, quando, em uma conversa sobre a festa da Karina, Gabriel comenta ter ficado bêbado e por isso não lembra de nada que ocorreu. Léo fica quieto, parece triste e em dúvida sobre o esquecimento do garoto. A família muitas vezes não é o grupo mais aberto ao diálogo sobre a sexualidade e as experiências afetivas, amorosas e sexuais, e o grupo de amigos às vezes segue a mesma linha, pois para ser considerado experiente o adolescente não pode falar de suas dúvidas com relação à sexualidade de forma aberta, sendo assim, as conversas sobre as inseguranças e as dúvidas são divididas com amigos de confiança, em menores números. Falar sobre as emoções é algo ridicularizado e a sensibilidade, no caso dos garotos, costuma ser considerada sinal de feminilidade e por isso reprimida ou escondida. As sexualidades sofrem repressão em diversos espaços, o que faz com que os jovens sintam vergonha de suas ações com os pares, em uma relação afetivo-amorosa, por mais que elas estejam implicadas na sua felicidade e no seu prazer. No caso de Léo e Gabriel, a vergonha e o receio podem ser maiores pelo fato de serem dois garotos, fugindo ao padrão heteronormativo dominante.

j) “Banho e depois fogueira” - Gabriel espera com Léo até que todos os garotos tenham tomado banho, assim ele se sente um pouco mais seguro. Léo comenta que sente vergonha de tomar banho na frente de todos e mesmo estando sozinho com Gabriel, vai para o chuveiro de bermuda. Só depois de um tempo ele se sente confortável para ficar nu. Mesmo antes de tirar a bermuda, Gabriel percebe-se admirando o corpo de Léo, suas costas e depois todo o corpo. Fica um pouco apreensivo e sai da água, enrola-se na toalha, tentando esconder uma ereção. Diante de tantas mudanças corporais e os significados atribuídos a elas, o adolescente tem de reconstruir sua autoimagem, muitas vezes com dificuldade por perceber que o corpo não atende aos padrões idealizados de beleza. As primeiras experiências sexuais são novidades para os adolescentes, que estão descobrindo sobre atração e como seu corpo responde aos estímulos, o que gera situações constrangedoras para eles, ainda que prazerosas. Saber como lidar com o próprio corpo é parte da passagem pela adolescência e dos seus desafios.

k) “Hoje eu não quero voltar sozinho” - Ao saírem da escola, Léo e Gabriel ouvem “o namoro tá firme, hein!”, ao invés de responder de forma agressiva, agora Léo deixa se segurar pelo braço e dá a mão a Gabriel, comumente sendo um gesto que representaria um namoro. E todos passam a rir do garoto que fez o comentário irônico. Quase chegando ao fim, o filme explora agora a aceitação da própria sexualidade e a vivência dela de forma saudável e sem pudor, respeitando a todos, inclusive a quem pretende ofender. A frase final “Hoje eu quero voltar sozinho” sugere que a descoberta da sexualidade por Léo promoveu de certa forma sua autonomia, com seu autoconhecimento e a experiência do namoro, desejada pelos dois personagens.

l) ”Porque tem que ser diferente? Por que você não tenta ser igual?” - Em uma discussão com a mãe, Léo faz essas perguntas referindo-se aos cuidados e preocupações extremas da mãe com ele. Saliencia com sua fala um desejo de ser tratado como qualquer adolescente, sem tanto controle para pequenas coisas, como poder ficar sozinho em casa, e, de quebra, denuncia a diferenciação por parte da mãe. Essa cena e quando Léo briga com Gabriel na festa da Karina dizendo “por que vocês querem controlar até quem eu beijo?”, representam o cerceamento dos adolescentes com deficiência visual pelos pais/cuidadores.

m) “Giovana: para alguns, a bengala humana e cão-guia” - Um dos garotos da sala faz bullying com Léo e ofende Giovana com esses apelidos, pois a garota reproduz o excesso de cuidado com o amigo, assim como a mãe deste, tendo uma função mais defensiva em alguns contextos e de carinho em outros momentos. Giovana anda quadras a mais para levar Léo até sua casa, pede a chave para ele e abre o portão. No dia em que a ofendem, Léo evita que ela faça isso e abre ele mesmo o portão. Embora as pessoas pensem que estão agindo carinhosamente, é importante deixar que as pessoas com deficiência visual façam o que elas conseguem fazer, que explorem suas habilidades para se desenvolverem e afirmarem sua capacidade. A diferença entre Giovana e a mãe de Léo é que a amiga pergunta quando ele deseja ajuda e isso também é importante.

n) “Ir para um lugar onde ninguém te conhece” - Léo procura com Giovana uma agência de intercâmbio, está cogitando sair do país para ter mais liberdade. Na agência, a atendente percebe seu interesse depois de Giovana fazer perguntas por ele, e então, passa a atendê-lo, falando diretamente com ele. A atendente não o trata como incapaz e sim como cliente, é realista com ele a respeito de nunca ter

tido clientes cegos, porém faz o possível para atendê-lo. Apesar das dificuldades, não se deve estender a deficiência de alguém para outras habilidades, privando-o de vivências.

o) “Não está um pouco cedo pra pensar nisso?” - Essa é a resposta da avó de Léo quando o neto fala sobre querer sair da casa dos pais e trabalhar. Os familiares e pessoas próximas tendem a infantilizar as pessoas com deficiência, não só quando se trata de sua sexualidade, por considerarem que essas pessoas precisarão de cuidados sempre. Isso porque estão acostumadas a manter o foco apenas nas limitações, dificultando a independência das pessoas com deficiência.

p) “Você já viu aquele vídeo?” - No começo da amizade, Gabriel sempre faz convites a entretenimentos que envolvem recursos visuais, fala sobre vídeos e percebe que não é a melhor forma de se aproximar ou manter a conversa com Léo. Para as paqueras essa dificuldade ocorre também e a comunicação por meio de imagens e aspectos visuais complicam a interação social de adolescentes com deficiência visual. Fica mais difícil reconhecer sinais de interesse que sejam faciais ou corporais sem o tato, por isso, adolescentes cegos tendem a abraçar mais, tocar os rostos de pessoas próximas para o reconhecimento das emoções e entendimento da comunicação. Em outras cenas do filme, como na do sonho e quando os garotos irritam Léo e o fazem cair, a câmera explora os sentidos do personagem principal - no sonho, a imagem é escura e pouco visível e antes de cair, Léo percebe a presença de mais pessoas por meio dos seus outros sentidos. Os demais sentidos são muito explorados para além da orientação em pessoas com deficiência visual, o que podemos notar com a cena do moletom também.

q) “Pai, me ajuda a fazer a barba?” - No banheiro, o pai auxilia Léo para fazer a barba, conversa com ele sobre o intercâmbio, investiga de forma tranquila os motivos do filho e promete conversar com a esposa. É extremamente importante ensinar a importância do autocuidado e de manter sua aparência, e auxiliar quando necessário, o adolescente deficiente visual. Essa atitude gera impacto sobre a autoestima, a autoimagem e segurança para as pessoas não videntes. Quando Léo pergunta para Giovana “Gi, eu sou bonito?”, ilustra a importância também em ressaltar as características físicas e psicológicas de alguém para o entendimento e uso de conceitos abstratos da sexualidade. Assim, mais recursos sensoriais e não sensoriais podem ser referência para o autoconhecimento e conhecimento do que lhe é atraente.

r) “Impossível é eu andar de bicicleta” - O filme termina com os namorados andando de bicicleta, com Léo na direção e Gabriel sendo levado por ele, ambos entusiasmados. O relacionamento possibilitou a Léo certa autonomia, superação de alguns desafios e autoconhecimento sem maiores riscos. Gabriel aprendeu como se comunicar com Léo, compartilharam o gosto pela música e ambos passaram a experienciar o afeto e a sexualidade de forma leve e saudável.

Nota-se, portanto, que o filme é bastante significativo quanto a sua construção, no tocante a abordar diversas temáticas, proporcionando, ao menos para ponto de partida, discussões abrangentes quanto à sexualidade humana, em especial, nas primeiras experiências amorosas e sexuais na adolescência.

Considerações Finais

O filme oferece material para trabalhar com públicos como adolescentes, pais/cuidadores tanto de videntes como de não videntes, sobre adolescência, descobertas sexuais nessa fase do desenvolvimento, vivência da sexualidade por pessoas com deficiência visual, diversidade sexual e autonomia. Trata de questões como masturbação, homossexualidade, preconceitos, abordando todos esses temas de forma leve, com delicadeza e que contempla o que a literatura apresenta, principalmente quando refletimos sobre os diálogos dos personagens.

O filme retrata a sexualidade de forma ampla, as dúvidas, angústias das primeiras experiências, relacionamentos amorosos diversos (não heteronormativo), em meio a cenas de desejo, prazer e também histórias de repressão. Em especial para o público adolescente, o longa pode-se mostrar como importante recurso para um projeto de educação sexual, uma vez que pode retratar melhor os conflitos adolescentes quanto à sexualidade, sendo fortes fontes de identificação e a partir disso, dando abertura para discussões.

Referências

BASTOS, O.M.; DESLANDES, S.F. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.10, n.2, p.389-397, 2005.

BASTOS, O.M.; FIDRY, D. Adolescente com deficiência mental: abordagem dos aspectos sexuais. **Adolescência & Saúde**, v.4, n.3, p.29-32, 2007.

BEZERRA, C. P.; PAGLIUCA, L. M. F. A vivência da sexualidade por adolescentes portadoras de deficiência visual. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 3, p. 578-583, 2010.

CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L.B.da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Pesquisa da usp revela que o jovem inicia cedo a vida sexual**. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/pesquisa-da-usp-revela-que-o-jovem-inicia-cedo-a-vida-sexual/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

HUGO, T.D.O. et.al. Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 27, no 11, p.2207-2214, 2011.

MAIA, A.C.B.; RIBEIRO, P.R.M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.16, n.2, p.159-176, 2010.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e deficiências**. Unesp, 2006.

MAIA, A. C. B. **Inclusão e Sexualidade na voz de pessoas com deficiência física**. Curitiba: Ed. Juruá, 2011.

MAIA, A.C.B. Educação Sexual e Sexualidade no discurso de uma pessoa com deficiência visual, **Revista Iberoamericana de Educação**, v.6, n.3, p. 91-103, 2012.

TEIXEIRA, F. S. et al. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 16-33, 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32n1/v32n1a03.pdf>>. Acessado em 10 de outubro de 2018.

Capítulo 11

CINQUENTA TONS DE CINZA: REFLEXÕES SOBRE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Júlia Borges Nakamura
Laís Kinosita Jacobucci
Raphael Bogatzky Costa

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2002), define violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano físico ou psicológico, desenvolvimento prejudicado ou negligenciado, mediante a intencionalidade do ato. Dahlberg e Krug (2006) chamam a atenção de que um dos aspectos mais complexos da definição da violência é a intencionalidade. Uma vez que, mesmo que a distinga de atos não intencionais que produzem ferimentos, a intenção de usar força em um determinado ato não necessariamente significa que houve intenção de causar dano. A partir disso, pode haver enorme disparidade entre comportamento intencional e consequência intencional, uma vez que um agressor pode cometer um ato intencional que pode ser considerado perigoso e, possivelmente, ter resultados adversos para a saúde, mas não percebê-lo assim, e portanto não se enxergar como agressor.

Segundo Minayo (2006), quando se analisa as práticas de violência, descobre-se que elas se referem a conflitos de autoridade, a lutas de poder e à vontade de domínio, posse e aniquilamento do outro ou de seus bens, sendo que as manifestações de violência podem ser aprovadas ou desaprovadas, lícitas ou ilícitas, baseados nas normas sociais ou na jurisdição de uma sociedade.

De forma semelhante, segundo Chauí (1985), a violência é caracterizada em um polo pela dominação, e em outro pela coisificação do indivíduo, uma vez que a liberdade não seria a capacidade de escolha entre diversas opções e sim a capacidade de autodeterminação para pensar, agir e sentir. Portanto, a autonomia em um nível em que as coisas e os demais não são determinantes do que somos e fazemos é parte integrante fundamental do ser sujeito livre, mas pode ser aumentada ou diminuída de acordo com que nós nos submetamos ou não à força da violência ou sejamos agentes dela. Essa definição de violência vai ao encontro com a definição de relacionamentos abusivos realizada por Barretto (2018), na qual relacionamentos abusivos seriam aqueles em que há excesso de poder e de controle, culminando no sentimento de posse, na objetificação do outro.

Segundo essa autora, as relações abusivas envolvem violências de natureza física, sexual e psicológica e o que marca essa relação é o uso do poder. Barreto (2018, p.143) explica que:

Quando falamos das relações abusivas não podemos negar que elas comportam violências principalmente de natureza física, sexual e psicológica. O abuso mantém a relação de poder do abusador sobre o abusado, que é tido como o seu objeto. Para Arendt (1985) a violência

surge como última alternativa possível para manter o poder sobre o outro. Nas relações abusivas, o poder está no cerne da questão, ela demonstra a desigualdade existente entre as forças do abusador e do sujeito que sofre o abuso. O poder é então uma via pela qual a força física ou simbólica será aplicada, no intuito de atingir determinado objetivo. (BARRETO, 2008, p.143).

A autora ainda aponta que grande parte da dificuldade das pessoas em romper os vínculos abusivos recai no fato de que elas nem percebem que estão envolvidos em um tipo de violência. Em relação a isso, segundo Carmo e Moura (2010), ao comentarem o ciclo de violência sofrido por mulheres em relacionamentos abusivos (mais especificamente em situação de violência doméstica), preconizando que existem três fases. Primeiramente ocorre a fase chamada de *Etapa da tensão*, composta por violência psicológica, desrespeito, abusos verbais, intimidação, destruição de documentos, constrangimento público, atribuição de culpa a mulher pelo fracasso, entre outros, sendo incidentes frequentes e de pequena proporção, durante os quais a vítima costuma alimentar a expectativa de a situação se reverterá. Em sequência, ocorre a fase da *Explosão*, na qual ocorre alguma violência física. Essa fase, é permeada por promessas que não são cumpridas relativas à não repetição da situação, (“não vou fazer novamente”, “prometo não te bater mais”). Essa é a fase mais curta, e pode ocorrer o uso de armas brancas ou de fogo para intimidar a vítima. É o momento do ápice da violência, e quando a vítima percebe que todo o arrependimento é esquecido pelo agressor. Por fim, ocorre a fase de *reconciliação*, onde há o retorno para um estado de “lua de mel”, se esquecem as fases anteriores do ciclo de violência e recomeça o

relacionamento com novas promessas, desculpas e arrependimentos, mantendo a vítima no ciclo.

Nogueira (2017) chama a atenção para o fato de que, dependendo dos cerceamentos realizados pelo abusador a uma vítima, romper o relacionamento pode fazer com que a mesma perca sua única fonte de reforçamento e/ou apoio, uma vez que o abusador possa ter emitido diversos comportamentos de controle sutis que a colocaram como subordinada a ele em diferentes aspectos da vida (econômico e/ou emocional).

Como exposto por Oliveira et.al. (2016), apesar de não ser uma violência exclusiva a um gênero, as mulheres são as principais vítimas de relacionamentos abusivos, sendo necessário lidar ainda com a questão cultural presente, que através de artigos de consumo, costuma naturalizar o abuso de forma poética e romantizada, negligenciando seu caráter destrutivo e tornando-o sexy e desejável.

Quando falamos de Sadomasoquismo, por sua vez, tanto o senso comum quanto a definição presente em dicionário definem a prática como uma perversão de ordem sexual, ou, ainda, como algo que descreve uma dinâmica entre pessoas envolvidas em comportamento coercitivo ou abusivo, mas não sabemos se há um consenso entre seus adeptos nessas definições. BDSM é um acrônimo que significa *Bondage*¹, Disciplina, Dominação, Submissão e Sadomasoquismo. O termo surgiu em 1991, a fim de tanto substituir a expressão sadomasoquismo em virtude do estigma social decorrente de sua patologização, quanto de identificar as diversas práticas compreendidas. A leitura do termo

¹ “Bondage” é um fetiche que consiste em amarrar e imobilizar seu(ua) parceiro(a), envolvendo a prática sexual com penetração, para obtenção de prazer.

BDSM deve ser considerada sempre aos pares, visto que cada par se refere às devidas práticas: “BD significa Bondage e Disciplina; DS, Dominação e Submissão; e SM, Sadomasoquismo” (SILVA, 2015, p. 12).

Silva (2015) descreve que tais práticas consistem em um conjunto de atividades orientadas pelo princípio do SSC: São, Seguro e Consensual. Ou seja, é imprescindível que as partes tenham condições de aceitarem conscientes as atividades e que essas sejam consensuais e não comprometam a integridade física e psicológica. Além disso, deve-se esclarecer que a prática do BDSM é um “estilo de vida”, as práticas realizadas são seguras e consentidas e que, geralmente, sofrem com o estigma da perversão sexual.

Os princípios do BDSM recaem sobre a supervalorização das sensações, no sentido da incessante busca pela ampliação das sensações e prazeres. Atualmente, a prática é realizada por diferentes tipos de casais, tanto hetero quanto homossexuais, podendo os papéis serem exercidos por qualquer gênero. Todavia, ainda predominam as informações errôneas, equívocos e preconceitos que colocam essa variação da expressão da sexualidade no campo da patologia e do desvio.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Fifty Shades of Grey
Nome Traduzido	50 Tons de Cinza
Gênero	Drama/Romance
Ano	2015
Local de lançamento e Idioma original	EUA/Inglês
Duração	2ho5min
Direção	Sam Taylor-Johnson

Cinquenta Tons de Cinza conta a história de Anastasia Steele, uma estudante de literatura de 21 anos e sua relação com Christian Grey, um empresário de sucesso. Anastasia conhece Christian ao realizar uma entrevista com ele para o jornal da faculdade. Os dois passam a se envolver e a conhecer mais de suas vidas particulares, até o momento que Christian a leva para sua casa e lhe apresenta sua “sala de jogos”, e então lhe conta de suas práticas dentro do BDSM, ao que ele descobre sobre a virgindade de Anastasia, seguindo-se da primeira relação sexual. Os dois iniciam um relacionamento pautado no BDSM, em que Christian a apresenta um contrato que definia uma relação de Dominante/Dominada. O filme segue com Ana sugerindo modificações no contrato, antes de decidir se assinaria ou não. Ana passa a conhecer cada vez mais práticas do BDSM com Christian, até um momento em que fica horrorizada por Christian a torturar com chicotadas, uma vez que sentiu a necessidade de puni-la. Nesse momento, Ana decide encerrar seu relacionamento com ele.

Análise Crítica

Para se realizar a análise crítica, serão destrinchados quatro pontos que são fundamentais para nossos questionamentos e problematizações.

1º) Houve respeito à dignidade e ao consentimento do outro? Ao mesmo tempo em que Christian afirma, diversos vezes, que apenas realizará os atos com o consentimento de Anastasia, em mais de um momento do filme ele a “pune” (batendo-lhe nas nádegas) por alguma ação que o teria desagradado e quebrado as regras do contrato, sendo que, nesses momentos, o mesmo ainda não havia sido assinado.

2º) Há uma relação equilibrada em termos de poder em relação às escolhas e ao respeito à vontade do outro? (não em relação à dominação e subordinação durante o ato sexual). Há uma subordinação e subjugação de si mesmo (em nome do amor) e do outro (em nome do BDSM e das suas preferências sexuais)? Durante o filme, observa-se um grande jogo de sedução (status social, poder aquisitivo, beleza, etc.) sustentado por discurso de afeto e bem-querer. Até que ponto ocorreu o desenvolvimento real de um sentimento de Christian para Anastasia? Ou esse discurso serviu apenas como um instrumento de manipulação para satisfação própria a todo custo?

3º) Ainda nesse sentido, Anastasia tem o interesse nas práticas de BDSM devido a um interesse e prazer real nesse campo, ou esse desejo estava relacionado às características socialmente valorizadas de Christian Grey? Caso o personagem não fosse um homem extremamente sedutor, dentro de um ideal de beleza, em situação econômica elevada, seu interesse por BDSM ainda seria construído como uma característica a mais daquele “homem misterioso” ou seria visto como algo absurdo e/ou abominável?

4º) O início e a manutenção da prática de BDSM se desenvolveu a partir de uma atitude madura e consciente de Anastasia? Quais os limites entre o desejo que nutria por Christian Grey, a satisfação e prazer que a relação a proporcionava e a manipulação, pelo amante, de sua vulnerabilidade e frágil autoestima através de presentes e afirmações de que não poderia viver sem ela?

Em relação ao primeiro ponto, durante o decorrer do filme, o contrato escrito por Christian lhe dá o direito de punir fisicamente Anastásia quando essa realizasse alguma

ação que o desagradasse, regras essa que fazem parte, teoricamente, do estilo de vida do submisso. Em uma das cenas após a apresentação do contrato, mas sem a assinatura do mesmo, visto que Anastásia o está estudando e sugerindo modificações, Christian lhe compra um carro de presente, e ela o recusa afirmando ter um carro. Nesse momento, ela nota que seu carro havia desaparecido, e Christian lhe informa que o vendeu, fazendo com que Anastásia revire os olhos. Esse ato é notado pelo mesmo, que automaticamente a leva para dentro da casa e começa a puni-la fisicamente.

Nessa cena, são demonstrados diferentes níveis de violência e abuso. Primeiramente, Christian vende um objeto de posse de Anastásia sem consentimento da mesma, e lhe dá um outro, de valor aquisitivo muito superior, também sem o desejo da mesma, podendo se configurar como um ato de Violência Patrimonial (qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades - Definição fornecida pela Lei Maria da Penha - Lei 11340/06 (BRASIL, 2006). Em sequência, ele lhe aplica uma punição baseada em um contrato que não havia sido assinado, e, apesar de topograficamente Anastásia não demonstrar comportamentos ou pedidos de negação a punição, não se pode afirmar que Christian estaria respeitando as regras do próprio BDSM, que consiste, como já discutido anteriormente, em ser São, Seguro e Consensual. Nessa cena ainda é evidenciado que o ato de violência patrimonial, assim como as reclamações de Anastásia, são completamente ignoradas por ele.

Este primeiro ponto está intimamente ligado como o segundo, uma vez que em diversos momentos do filme, Christian justifica suas ações pelo argumento de que deseja

“fazer o bem” a Ana, utilizando-se de seu poder econômico, assim como seu status, para lhe dar presentes caros, viagens, entre outros, assim como lhe afirmar que necessita dela.

Dentro ainda da primeira meia hora de filme, em um momento que ambos ainda não possuem uma relação, Christian recebe uma ligação de Anastásia, que está bêbada em uma festa, e exige que a mesma vá para casa, assim como saber em qual bar ela está, e ao receber uma recusa dela, rastreia seu número de celular e vai até onde Ana se encontra, “salvando-a” de um colega que tentava beijá-la à força, após o que ela desmaia e é levada para a casa de Christian. Nessa cena, existe um enfoque e tempo de tela muito maior sobre o ponto de Christian surgir como um “herói”, do que sobre o fato de ele não respeitar os desejos ou espaço de Anastásia. E logo após isso percebemos ainda a manipulação psicológica, quando Christian leva Ana para sua própria casa em vez de para a casa dela ou de sua amiga, que ele sabia também estar na festa, e diz fazer isso por não ser capaz de deixá-la sozinha. Nesse ponto percebemos alguns dos cerceamentos sutis comentados durante a introdução, no qual Anastásia é afastada de outros reforçadores e passa a ter como ponto de referência e segurança Christian. Os atos dele passam a transformar Anastásia para além de que ela queira estar com ele, para que ela precise dele.

A partir dessa construção, iniciamos o terceiro ponto, no qual questionamos se Anastásia possui real interesse nas práticas realizadas no filme, ou se esse interesse está vinculado à imagem de Christian. Dentro da literatura do BDSM, como exposto na introdução, é diversamente difundido o quanto as práticas nesse estilo de vida, devem ser consensuais e desejadas, ou seja, devem ocorrer não apenas por vontade do Dominador de uma relação, mas também por desejo da pessoa Submissa dessa relação.

De modo contrário, no filme há momentos no qual Anastásia questiona as práticas e demonstra desconforto ou até mesmo repúdio pelas mesmas. Destaca-se uma das últimas cenas, quanto o relacionamento se encontra em crise, e Anastásia pede para que Christian mostre o pior que pode fazer com ela, pois assim poderia entendê-lo. A cena segue com Christian a amarrando em uma mesa dentro de sua sala de jogos e a chicoteando seis vezes, exigindo que a mesma conte a cada chicotada. Após ser chicoteada seis vezes, Ana se demonstra assustada e desconfortável com a presença de Christian, dizendo para que ele não a toque ou se aproxime dela se era aquilo que ele gostaria de fazer com a mesma, demonstrando repulsa pelo fato de sua dor fornecer prazer a ele. Após isso ela termina o relacionamento.

Essa cena nos faz questionar o interesse de Ana pela prática, uma vez que caso a mesma gostasse de BDSM e ser submissa, teoricamente, tendo ela se submetido e não sido obrigada a isso, também deveria estar sentindo prazer com essa ação, igual demonstrado em outros momentos do filme. Pode-se inferir a partir disso que o interesse de Ana pelas práticas em primeiro momento estivesse relacionado não as práticas em si, mas a imagem de Christian Grey, isto é, ele é um personagem construído de forma a ser idealizado dentro de padrões de beleza e desejo: Branco, viril, rico, misterioso, sedutor, intelectualmente capacitado, entre outros. Os comportamentos violentos tanto das práticas, quanto os comportamentos abusivos de Christian são pareados as suas características socialmente valorizadas, passando a ter uma conotação positiva. Aquelas práticas em Christian não são consideradas um desvio de conduta, apesar de o estigma às envolvendo ser muito conhecidos dessa forma, e sim são um charme a mais daquele “homem misterioso”.

O quarto ponto então complementa nossa argumentação, pois destaca que Anastásia ocupa a posição de vítima de um relacionamento abusivo. Como já exposto anteriormente, em diversos casos a vítima não se percebe como parte de uma violência, assim como mesmo que se perceba, dificilmente possui outros reforçadores ou suportes para se afastar e abrir mão daqueles fornecidos pelo abusador.

Por mais que Christian realize ações abusivas, ele ainda é bem visto socialmente pelas pessoas a sua volta. Suas ações ainda são valorizadas e romantizadas como demonstrações de amor, resultantes de um “bom ciúme”, além de todas serem acompanhadas de reforçadores. Christian a rastreia e a persegue, mas a “salva” de um rapaz que tentava beijá-la à força. Ele vende seu carro sem seu consentimento, mas compra outro muito caro e melhor. Ele cria um contrato extremamente restritivo (e realiza ações do mesmo sem esse ser assinado) em relação até a vida pessoal de Anastásia, mas está disposto a abrir mão de diversas exigências e a negociar. Todos os comportamentos de Christian são reprováveis, mas o ato sexual, assim como os benefícios de seus atos abusivos, em mais de um momento, sobrepuja em importância narrativa e tempo de tela as ações problemáticas.

Além disso, a história do casal é permeada pelo ideal romântico de transformação do outro, reforçando o ideário popular de que o sofrimento e a dor (físicas e/ou psíquicas) são louváveis quando em nome do amor. Ele seria um “homem sem coração” que estaria descobrindo o amor, e seria um “bem” para o desenvolvimento dela, uma vez que ao início do filme a garota se mostra frágil, desengonçada, relutante, tímida, entre outras características e mais próximo ao fim do filme temos uma Anastasia com decisões mais fortes, posturas corporais mais firmes, mais eloquente, de forma que se passa uma evolução da

personagem através do relacionamento. “Graças ao relacionamento, ela se torna forte”. Assim como Christian que no início do filme demonstra nunca sorrir, ao fim do mesmo demonstra estar mais “humano”, sorrindo e até mesmo sofrendo com a partida de Ana.

Em paralelo às diversas considerações do relacionamento, nota-se ainda a relação de um ato sexual idealizado e extremamente prazeroso demonstrado em diversas cenas do filme. Anastásia é virgem ao início do mesmo, e em sua primeira relação sexual, além de não sentir nenhuma dor, acaba por ter vários orgasmos. Em diversos momentos do filme é demonstrado o quanto o simples toque de Christian tem efeitos extremamente prazerosos em Ana, sendo esse mais um fator que recai sobre os outros aspectos anteriormente comentados, isso é, como estar com Christian poderia ser algo ruim se Anastásia demonstra todo o tempo estar em um estado de êxtase extremo. Mesmo os momentos de abuso são paralelos às demonstrações de prazer.

Considerações Finais

Ao analisarmos Cinquenta tons de Cinza podemos observar que não se trata de um filme explicitamente sobre relacionamentos abusivos ou BDSM, e sim um filme de romance no qual esses são elementos constituintes. Todavia foram esses elementos utilizados pela indústria para divulgar o filme como “erótico” e “sensual” impulsionando a grande procura por assisti-lo e as variadas discussões que existiram em torno dele.

Além das questões apresentadas acima na nossa análise, é importante ressaltar existência de um padrão muito bem definido no filme. Christian Grey é homem, branco, atlético, viril, sedutor e rico. Mais que isso, em sua primeira relação sexual, Anastasia Steele tem diversos

orgasmos e não passa por nenhuma dor, assim como em todas as relações de ambos o simples toque de Christian já faz com que ela demonstre sinais de imenso prazer. Em resumo, temos um personagem idealizado, sendo uma de suas únicas falhas seu caráter e sua moral que seriam corrigidos em sua relação com Ana.

Apesar de ao fim do filme os personagens terminarem separados e em conflito, na continuação da história eles voltam a ficar juntos, ocorrendo outros elementos abusivos, assim como outros episódios que reforçam a crença popular de que o amor é capaz de modificar e salvar pessoas. De acordo com Oliveira et al. (2016), a maior problemática desses elementos serem expostos dessa maneira não crítica é que quando filmes, séries, livros, meios midiáticos de entretenimento no geral transformam a violência doméstica e/ou sexual como algo sexy, atraente ou desejável, cria-se de forma subliminar e veloz a aceitação dessa forma de relacionamento pelas massas, tornando-se uma crença de que esse seria o relacionamento ideal, e portanto as violências fazem parte de um relacionamento perfeito. Mais complicado, ainda, é pensar que essas representações dificultam para que, ao longo do tempo, a vítima de um relacionamento abusivo seja capaz de identificar as violências silenciosas que sofre, pois através da identificação o que se formula é “mesmo que eu sofra como a personagem dessa obra, ela teve muito prazer e um final feliz, então eu também terei”.

A obra ainda deixa a desejar pelas cenas relacionadas ao BDSM, pois além de não servirem para desconstruir o senso comum sobre ser uma prática abusiva (visto que o relacionamento de ambos é abusivo), ainda cria novos mitos em torno da mesma, como em partes do filme em que o personagem de Christian afirma que Ana em vez de sentir dor, irá sentir prazer, de forma a deixar subentendido que o prazer masoquista anula a dor o que, para Gregori

(2015), é um equívoco, pois a dor não deixa de ser dor mesmo que esteja em um corpo já tolerante a elas.

Por fim, a análise do filme *Cinquenta tons de Cinza* evidenciou situações de abusos, ideias equivocadas e romantizadas sobre as práticas sexuais “ditas” diferentes no filme que foi amplamente consumido pelas massas. Daí a necessidade de pesquisadores e psicólogos elucidarem as bases ideológicas sociais que nos permeiam e sustentam esses pontos ainda obscuros.

Referências

BARRETO, R., S. Relacionamentos abusivos: Uma discussão dos entraves ao ponto final. **Gênero**, Niterói, v.18, n.2, p. 142-154. 2018

BRASIL, Casa Civil. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**, 2006. Extraído de: v http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 25.6.2019.

CARMO, P., C., C., S.; MOURA, F., G., A. Violência Doméstica: A difícil decisão de romper ou não com esse ciclo. **Fazendo gênero** 9. Ago. 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278278656_ARQUIVO_VIOLENCIADOMESTICAADIFICILDECISAODEROMPEROUNAOCOMESSECICLO.pdf. acessado em 26 de Abril. 2019

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. (p.25-62). In: Várias autoras. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, nº 4, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.

DAHLBERG, L.L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8123200

6000500007&lng=en&nrm=iso>. acessado em 25 Abril. 2019.

GREGORI, M.F. Prazeres perigosos: o contrato e a erotização de corpos em cenários Sadomasoquistas. **Etnográfica**. vol.19, n.2, p.247-265. 2015.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Scielo Fiocruz, 2006.

NOGUEIRA, E., E. Algumas considerações sobre Análise do Comportamento, violência doméstica e o ciclo da violência. **Anais...**, ABPMC, 2017. Disponível em: <http://abpmc.org.br/arquivos/textos/1505253574c40bb41beb.pdf> acessado em 26 Abril. 2019

OLIVEIRA, F., M., A.; ÁVILA, F., J., P.; BASTOS, N., M., C.; VASCONCELOS, V., L. Romantização do relacionamento Abusivo, uma violência silenciosa: A ineficácia da Lei Maria da Penha. **Anais** do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão. Sobral-CE, nov. 2016. Disponível em: http://flucianofejiao.com.br/novo/wp-content/uploads/2019/03/ROMANTIZACAO_DO_RELACIONAMENTO_ABUSIVO_UMA_VIOLENCIA_SILENCIOSA_A_INEFICACIA_DA_LEI_MARIA_DA_PENHA.pdf acessado em 27/04/2019

SILVA, V. L. M. **Sob a égide do chicote: Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro p.1-42. 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global consultation on violence and health**. Violence: a public health priority. Geneva: WHO, 2002. Extraído de: https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/introduction.pdf

SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)

Aline Silvério Salinas. Graduanda em Psicologia. Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Áreas de atuação: Psicologia Escolar.
E-mail: alinesalinas25@gmail.com

Amira Rabah Santos. Graduanda em Psicologia. Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Atualmente estagiária no campo de necessidades especiais, orientação profissional, e clínica psicanalítica com enfoque lacaniano. Área de interesse: educação.
E-mail: amirasantos21@gmail.com

Bianca Longhitano. Graduanda em Psicologia. Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP. Áreas de atuação: análise do comportamento, Gênero, feminilidade, maternidade e depressão.
E-mail: bianca.longhitano96@gmail.com

Brenda Sayuri Tanaka. Graduanda em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Áreas de atuação: Desenvolvimento infantil no primeiro ano de vida, desenvolvimento psicosexual na adolescência, sexualidade feminina e violência sexual. Membro do grupo de pesquisa: Sexualidade, Educação e Cultura – GEPESEC. Bolsista Bipic. CNPq.
E-mail: brendastanaka@gmail.com

Bruna Ballen. Graduanda em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Participou do Grupo de Estudos e Pesquisa Atenção à Diversidade e do projeto de extensão Cursinho Pré-vestibular

Ferradura. Atualmente integra o projeto de extensão Psicologia histórico cultural e a formação do psiquismo: controle da epidemia de transmissão vertical do hiv/aids. Áreas de atuação: Sexualidade e Gênero; Psicologia Escolar; Psicologia da Saúde.
E-mail: ballenbruna@gmail.com

Bruno de Lima Dias. Graduando em Psicologia. Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Áreas de atuação: Clínica Psicanalítica com Crianças; Saúde Mental e Comunidade; Psicologia Escolar.
E-mail: bruno.dias.li@hotmail.com

Bruno Augusto da Silva Faria. Graduando em Psicologia. Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista – UNESP. Viado com muito orgulho, possui experiência na área de Psicologia Clínica Psicanalítica em atendimento às travestis, homens e mulheres transexuais e na área de Psicologia Escolar (ênfase em Educação Sexual, Direitos LGBTQIAs, Estereótipos Raciais de Gênero, Redução de Danos, Uso Abusivo de Drogas, Encarceramento em Massa, Violência Policial e Tráfico de Drogas. Pesquisa e estuda a interface entre a Psicologia, Cultura e Educação e é fundador do coletivo de redução de danos RD Bauru.
E-mail: brunof.augusto@gmail.com

Caê Oliveira Rodrigues. Graduando em Psicologia. Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista – UNESP. Áreas de atuação: Psicologia do Desenvolvimento Humano, Psicologia da Educação, Acompanhamento Terapêutico com enfoque Comportamental.
Email: caeoliveirarodrigues@gmail.com

Camila Alves Miranda. Graduanda em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Áreas de atuação: Psicologia Clínica.
E-mail: camilamiranda.psico@gmail.com

Danilo Silva Nakashima. Graduando em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Áreas de atuação: Psicologia clínica, saúde mental e inclusão.

E-mail: nakashima.sam@gmail.com

Érica de Souza Soardo. Graduada em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Participou de projetos de extensão na área de educação para a democracia e na área de acompanhamento do Desenvolvimento de Bebês. Bolsista do projeto de educação para o trabalho interdisciplinar em saúde (PET/Saúde), da Unesp Bauru. Áreas de atuação: Psicologia Escolar; Psicologia da Saúde; Gestão de Pessoas.

E-mail: ericasoardo@hotmail.com

Giddeão Gasparini Silvério. Graduando em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista – UNESP. Membro ativo do Coletivo Negro Kimpa. Estagiário de Psicologia Social com grupo reflexivo de homens autores de violência doméstica.

Email: giddeaog@gmail.com

Júlia Borges Nakamura. Graduada em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Realiza pesquisa sobre a percepção dos sintomas de Burnout em profissionais do ramo de prestação de serviços, na área de Psicologia Organizacional e do Trabalho. Áreas de Atuação: Clínica Analítico Comportamental.

E-mail: jubonaka@gmail.com

Julia Pacheco Fanton. Graduada em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Realiza pesquisa sobre equilíbrio entre vida familiar e laboral, na área de Psicologia Organizacional e do Trabalho. Áreas de Atuação: Clínica Analítico-Comportamental e Educação Sexual

E-mail: juliafanton18@gmail.com

Maithê Cristhine Prampero. Graduanda em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Realizou pesquisa sobre Saúde Emocional Materna e participou da Extensão Acompanhamento do Desenvolvimento de Bebês. Áreas de atuação: Desenvolvimento Humano, Saúde Emocional Materna.

E-mail: maitheprampero@gmail.com

Márcia Gabriela Ribeiro Leite. Graduanda em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP. Áreas de atuação: clínica psicanalítica; acompanhamento terapêutico.

E-mail: marciagabrielarl@outlook.com

Matheus Marques Pereira. Graduando em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP. Áreas de atuação: Clínica Analítico-Comportamental, habilidades sociais e temas relacionados a amor e relacionamentos conjugais.

E-mail: matheusmpereira93@gmail.com

Nathalia Macedo Gravalos. Graduanda em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP. Áreas de atuação: clínica psicanalítica infantil, educação inclusiva.

Email: nathaliagravalos@gmail.com

Laís Kinosita Jacobucci. Graduanda em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Áreas de atuação:

E-mail: laisjacobucci@hotmail.com

Luísa Brambilla Caldeira. Graduanda em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Áreas de atuação: Institucionalização médica na saúde mental.

Email: luisacaldeira3@gmail.com

Rafael Daltro Graciani. Graduado em Ciências Biológicas pela UNESP/IBILCE, Campus São José do Rio Preto. Graduando em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Áreas de atuação: Educação Sexual; Bioética e Neurofisiologia; Psicologia Organizacional e do Trabalho.

E-mail: rafael.graciani@gmail.com

Raphael Bogatzky Costa. Graduando em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Analista do comportamento com interesse em estudos na área de jogos aplicados a educação. Áreas de atuação: Clínica, Social e Escolar.

E-mail: raphaelbogatzky@gmail.com.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Ana Cláudia Bortolozzi Maia. Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Doutora e Livre docente. Coordenadora do Grupo de Estudos em Sexualidade, Educação e Cultura- GEPESEC e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana LASEX. Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e inclusão.

E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho. Psicóloga. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Membro Grupo de Estudos em Sexualidade, Educação e Cultura- GEPESEC e do Grupo "A Inclusão da Pessoa com Deficiência, TGD/TEA ou Superdotação e os Contextos de Aprendizagem e Desenvolvimento". Áreas de atuação: Psicologia do Desenvolvimento Humano, Sexualidade, Educação Sexual e Inclusão.

E-mail: leilane.spadotto@hotmail.com

Os avanços das tecnologias digitais facilitaram o acesso às mídias, incluindo filmes, séries e seriados de modo mais rápido e menos custoso. Dos cinemas à “Netflix”, atualmente, compartilham-se mais os sentimentos, percepções, opiniões, críticas, etc., sobre o que assistem. Em pessoas com interesses eventuais ou amantes de cinema há sempre a lembrança de filmes ou trechos deles, diante de temas diversos, ainda mais quando são assuntos complexos como os que envolvem a sexualidade humana. Aqui ela é compreendida como um conceito amplo, histórico e cultural, na medida em que suas representações e sentidos dependem do contexto social em que se vivem o corpo, as práticas sexuais, os desejos, o sexo, os vínculos amorosos, as perversões, etc. A emoção despertada quando assistimos a filmes é diferente em cada subjetividade, mas a reflexão de seus sentidos à luz da construção social do que se impõe como um “padrão” à nossa sexualidade pode ser compartilhada a partir de vários pontos de vista, desvelando, então, a possibilidade da crítica e do combate às discriminações de dissidentes e às atuais expressões de preconceitos.